INDICE

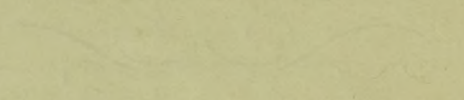
JENNY

UMA LAMPADA ACCESA

PELO

SENHOR

PORTO
TYPOGRAPHIA DE JOSÉ DA SILVA MENDONÇA
68, Rua do Mousinho da Silveira, 70

1889

JENNY

UMA LAMPADA ACCESA

PELO

SENHOR

I

Isabelinha

Quasi sob a augusta sombra do palacio de Buckingham, viam-se, em confusa agglomeração, algumas ruins e miseraveis habitações de sêres humanos. O camartello destruidor, que serve de guarda-avançada á marcha do progresso, ainda não tinha apparecido, nem se fizera sentir no sitio a que nos referimos, no anno da graça de 1860. N'aquelle bairro miseravel habitavam homens e mulheres que pouco ou nada conheciam as commodidades da vida, rapazes e raparigas que, apezar da sua pouca idade, sabiam mais de peccado e de desgostos, do que algumas pessoas, mais favorecidas, chegam a saber ao cabo de uma longa existencia. Immundicia e andrajos, embriaguez, miseria e um aspecto geral de pobreza não sanctificada, eram os caracteristicos que predominavam alli.

Em certa tarde do mez de setembro, uma rapariga de dez annos estava sentada no degrau, já muito gasto, da porta de uma d'aquellas casas, tendo no collo uma creancinha de dois annos. Attento o meio em que se encontrava, a creancinha poderia considerar-se muito bonita. A *Isabelinha*, como lhe chamava a sua pequena ama, não tinha os braços mirrados, nem as mãos em fórma de garras,

nem o rosto macilento e enfezado, que distinguiam as infelizes creanças d'aquelle sitio; pelo contrario, era uma creança vigorosa e bem desenvolvida, e, portanto, bem tratada, tambem. Havia, porém, nos seus olhos castanhos, uma expressão intelligente e subtil que raras vezes se vê em creanças que desconhecem os espectaculos e os sons que, infelizmente, eram muito familiares a Isabelinha.

O segredo da boa disposição d'esta creança consistia em que Jenny Wright, sua meia-irmã, lhe servia de ama e a tinha quasi exclusivamente a seu cargo. A maior parte das raparigas de dez annos, da visinhança, andavam por fóra todo o dia para tratarem da sua vida; e outro tanto aconteceria a Jenny se seu pae não houvesse terminantemente decretado que o primeiro e principal encargo de Jenny seria tomar conta na pequenita, até que esta estivesse em idade de tratar de si mesma. A unica pessoa que fez objecções a esta determinação foi a mãe de Isabelinha, madrasta de Jenny; insurgiu-se contra a ideia de ter uma rapariga de dez annos sempre em casa, agarrada ás suas saias, a entremetter-se em tudo, e a acalentar uma creança que podia passar sem isso, bastando-lhe um bocado de attenção que a mãe lhe desse.

—Nada d'isso!—dissera Ricardo Wright, peremptoriamente. Se a mãe não fosse tão amiga de beber, como era, até á medula dos ossos, podia entregar-se-lhe a creança, e consentir-se que Jenny fosse tratar da sua vida; mas, com os costumes que ella tinha, era indispensavel manter o decreto de que Jenny fosse a guarda constante da creança, e assim ficou estabelecido.

Esta resolução agradou em extremo á rapariga, pois dedicava á irmãsinha entranhado amor, e considerava a sua nova occupação um raio de sol na sua existencia, que, sem isto, seria sempre triste; porquanto, seu pae, apezar de ser homem cordato, não era amoravel, nem mostrava ter affeição alguma a Jenny. Ricardo beijava e acariciava algumas vezes a creança, o bastante para Jenny ficar certa de que elle amava a pequenita; mas não era expansivo, e os desgostos da sua vida tinham-lhe azedado muito o genio. A perda da sua primeira mulher, que era uma

excellente creatura, e a quem elle amara verdadeiramente, fôra para Ricardo um grande golpe. Soffrera tambem a perda de alguns filhinhos, que a morte cedo lhe arrebatara; e, por cima de tudo isto, descobrira, algum tempo depois de casado pela segunda vez, que a mulher que buscara para preencher o logar da mãe de Jenny era uma desmazelada, uma egoista, uma perdida por bebidas fortes. A sua profissão de cocheiro tambem concorria para o tornar misanthropo e intratavel; muitas vezes, depois de estar na praça ou de andar em serviço, conforme acontecia durante as compridas horas de um dia de inverno, ensopado em chuva até á pelle, ou quasi gelado pelo frio, comprehendia que ninguem se importava com elle. As necessidades do seu corpo e da sua alma passavam ignoradas de todos os seus similhantes; consideravam-n'o mais como fazendo parte do trem—isto é, como uma simples machina—do que como um ser humano, que sentisse e pensasse de maneira analoga á dos passageiros que elle transportava, aqui e além, atravez das ruas de Londres.

Menos cruel teria sido a sorte de Ricardo, se, ao recolher a casa, extenuado pelo cansaço e pelos rigores da intemperie, alli encontrasse conforto e alegria; ou mais supportavel, se pelo menos, pudesse reunir-se com os seus, um dia em cada semana, para descançar e recrear-se; mas, por infelicidade sua, pertencia a essa desgraçada classe dos cocheiros de praça, que trabalham todos os dias e em cujo trabalho violento não ha distincção entre o domingo e o resto da semana.

Não se queixava da sua sorte, nem em casa nem aos companheiros; mas ia arrastando a sua vida, dia após dia, tranquillo, melancholico e triste, sem a menor energia ou lucidez do espirito, sem vêr outra coisa adiante de si que não fosse o repouso do tumulo, que chegaria quando a morte viesse arrebatar-lhe as redeas da mão, e obrigal-o a repousar.

Algumas vezes, durante a estação invernosa, quando os frequentes resfriamentos o atacavam, afigurava-se-lhe que a lucta com a vida estava a findar; e, n'essas occasiões, pensava de uma maneira confusa e nervosa, na mor-

te, e no que se seguiria a ella. Raciocinava, comsigo mesmo, que devia existir um Deus; pois a sua primeira mulher tinha conhecido Deus, com tanta certeza como tinha conhecido sua propria filha; e, á hora da morte, dissera que ia para o Senhor Jesus, com a mesma confiança e convicção, com que elle poderia dizer que iria, á tarde, para casa, ter com sua filha Jenny. Demais, a fé tinha tornado feliz a vida de sua esposa, que era uma mulher simples e ignorante, mas tinha o espirito do Christo; e brilhava, na sua humilde esphera, pela sua fidelidade para com Deus e para com o proximo, exactamente como acontece aos que seguem os passos do bom Mestre.

Sim; Ricardo Wright não se atrevia a negar a existencia de Deus. A bella flor de uma vida sem mancha, que sua mulher ostentara perante o mundo, presenceando scenas em que, como Lot, era diariamente vexada pelas palavras impuras da gente perversa, não podia ser de origem nem de desenvolvimento terrestre.

Onde estava, porém, esse Deus, que tão proximo estivera de sua mulher, e tão afastado estava d'elle? Ricardo nada sabia, nada podia affirmar, a respeito d'esse Deus.

Recordava-se, muito confusamente, de ter ido em creança, a um logar destinado ao culto, em companhia de sua mãe, e de haver alli orado, sobre os joelhos d'ella; mas, recordações mais recentes lhe haviam obliterado da memoria as orações que então proferira. Quasi chegara a desprezar a religião de sua mulher, como sendo coisa com que um homem trabalhador, como elle era, nada tinha a importar-se, e escarnecera da esposa quando esta se esforçava por chamar a sua attenção para alguma boa leitura.

«Foram coisas que me entraram por um ouvido, e sairam pelo outro,» confessava elle a si proprio, quando debalde pretendia recordar se d'ellas, nos seus momentos de meditação. Resistira sempre ás supplicas de sua mulher para não trabalhar aos domingos, e para cuidar tanto da alma como do corpo; mas, ainda assim, estimava que ella tivesse tido esta religião, visto que a conservara contente e alegre durante a vida, e lhe proporcionara uma morte pacifica. A elle, faltava-lhe, completamente, o contenta-

mento e a felicidade, e a paz na perspectiva da morte. A's vezes, nas noites escuras, olhava para o céu — que tão negro se estendia por cima do brilho dos candieiros das ruas — e os seus pensamentos eram tão negros como elle. Admittia que a maré louca e revolta da existencia, em que elle vivia e se movia, e que mesmo a sua propria vida, emanavam, de alguma maneira mysteriosa, de um Deus tambem mysterioso; mas para que servia esta vida, com o seu acompanhamento de luctas e miserias, com os seus peccados e os seus desgostos, com as suas scenas de passageiro esplendor, com as suas negras perplexidades e incertezas? E, onde estava o Deus que a creara, que a vigiava, que a regulava... se, realmente, se importava com ella para alguma coisa?

Assim perguntava o pobre e ignorante cocheiro quando a morte parecia querer approximar-se d'elle, posto que mal traduzisse em palavras os tenebrosos pensamentos que lhe adejavam no cerebro. Comtudo, a linguagem do seu coração era certamente esta: «Oh, se eu soubesse onde poderia encontrar esse Deus!» Mas não o sabia. Nem elle, nem a sua segunda mulher, nem Jenny, sabiam coisa alguma a respeito de Deus.

Ricardo só pensava n'estas coisas em occasiões de soffrimento physico. Quando os negocios lhe corriam de feição, esquecia-se completamente de Deus, e só quando se espalhava pelo paiz, com a velocidade de um incendio, a noticia de algum accidente terrivel, como um desastroso naufragio ou uma desgraça no caminho de ferro, é que elle exclamava, com agitação febril: «Graças dou a Deus por me haver poupado a similhante morte! mas só Elle sabe qual virá a ser o meu fim!»

Jenny era tão ignorante como seu pae, mas nunca pensava n'estas coisas, nem com ellas se importava. Era como se tivesse nascido em terra de pagãos, pois nada sabia ácerca de Deus, posto que, por sua desgraça, o seu sagrado nome lhe fosse, aliás, muito familiar por ser um dos principaes vocabulos da linguagem dos blasphemadores. Sua mãe havia morrido quando ella apenas contava tres annos: se assim não tivesse acontecido, quão differente to-

ria sido a sua sorte! As suas pequenas mãos ter-se-iam erguido n'uma prece, e os seus pés teriam sido suavemente dirigidos para as veredas da paz, ao mesmo tempo que o harmonioso nome de Jesus lhe deleitaria o ouvido, como o d'Aquelle que mais ama as creancinhas, em vez de ser para ella, unicamente, o terrivel prefacio das pragas de gente perversa.

Apparentemente, Jenny era como muitas das raparigas abandonadas da sua idade, que enxameiam pelos bairros mais pobres da grande capital da Inglaterra. Andava sempre suja e esfarrapada, e com os cabellos emmaranhados: ainda mesmo que andasse limpa e arranjada, não teria parecido bonita; mas havia, no seu olhar, o que quer que fosse, que um observador perspicaz descobriria n'elle, logo ao primeiro exame, que aquella rapariga tinha disposição para fazer e para soffrer grandes coisas, se as circumstancias a isso a inspirassem. Havia uma maravilhosa expressão nos seus grandes olhos pardos, ornados de longas pestanas negras, uma certa fixidez, que manifestava que Jenny ousaria muito, e nada temeria, quaesquer que fossem os acontecimentos que se lhe deparassem.

Voltemos, agora, a encontral-a sentada no degrau da porta, a brincar com Isabelinha. Jenny tinha acabado de lavar a creança, pela segunda vez n'aquelle dia, e vestira-lhe um bibe lavado; ficando ella, por singular perversidade para comsigo mesma, suja e despenteada. A razão d'isto era o dar-lhe muito incommodo tratar de si mesma, emquanto que experimentava grande prazer em lavar e vestir a creança, e trazel-a bonita. Os vestidinhos e as saias de Isabelinha andavam sempre lavados e remendados, e Jenny muitas vezes comprava meia jarda de chita para lhe fazer um bibe novo, que diligenciava talhar o mais á moda possivel, mas que a mais reles costureira acharia sempre de um feitio detestavel. O dinheiro com que comprava estas coisas provinha das suas economias. Todos os dias, qnando ia levar a ceia ao pae, á praça dos trens junto a Hyde Park, passava por casa de uma tal snr.ª Stone, mulher de um cocheiro que parava na mesma

praça, e levava-lhe tambem a sua ceia, a troco de uma pequena gratificação semanal.

N'esta tarde de setembro, na occasião em que encontramos Jenny, approximava-se a hora de ella ir fazer o recado do costume. Sua madrasta estava em casa, preparando a ceia; fôra trabalhar meio dia, e voltara para casa, sem dar signaes de embriaguez, posto que cheirasse muito a aguardente, que evidentemente bebera ao regressar a casa.

—Vamos, Jenny! traze cá a menina, e trata de ir levar a ceia. Dize a teu pae que me mande um shilling para comprar carvão; acabou-se todo o que havia. Se elle não estiver na praça, espera até que elle venha.

Jenny levou a creança para casa, com reluctancia, dizendo:

—A minha vontade era leval-a commigo, tão bonita como está. Estou certa que havia de poder com ella e com as cestas da ceia.

—Nada de tolices! E trata de te pores a andar! Era melhor trazeres a creança pendurada ao pescoço.

—Ora! tomara eu! disse Jenny, rindo, e não se importando com os modos asperos da madrasta.—Parece-me que o lume não se apagará antes de vir o carvão; vou deixar em cima das brazas um tacho com agua para lhe lavar o vestidinho e a saia, quando ella fôr para a cama. Bonita menina! Venha de lá um beijo para se despedir da sua Jenny... um, dois, tres. E agora, adeus minha linda, que eu não me demoro um instante. Viva!

A joven pegou no cesto da ceia, e sahiu; mas voltou d'alli a nada, apezar da torrente de palavras desabridas com que sua madrasta a reprehendia por similhante demora.

—Quero mais um beijo, Isabelinha,—disse ella, curvando-se, e beijando quasi apaixonadamente a face que a creança lhe offerecia.

—Jenny volta depressa,—disse a creança com intimativa.

—Tão depressa quanto puder, minha linda!

E Jenny deitou a correr. Pobre rapariga! teria ella tido presentimento de uma terrivel separação, quando voltara a pedir-lhe mais um beijo?

II

Será verdade?

Quando Jenny chegou á praça dos trens, soube que o pae tinha ido levar um freguez a Regent's Park. Disse-lh'o o outro cocheiro, o sr. Stone, o qual ficou muito satisfeito com a sua ceia, indo tomal-a encostado ás grades do parque. Jenny não teve remedio senão esperar pelo pae, pois não se atrevia a voltar para casa sem levar o shilling. Demais não lhe importava demorar-se porque sabia que a sua Isabelinha ficara muito bem em casa; comtudo, muito mais gostaria de tel-a trazido comsigo. Stone, que era um homem muito jovial, emquanto esteve ceiando, foi gracejando com Jenny, para a fazer rir, de modo que o tempo passou sem que ella desse por isso. A tarde estava amena e aprasivel; e Jenny estava entretida a ver passar as ricas carruagens que entravam e sahiam de Hyde-Park, e a admirar os luxuosos vestidos das senhoras que andavam passeiando a gosar aquella tarde de sol.

Mas, subitamente, começou a sentir certo sobresalto e impaciencia, pensando na sua preciosa menina.

—Estou anciosa por meu pae. A ceia ha de estar já fria como a agua do rio.

Depois accrescentou, n'um tom colerico, dirigindo-se a um garoto esfarrapado que vinha a correr para ella:

—Safa-te do pé de mim, Jaime! Olha que me deves uma divida por aquella pedrada que o outro dia me atiraste, e que, por um triz, não foi bater na minha Isabelinha. Se lhe tens acertado, matava-te agora aqui!

—Que estás tu ahi a dizer, meu pedaço de mulher! —disse Stone.

—E' que isto é um atrevido!—replicou Jenny com vehemencia. Não ha um maroto como este, digo-lh'o eu.

—Tu ralhas muito,—disse o rapaz—mas sempre te digo o que vinha dizer-te, e olha que não é brincadeira: a boneca que tu costumas trazer ao collo, pegou-lhe o fogo e foi para o hospital toda queimada.

—Calla-te, mentiroso! Safa-te d'aqui já, senão chego-te! Veja, sr. Stone, as brincadeiras que este maroto tem. Diz mentiras aos contos, e já não é a primeira vez que me quer assustar por causa da Isabelinha!

—Olha que não estou a mentir; tu verás,—disse o roto e sujo gaiato, fazendo uma cabriola e deitando a correr.

Jenny lançara á conta de mentira as palavras do rapaz; comtudo, sentiu um calafrio no coração ao pensar que não era impossivel serem verdadeiras. Em todo o caso, era indispensavel voltar a casa, para se certificar, e para explicar á madrasta o motivo da sua demora: depois viria buscar o shilling, trazendo a menina comsigo. Deixou portanto, a ceia ao cuidado de Stone, e correu em direcção a casa. Ao passar pelo hospital de S. Jorge, não poude deixar de deter-se na escadaria, a ver se lhe chegava aos ouvidos algum grito ou alguma palavra que pudesse confirmar as palavras do rapaz. Mas logo se reprehendeu a si mesma, por haver dado tanto credito á maliciosa historia de Jaime. O certo é que nunca faltam portadores a uma ruim nova; antes de Jenny chegar a casa encontrou um bando de rapazes, annunciando em altos brados as terriveis palavras do rapaz, que até agora fôra sempre classificado, por ella, de mentiroso:—«Olha, a tua menina morreu queimada, Jenny!»

No primeiro momento, a pobre rapariga ficou como que petreficada; parecia uma estatua, as faces lividas, e os grandes olhos pardos desmedidamente abertos. Queria fallar, mas as palavras não lhe acudiam aos labios, brancos como os de um cadaver. Depois como para quebrar um horrivel pezadello, fez um esforço convulsivo, e bradou:

—Não, não é verdade! aquelle maroto do Jaime foi quem disse a vocês que viessem dar-me essa noticia, seus patifes! Arredem-se todos, senão...

Jenny distribuiu soccos para a direita e para a esquerda, possuida de grande furia, de modo que a rapaziada não quiz ouvir mais, e todos deitaram a fugir desesperadamente, para lhe escaparem, com os andrajos a baterem-lhes nas immundas pernas. Jenny não parou até che-

gar á porta da sua miseravel habitação, e então vacillaram-lhe os passos. Animara-se ainda a esperar que a Isabelinha viria ao seu encontro, com os seus passinhos pouco firmes; mas havia alli um silencio de morte. Entrou, e sentiu-se desmaiar, vendo-se na necessidade de se agarrar á argola da porta para não cahir. Em volta da chaminé havia farrapos queimados, e um pedaço de chita do bem conhecido vestidinho da creança. Jenny sentiu uma vertigem, e curvou-se para apanhar estes despojos, mas as suas mãos só apanharam o ar, chegou-lhe aos ouvidos um som de agua que se despeja, e cahiu sem sentidos sobre o logar da sua Isabelinha.

Uma hora, um mez, um anno, uma eternidade lhe pareceu o tempo, até que, no meio da escuridão, ouviu uma voz distante que dizia:

—Abençoada rapariga! então não queres tornar a accordar? Anda, Jenny, levanta-te, pequena! Teu pae não ha de perder agora as duas filhas, de uma vez.

A voz sonora, e um vigoroso sacudimento no corpo de Jenny, conseguiram dissipar dos seus olhos a nevoa e a escuridão; um momento depois abria os olhos e via que a desolada casa estava innundada dos gloriosos e dourados raios do sol poente.

Oh! quanto seria preferivel haver fechado os olhos, para sempre, á terra e á luz do sol! Oh! quanto seria preferivel haver-se poupado, assim, á angustia de despertar para as horriveis realidades d'aquella hora! Eis o que exprimia o longo e profundo suspiro que ella soltou do intimo d'alma, ao voltar a si.

Junto d'ella estava uma visinha, com uma bacia de agua na mão, com que borrifava abundantemente o rosto de Jenny.

A pobre rapariga olhou para a visinha em muda afflicção. Não ousava formular as perguntas, cujas respostas anciava saber.

—Então, Jenny, não te afflijas, boa rapariga! Tinha de acontecer, e já não tem remedio; tanto peior,— disse a pretendida consoladora.

—Oh, snr.ª Catharina, — exclamou Jenny, por fim,

agarrando-se com ambas as mãos ás saias da visinha,—pois... pois será verdade?

—E' verdade ter a creança ficado muito queimada, mas não morreu, e é possivel que escape d'esta.

—Oh! ha de escapar, ha de escapar!—bradou Jenny, com voz estridula; e tanto a animava um raio de esperança, que as lagrimas soltaram-se-lhe em torrentes, e sentou-se a chorar e a soluçar até se derreter o gelado peso que lhe opprimia o coração.

A visinha, que estava junto d'ella, era uma grosseira amostra das mulheres da sua classe, e capaz de encarar o espectaculo mais horrivel sem se commover. Mas n'aquelle momento, o seu duro coração commovera-se, ao presenciar a dôr que opprimia Jenny. Chegou mesmo a estender o braço, e a correr a mão pelo cabello desgrenhado da joven:

—Sim, tu sempre foste muito amiga da pequerrucha.

—Oh! visinha Catharina!—suspirou Jenny—não poderei viver sem ella! Morrerei, se a minha querida menina não melhorar.

—Deixa-te d'isso, rapariga,—accudiu Catharina.—Ainda que morressem queimadas, diante de ti, seis creanças, não morrerias, quanto mais uma só! Não se morre assim, por vêr morrer os outros.

—Oh, snr.ª Catharina!—murmurou Jenny, a quem aquellas palavras não davam conforto,—conte-me lá como foi que esta desgraça aconteceu.

—Sim; tu foste levar a ceia a teu pae, e tua mãe sahiu para ir beber a sua pinga, alli á taberna da esquina, deixando a pequena sósinha. D'alli a pouco, ouvi um grito terrivel e tão desesperado que julguei que a tua madrasta estava a esfollar alguma de vocês; corro, e valha-nos Deus! tópo com a pequerrucha a arder, que parecia uma fornalha!

Jenny soltou um grito, e cahiu da cadeira, rollando pelo chão n'uma agonia indiscriptivel.

—Então que é isso? parece-me que tambem queres morrer,—disse a mulher com mau modo, ao mesmo tempo que suspendia Jenny por um braço e tornava a sental-a na cadeira.—Se continuas assim, olha que me vou embora.

—Não, não se vá embora!—supplicou Jenny.—Conte-me o resto, snr.ª Catharina.

—Bem, então está callada. Deitei-me á pequerrucha e apaguei-lhe as chammas, conforme pude, com esta saia de lã, arranquei os farrapos que estavam a arder, embrulhei-a n'este vestido, e corri com ella como uma doida para o hospital. Entretanto, chegou a tua mãe—aquella desvergonhada—e deu com todo este barulho...a casa estava cheia de gente que queria saber noticias; deitou a correr para o hospital, atordoando tudo com grande gritaria, mas socegaram-n'a quando lá chegou. E' claro que não lhe deixaram vêr a creança, porque lhe estavam a fazer o curativo, de maneira que a tua mãe retirou-se e nunca mais ouvi fallar d'ella. E' natural que fosse deitar-se ao rio.

Um gemido foi o unica resposta de Jenny.

—Bem, agora parece-me que vaes estando melhor. E então vou para casa, porque tenho uma grande trouxa para esfregar. Cobra animo, rapariga, e não vás matar-te agora por causa de uma migalha de gente...ainda que a pequerrucha era bonitinha, lá isso era. Olha, se fôr para o outro mundo, é uma fortuna para ella, que sempre fica livre de soffrimentos; outro tanto acontecesse a muitas outras creanças que eu conheço!

E acabando de proferir estas palavras, Catharina sahiu, muito contente comsigo mesma pela parte que tomara n'esta tragedia domestica.

Jenny apenas se conservou sentada por mais um ou dois minutos. Levantou-se e foi direita ao hospital. Antes porém, de ter dado um cento de passos, lembrou-se que seria necessario um pretexto para se apresentar alli. Obscureceu-se-lhe o coração com a idea de que seriam baldados os seus passos. Naturalmente o porteiro não quereria ouvil-a, quanto mais deixal-a entrar... ella ia tão suja, tão rota, tão lacrimosa.

Voltou a casa, lavou a cara e as mãos, e arranjou o cabello da melhor maneira que poude. Não era possivel melhorar mais a sua apparencia, porque o fato que trazia no corpo era o unico que possuia, apezar de seu pae ser um homem serio e não ter grande familia a sustentar. Se

o guarda roupa da pequena era tão escasso, a culpa não era do pae; muitas vezes trazia elle fato para Jenny, mas a madrasta ia vender ou empenhar tudo, na primeira occasião. Por fim, a pobre Jenny, vendo que lhe era impossivel conservar a sua roupa, e desejando pôr termo ás terriveis contendas que sempre se seguiam áquelles actos de sua madrasta, dissera ao pae:

—Olhe, pae, não me compre mais nada; este fato que tenho serve ainda muito bem, e eu sei laval-o quando estiver sujo.

Assim o guarda roupa de Jenny ficou reduzido á expressão mais simples, por tempo indeterminado.

Tendo-se pois preparado o melhor que poude, a pobre rapariga tornou a dirigir-se apressada ao hospital, sem mesmo querer pensar na especie de recepção que ahi lhe seria feita. Chegou quasi a desanimar quando subia o ultimo degrau da escadaria, mas fez um esforço sobre si mesma e bateu, com força, á porta. Momentos depois appareceu o porteiro.

—Peço lhe o favor,—começou Jenny, com uma voz tremula que tanto destoava da sua habitual e desabrida maneira de fallar,—peço-lhe o favor de me dizer se a nossa menina entrou para este hospital. Queimou-se muito, ha bocado, coitadinha, e creio que veiu para aqui. Se o senhor m'a deixasse vêr, ainda que não fosse senão por um momento...

—Vêl-a? isso sim! Creio que está ainda a ser pensada pelo medico, e nem sua mãe poderia vêl-a, quanto mais tu. Ha dias certos para se visitar os doentes; pede a tua mãe que te traga cá n'um d'esses dias, se quizeres vêl-a. Mas quem és tu?

—Ora, meu senhor, eu sou Jenny Wright, irmã da nossa Isabelinha, que está lá dentro...

—Bem; vae então para tua casa, como boa rapariga que pareces ser, e não tenhas cuidado na tua menina; ha de ser muito bem tratada aqui, e podes pedir a tua mãe que te traga cá ámanhã.

Jenny tão tinha ainda deixado de fitar a cara do porteiro, desde que este apparecera, com o seu olhar an-

cioso e supplicante; toda a sua alma estava n'aquelle olhar; mas o porteiro não tinha olhos para o vêr, para o comprehender. Caras tristes e cheias de anciedade via elle todos os dias, de modo que poucas vezes pensava na angustia que ellas traduziam. O rosto e as palavras de Jenny não o commoveram, portanto; e quando ella abria a bocca para fazer mais uma supplica desesperada, o porteiro olhou para a joven como para uma creança impertinente, dizendo com modo aspero:

—Agora, vae-te, rapariga; não tens mais que fazer aqui; e lembra-te do que te digo!

O homem retirou-se, mas Jenny não fez outro tanto. Como poderia ella retirar-se, se Isabelinha estava alli, a poucos passos de distancia, e provavelmente a chorar por ella? porque Jenny era muito mais querida da creancinha do que a propria mãe.

Alguns minutos depois do porteiro haver desapparecido, esquecida de tudo, menos da sua desgraça, sentiu Jenny uma voz aspera que gritava, atraz d'ella:

—Vamos! o que é que tens que fazer ahi? Vae tratar da tua vida, anda!

O recem-chegado era um policia, gente a quem as raparigas da apparencia de Jenny não são muito sympathicas, por lhes conhecerem as aptidões para toda a especie de maldades e travessuras. Um policia era, no entender de Jenny, um sujeito entre o qual, e a pessoa d'ella, era sempre preciso que mediasse a maior distancia possivel; não que Jenny tivesse a consciencia a accusal-a, mas porque sabia, instinctivamente, que pertencia a uma classe suspeita. Assim, tremendo desde os pés até á cabeça, ao ouvir aquellas palavras do agente da auctoridade, galgou em dois saltos a escadaria toda, como se estivesse a commetter algum crime, e deitou a correr para a praça dos trens, como se tivesse azas nos pés.

III

No hospital

Na praça não havia um unico trem, quando Jenny lá chegou: resolveu-se então a passeiar de um lado para o outro, á espera que o pae apparecesse. A' medida que passeiava, Jenny olhava tristemente para o edificio do hospital, sobre o qual scintillavam, no escuro da noite, as prateadas estrellas. Ao longe, para o lado do centro da cidade, o céu ia-se tornando claro, e não tardou que nascesse a lua, cujo brilho veiu augmentar a belleza da noite. N'outras occasiões, com Isabelinha ao collo, tinha Jenny contemplado, com verdadeiro prazer, scenas similhantes: á noite, Piccadilly com as suas compridas fileiras de candieiros, graciosamente curvas, tinha sempre para ella um novo encanto; e quando, áquelle esplendor da terra, vinham as estrellas e a lua juntar os seus fulgores, e os candieiros distantes scintillavam por entre o arvoredo de campo verde, a pobre rapariga esquecia por algum tempo o desconforto e o mau-estar da sua casa, e fazia mil caricias á sua irmãsinha, quasi com tanta alegria como as creanças felizes manifestam quando estão no campo.

N'esta noite, porém, Jenny não encontrava belleza em coisa alguma. O lindo panorama que se desenrollava á sua vista podia ser uma vasta solidão, porque nada se lhe impunha pela belleza. Parecia-lhe que estava em outro mundo differente d'aquelle em que vivia duas horas antes, um mundo de pezares como ella nunca havia comprehendido. Parecia-lhe que a propria vida tinha parado no seu curso; e tudo se lhe apresentava tão vago, tão mysterioso e tão horrivel, como se fosse victima de um pesadello. Effectivamente, o seu espirito e o seu coração, debeis, tinham recebido tal choque que ella apenas se sentia. Não podia pensar nem raciocinar, mas só *sentir*...sentir aquello peso esmagador do pesar e do desgosto, que pareciam prestes a aniquilar-lhe a vida.

Entre os milhões de habitantes d'aquella cidade im-

perial, onde ha tanto pezar e tanta dôr, haveria, áquella hora, um coração mais acabrunhado de angustias do que o da pobre Jenny?

A pouco e pouco foi-se aproximando novamente da entrada do hospital, e começou a rondar em torno das escadas. De vez em quando entravam e sahiam alguns estudantes, que nem sequer olhavam para ella. Como a pobre Jenny invejava aquelles que entravam e desappareciam além do illuminado vestibulo!

Subitamente, um mancebo sahiu do hospital e parou sobre os degraus da entrada, olhando em roda com ar distrahido; accendeu um charuto e começou a assobiar. Jenny, acocorada no canto do ultimo degrau, soltou involuntariamente um gemido quando o ouviu assobiar. Como podia aquelle homem mostrar-se tão indifferente, quando a pobre Isabelinha agonisava lá dentro?

—Olá! que fazes ahi, mulher pequena? Entras para a enfermaria?—perguntou o mancebo dirigindo-se para ella.

Jenny poz-se em pé, promptamente, ao ouvir o som d'aquella voz benevola.

—Perdão, meu senhor; acaso viu, lá dentro, a minha Isabelinha? Entrou para aqui esta tarde, horrivelmente queimada, a pobresinha.

—Vi, sim: estive ajudando a pensal-a... é uma pequenita dos seus dois annos, pouco mais ou menos, não é?

—E' essa mesma, meu senhor!—exclamou Jenny.—Está então melhorsinha? Talvez eu podesse leval-a para casa; tratal-a-iamos com todo o carinho até ella se restabelecer;—acrescentou Jenny, lembrando-se da indifferença com que o mancebo estivera a assobiar, e mesmo sem entender o que elle quizera dizer quando affirmara que a tinha ajudado a *pensar*.

—Julgas as cousas mais faceis do que ellas realmente são,—disse o mancebo sorrindo.—Quem está doente a ponto de entrar para o hospital, não pode sahir uma hora depois. A tua irmãsinha está o melhor que se pode desejar; bem sabes que as queimaduras foram muito graves.

O coração de Jenny, que se reanimara por um instante, tornou a ficar abatido.

—Oh, meu senhor,—exclamou ella, ao vêr que o mancebo descia a escadaria,—não se vá embora, não se vá embora!

E, quasi sem saber o que fazia, agarrou-se-lhe ás abas do casaco, para o deter.

—Então, que é isso?—perguntou elle, com ar benevolo; porque era dotado de um coração sentimental, apesar de parecer indifferente ao estado de Isabelinha.

—Oh meu senhor! já pedi ao porteiro que me deixasse ver Isabelinha, só por um instante, e elle mandou-me retirar, com muito mau modo. Não poderia o senhor deixar que eu a visse? Prometto não lhe tocar, nem lhe dizer palavra, se me der licença para eu a ver. Por quem é! Eu tinha ido levar a ceia a meu pae, quando a pobresinha se queimou, e ainda não tornei a vêl-a. Quando sahi de casa, ainda ella ficava sã e salva. Sou eu quem sempre tratou d'ella, e quero-lhe muito. Oh! por quem é! consinta que eu a veja!

O olhar, a attitude e as palavras supplicantes de Jenny commoveram profundamente o mancebo.

—Parece-me que não podes entrar agora,—disse elle pausadamente, depois de reflectir por alguns instantes.—Mas espera ahi um momento,—e, subindo os degraus, entrou no edificio.

Um momento! Afigurou-se a Jenny que tinha decorrido uma hora, antes que elle voltasse; vinha acompanhado por um sugeito de meia idade, alto, de cabellos louros e rosto agradavel e bondoso.

—Parece-te, então, que dormirás melhor esta noite se vires a tua irmãsinha, não é assim? perguntou o novo personagem com modo affavel.—Pois bem, podes entrar.

Jenny transpoz a porta com intenso temor e receio. O mancebo, que lhe proporcionara a entrada, sahiu na mesma occasião. A pobre rapariga quiz agradecer-lhe, mas a sua lingua parecia estar pegada ao céu da bocca, de maneira que só lhe fez uma desastrada cortezia quando passou junto d'elle.

O sujeito alto voltou á direita, e levou-a a um quarto confortavelmente mobilado.

—Senta-te ahi,—disse elle, offerecendo-lhe uma cadeira,—e deixa-me acabar esta carta.

Depois, sentou-se á meza, que estava coberta de objectos de escriptorio, e escreveu rapidamente durante alguns minutos. Voltou-se, então, para Jenny; fez-lhe varias perguntas ácerca de seus paes, d'ella e da menina queimada, acabando por lhe dizer que o seguisse.

Jenny acompanhou-o por extensos corredores lageados, e por escadarias de pedra, que lhe pareciam não terem fim. Tudo isto lhe trazia á imaginação a ideia de uma prisão terrivel. Entraram, por fim, n'uma enfermaria grande, silenciosa, fracamente illuminada, e, tendo-se dirigida, em voz baixa, a uma das enfermeiras, esta conduziu o sujeito alto e Jenny junto de um pequeno leito.

—A pobre creancinha está agora a descançar,—disse a enfermeira, com ar compassivo,—e espero que assim fique uma hora, pelo menos.

—Naturalmente, os medicos deram-lhe algum remedio soporifero,—disse o sujeito alto.—Bem; esta rapariga é irmã da pequenita, e pediu para a vêr.

Jenny adiantara-se alguns passos, e estava a olhar para a irmãsinha, mais pallida ainda do que quando entrara na enfermaria. Do sitio em que se achava não podia ver, porém, mais do que o vulto de Isabelinha.

—Vem de roda, por este lado,—disse o sujeito.

Jenny obedeceu. O rosto de Isabelinha estava voltado para aquelle lado, sobre o travesseiro. Ai! a linda carinha! não parecia a mesma. Que differença fizera, em tão pouco tempo! Estava meia occulta nas pastas de algodão em rama que lhe envolviam todo o corpo. As crueis labaredas tinham lambido um dos lados da cara e da cabeça da creança, com as suas linguas de fogo. O lado da cara, que estava a descoberto, estava branco como o travesseiro em que repousava, e, por entre as palpebras semi-abertas, Jenny poude vêr o olhar vitreo de Isabelinha.

Comtemplou-a por um ou dois minutos; depois, soltou um profundo suspiro, e poz-se a chorar copiosamente. A enfermeira pegou lhe por um braço, de maneira um tanto rude, dizendo:

—Vae-te embora, pequena. Não se quer bulha aqui.

—Perdoe-me!—implorou Jenny.—Prometto não chorar mais! Mas queria vêl-a ainda mais um instante.

Enxugou as lagrimas com as costas das mãos e, cerrando os labios com força, deu mais um passo para contemplar novamente a irmãsinha. Só Deus sabe o que aquelle coração sentia:—a afflicção de um coração de mãe, a ternura ineffavel, a agonia de uma separação tão completa, que nem lhe permittia tocar ou beijar o ente querido; e o pezar, o fundo pezar, de a haver deixado, ainda que por um momento, sujeita ao risco de uma desgraça como esta. O peito juvenil de Jenny podia comparar-se a um mar agitado pela tempestade, tal era a intensidade dos sentimentos que ali se debatiam; posto que, apparentemente, se mostrasse tão tranquilla que as testemunhas d'esta scena nem poderiam suspeitar o que lhe ia n'alma.

—Agora retiremo-nos,—disse o sujeito alto.—Já vês que a tua irmã é tratada com todo o carinho, e é de crer que durma assim, descançada, até pela manhã. Podes vir vêl-a amanhã, se quizeres.

—Mas olhe, meu senhor parece que está morta,—observou Jenny, com voz sumida e tremula.

—Parece, mas não está, minha filha; e devemos esperar que vá cada vez a melhor.

—Devemos esperal-o,—repetiu a enfermeira com modo de duvida;—mas a pequenita está realmente muito mal.

—Parece-lhe então, minha senhora, que ella irá morrer?—perguntou Jenny com anciosa vivacidade, dando um passo para a enfermeira.

—Esperemos que tal não aconteça,—respondeu a enfermeira, por evasiva.

—Ai minha senhora, se ella morrer...—começou Jenny, mas as lagrimas embargaram-lhe a voz, apezar de todos os seus esforços, e não poude continuar.

—Se ella morrer—concluiu uma voz infantil,—irá ser feliz com Jesus.

Jenny voltou-se para o lado de onde vinha aquella voz que lhe completara a phrase de uma maneira tão extranha para ella. A voz vinha da cama contigua á de Isa-

belinha, onde jazia uma rapariga de mui debil apparencia, e da idade de Jenny, pouco mais ou menos, a qual tinha estado a observar e a ouvir, com o maior interesse, o grupo que se formara junto do leito da pequenina.

Jenny fixou-a, por alguns segundos, com um olhar interrogativo, porque as palavras, que ouvira, eram para ella vasias de sentido.

—A menina ha de ser feliz se voltar para casa commigo. Fiz sempre diligencia por fazel-a feliz,—foi a sua resposta.

Depois, nada mais se disse, porque Jenny foi advertida de que a presença e o ruido das visitas podiam incommodar os doentes. Em breve se encontrou, de novo, nas ruas illuminadas pelo luar, onde vagueou por algum tempo, a ver se encontrava o pae, até que, por fim, sentiu-se tão fraca e tão cansada que mal poude arrastar-se até casa. Deitou-se a um canto, para descançar: o somno proporcionou-lhe, por algum tempo, o esquecimento do seu pezar, e achou breve consolação em sonhar que a sua querida Isabelinha já estava boa e era muito feliz na sua companhia.

IV

Um triste despertar

O dia seguinte foi um dia terrivel, na historia da pobre Jenny. Em primeiro logar, logo de manhã, houve uma espantosa altercação entre o pae e a madrasta. Ricardo tivera noticia do que tinha acontecido a Isabelinha, antes de recolher á sua miseravel habitação, na noite anterior. Mas, quando entrou nada podera dizer a respeito do doloroso successo: a um canto do quarto estava deitada sua mulher, completamente embriagada, e no outro estava a pobre Jenny, com a cabeça encostada á parede e o rosto voltado para cima. Viu este triste quadro logo que entrou, á luz indeciza do luar; mas quando achou e accendeu a vella, e viu quão abatido e pallido estava o rosto de Jenny, a ponto de parecer que tinha tido uma grave doença, e quão vermelhas estavam as suas palpebras, não teve animo para a despertar d'aquelle doce esquecimento das suas maguas. O pae bem sabia quanto ella devia soffrer, porque conhecia o amor que ella dedicava á irmãsinha. Emquanto a sua mulher, Ricardo, que era um homem de tino, deixou-a dormir á vontade; sabia que seria loucura, e tempo perdido, dar largas á sua cholera, estando a mulher n'aquelle estado. Assim, foi deitar-se na miseravel cama, acabrunhado pelo desgosto, e ali permaneceu até pela manhã, apezar de pouco ter dormido.

A altercação começou logo ao nascer do dia: violentas reprehensões da parte de Ricardo, e contestações, não menos violentas, misturadas com insultos, da parte da mulher. A pobre Jenny diligenciava fazer as pazes, acalmando a exaltação dos animos, posto que, barbaramente, pensasse, lá comsigo, que todas as reprehensões eram ainda poucas para o que a madrasta merecia, por ter dado occasião á desgraça de Isabelinha.

Ah! quão inuteis, quanto peor do que inuteis, eram aquellas palavras de cholera! não faziam mais do que exacerbar a intensidade da afflicção dos tres, agravando mais do que minorando a desgraça de cada um.

Serenada a tempestade, Ricardo sahiu, pallido e com o olhar desvairado, para ir para o seu trabalho. Passou pelo hospital, onde lhe deram a triste noticia de que a pequenina estava a expirar. Ainda teve tempo de se acercar do leito e de a beijar, antes que ella soltasse o ultimo alento.

--Ah! pobre innocentinha!—conseguiu elle articular, quando, finalmente, os soluços deixaram de suffocal-o,—já não és a primeira de quem me despeço, e, como minha mulher costuma dizer, é melhor que morram quando são pequenos. Mas é horrivel a maneira por que tu morres! Ainda hontem, por estas horas, estavas alegre como um passarinho. E a minha pobre Jenny! O que dirá ella a isto?...

Uma hora depois, chegaram ao hospital Jenny e sua madrasta, esperando encontrarem a doente melhorzinha. O sujeito da vespera veiu ao seu encontro, para lhes dar as tristes noticias, mas quando viu o olhar impaciente, e devorador, da pallida creança, faltou-lhe o animo, e arrependeu-se de ter tomado sobre si o desempenho d'aquella missão. Por uma singular e rapida intuição, Jenny pareceu ler-lhe os pensamentos.

—Está morta, meu senhor?—perguntou ella, avançando para o sujeito.

E como a resposta se demorasse, teve uma vertigem semelhante á que tivera na vespera, e cahiu redondamente no chão. Não era para admirar; porque, alem de estar totalmente consumida pelo desgosto e pela anciedade, ainda não tomara alimento algum desde o jantar do dia anterior.

Tivera um triste despertar! As forças tinham-na abandonado completamente, e, com difficuldade, voltou para casa. Durante alguns dias permaneceu n'um estado de meio-torpor, tão proximo da morte, que o pae chegou a persuadir-se de que a perderia tambem.

E assim desappareceu a pobre Isabelinha, como desapparecem, prematuramente, n'este paiz christão, tantos milhares de creanças, victimas do desamparo. Jenny escapou á agonia de ver e de saber todos os promenores.

Deccorridos muitos dias, que passaram como um sonho, as forças foram-lhe voltando pouco a pouco; aventurou-se, então, a interrogar o pae, mas este impoz-lhe silencio, replicando:

—Jenny, minha querida filha, não me perguntes cousa alguma ácerca da tua irmã: essas perguntas não fazem bem a ti, nem a ella, pobre innocentinha! Deves agora crer nas palavras que tua mãe costumava dizer quando lhe morria algum filho, palavras de que talvez te lembres; dizia ella:—«Posto que me custasse a perdel-o, está melhor do que estava. Deus bem o sabe.»—Eis o que ouvi dizer a tua mãe por mais de uma vez.

Jenny conteve as suas palavras, mas não poude conter os seus pensamentos—os seus interminaveis, tristes e interrogativos pensamentos—Deus sabe? onde está Deus? quem é Deus? esse Deus de quem tantas vezes tinha ouvido blasphemar.

Vieram-lhe então á memoria as palavras que a doente proferira no hospital, ácerca de ser Isabelinha «feliz com Jesus.» Oh! quanto ella desejava saber onde estava agora a sua Isabelinha! Estaria com Jesus? Mas, quem era Elle? Como poderia Elle ter levado Isabelinha para si e fazel-a feliz?

No dia em que estes pensamentos entraram. tão violentamente, no seu espirito, Jenny ficou impaciente por que chegasse a hora de ir levar a ceia ao pae: perguntar-lhe-ia, a elle, alguma cousa ácerca de Jesus. Era muito de presumir que elle podesse esclarecel-a, pensava Jenny; pois seu pae sabia tudo quanto se passava em Londres, e fallava ameudadas vezes da rainha e da familia real, e de outros grandes personagens, a quem até chegava a encontrar. Era provavel que Aquelle que podia fazer feliz a Isabelinha depois de separada *d'ella*, depois de tão horrivelmente queimada, até depois de morta, devia ser alguma pessoa de elevada jerarchia, de quem seu pae já provavelmente, teria ouvido fallar, e a quem já tivesse visto.

Assim, quando, segundo o costume, sahiu de casa com a ceia, o seu espirito ia preoccupado com este unico pensamento. Passou por casa de Stone, cuja mulher lhe

disse que era preciso andar mais ligeira, porque já era tarde, e a ceia do marido estava feita havia muito tempo. Mas Jenny não podia ainda andar ligeira; mal tinha forças para transportar o cesto, muito devagar, até á praça dos trens.

—Irei o mais depressa que puder,—disse ella—mas a todo o momento sinto vontade de sentar-me.

—Realmente, parece que estás ainda muito fraca, rapariga—replicou a sr.ª Stone;—mas é preciso não te entregares a isso, para não te fazeres mandriona, percebes?

Jenny continuou o seu caminho, por não ter que responder a isto. Ficou satisfeita por encontrar, na praça dos trens, seu pae e Stone; alegrava-se sempre quando elles recebiam a ceia ainda quente.

A joven ficou de pé junto de seu pae, olhando distrahidamente para os transeuntes, emquanto elle ceiava.

—Então sentes-te mais forte hoje, Jenny?—perguntou elle subitamente.—Estás ahi tão callada como um rato.

—Não me atrevo a dizer que estou melhor, meu pae; mas estou callada, porque estou a scismar n'uma cousa.

—Em que scismas, então?—perguntou o pae.

— Queria que me dissesse quem é Jesus.

—Jesus?— repetiu elle, com ar um tanto atemorisado.—Ora, olha para mim, Jenny! acaso quererás ir-te embora tambem?

—Para onde, meu pae?

—Para onde foi Isabelinha, e os outros teus irmãos. Não gosto que as raparigas da tua idade, que devem estar sempre alegres, façam perguntas sérias, como essa.

—Mas o pae bem sabe—replicou Jenny—que foi uma menina, que estava doente no hospital, que disse que Isabelinha, se morresse, iria ser feliz com Jesus; por isso é que eu preciso saber quem Elle é e onde está.

—Que rapariga esta! olha, se queres que te diga a verdade, sómente sei que lhe chamam «o Salvador,» e que está no céu.

—E onde é o céu, meu pae?

—Ora, aonde ha-de ser, rapariga? é lá em cima. Mas, realmente nada mais sei a respeito d'essas cousas.

Jenny ergueu o olhar para o firmamento, onde as estrellas scintilavam, uma por uma. Fitou-o anciosamente durante um minuto, mas nada mais viu do que aquelle antigo céu, que já vira tantas vezes antes.

—Pae,—exclamou ella por fim a meia voz, e como em apaixonado lamento—não vejo lá mais do que as estrellas que lá estão sempre; não pode estar alli pessoa alguma, nem ha alli logar para se viver. Oh! quanto eu desejava saber!

—Que desejas tu saber!—perguntou Stone, que tendo acabado de ceiar, andava a dar o seu passeio de cá para lá. Approximara-se ao ouvir as ultimas palavras de Jenny.

—Isto é ainda fraqueza,—atalhou o pae —Está agora a scismar em cousas singulares; creio que é resultado do desgosto que soffreu.

—Então que cousa má é essa que queres saber, Jenny?—perguntou Stone com ar benevolo.

Não tornara a brincar com ella desde o terrivel acontecimento: e fallava-lhe quasi com ternura, em attenção ao estado de fraqueza e debilidade em que a via.

—E' ácerca de Jesus—respondeu Jenny com anciedade;—queria saber onde Elle está, e quem Elle é.

—Bello! vou já dizer-te o que tens a fazer: vae de aqui direita a minha casa, falla com minha mulher, e ella te dirá mais do que precisas saber. Ella sabe tudo isso; é uma das creaturas mais religiosas que teem existido, e conhece a Biblia quasi do principio até ao fim. Aqui estou eu que já devia estar um santo, tantos são os sermões que ella me tem impingido; mas, quero lá saber da religião d'ella! Sabes que mais: —perguntou elle, em voz baixa, ao pae de Jenny,—é a cousa mais incommoda d'este mundo.

—Sim?—replicou o outro, em tom interrogativo.—Pois a minha primeira mulher tambem era dada á religião, e nunca me pareceu que fosse cousa incommoda.

—E' porque a religião da tua mulher era differente da da minha,—disse Stone. E afastou-se, porque viu um freguez aproximar-se do seu trem.

—Agora, Jenny, vae para casa,—disse-lhe o pae,—e deita-te cedo. Não te importes com essas coisas emquanto não estiveres mais forte.

—Mas deixe-me ir agora por casa da sr.ª Stone, meu pae.

—Vae, se queres; mas não andes a vaguear pelas ruas a estas horas.

Jenny retirou-se vagarosa, em direcção a casa da mulher do cocheiro. Morava ella n'uma rua limpa, e a casa era, seguramente, a mais asseiada da rua. A sr.ª Stone não tinha filhos, o que ella considerava como um beneficio por que devia dar muitas graças.

—A Providencia previu -dizia ella—que eu não poderia supportar a immundicia e o barulho das creanças, e por isso m'as não deu.

Os seus habitos de asseio eram tão geralmente conhecidos pelos visinhos, que costumavam dizer que se podia lamber o chão em qualquer parte da sua casa. Como tinha mais tempo e mais casas do que precisava, alugava um quarto. Quando acontecia despedir-se o hospede, um papel, pegado na vidraça da sala, annunciava que se desejava um hospede solteiro e decente. Actualmente, o hospede era, na opinião da dona da casa, o melhor que se podia desejar; era um rapaz de desenove annos, bem educado, methodico e regular nos seus habitos, que dava pouco ou nenhum incommodo, e pagava a renda logo que esta se vencia. Alem d'isso era religioso, posto que a sua religião differisse essencialmente da da sr.ª Stone, a ponto d'esta não a comprehender, dizendo confidencialmente, a seu marido, que o rapaz tinha uma religião extravagante.

O joven hospede chamava-se Alberto; viera recentemente de casa da familia, que vivia na provincia, afim de se empregar n'uma casa de negocio, em Londres, onde permanecia desde as oito horas da manhã até ás sete da tarde. Ganhava pouco, mas tinha esperança de vir a ter um bom futuro. Quando Jenny, ao regressar a casa, batera á porta da sr.ª Stone, ainda o hospede não tinha voltado do escriptorio. Jenny bateu muito devagar, e disse á dona da casa, timidamente, se dava licença que ella en-

trasse, por um momento, pois desejava fallar-lhe em particular.

A sr.ª Stone mediu-a da cabeça até aos pés, com olhar investigador, como para calcular qual o grau de contaminação que a entrada de Jenny trazia á sua habitação. E foi-lhe dizendo, ao mesmo tempo, que mesmo da parte de fóra podia dizer o que queria.

—Dê-me então licença para me sentar, aqui no degrau da porta. Não posso ter-me em pé. Foi seu marido quem me disse que viesse por sua casa.

—Bem; se trazes algum recado d'elle, podes entrar. Mas o que é certo é que tu,—accrescentou a sr.ª Stone, dando um passo para traz, para dar logar a Jenny avançar até ao capacho,—o certo é que tu não andas sufficientemente limpa e asseiada, para entrares em casa de gente decente; não deves esperar que te deixem passar da porta da rua.

N'aquelle momento, Jenny lembrou-se do sujeito que a convidara a entrar para uma boa sala, no hospital, e lhe offerecera um banco para se sentar. Mas limitou-se a replicar, olhando para o seu vestido, já muito velho:

—E' verdade, minha senhora, não estou em modos de entrar n'uma casa tão limpa como a sua; mas creia que me lavei hoje o melhor que pude.

—Sim, parece que te descancaste um pouco; e que já não estás tão suja como é costume. Mas, vamos, adiante, dize lá o que tens a dizer. Se estás cançada, encosta-te ahi á parede, e vae fallando; ha hoje serviço na nossa egreja, e tenho de sahir já.

Este frio acolhimento magoou e desanimou Jenny a tal ponto, que só a muito custo conseguiu dizer:

—Desejava perguntar-lhe, minha senhora, quem é Jesus.

Foi tal o espanto da senhora Stone, ao ouvir tal pergunta, que ficou sem falla por mais de um minuto.

—Ora esta! louvado seja Deus! Já tinha ouvido dizer que havia pagãos n'esta terra christã; mas, que eu o soubesse, nunca tinha estado diante de nenhum. Ai, rapa-

riga ! toda eu tremo só em olhar para ti ! negregada creatura !

Jenny, não menos aterrorisada ficou, ao ouvir estas palavras, e tambem não podia fallar. Ergueu um olhar supplicativo para o rosto da sr.ª Stone, esperando que as palavras, que ia pronunciar, servissem de explicação ás que proferira.

—Estás n'um estado tal de condemnação—continuava a sr.ª Stone,—que se não tratares de ti, ficarás perdida para sempre.

—Pois quero tratar de mim, minha senhora ; e por isso vou direita para casa, conforme meu pae me disse, sem andar a vaguear pelas ruas. Mas, não é de mim que se trata agora : seu marido disse-me que a senhora sabia tudo a respeito de Jesus ; e a mim disseram-me que a Isabelinha foi ser feliz com Elle—desejava eu que me dissesse quem Elle é, e aonde está.

—Sim, creio que a tua desgraçada irmã estará com Elle, o que foi, para ella, uma felicidade. E tu, fica sabendo que Jesus é o Filho de Deus, o Principe da Paz, e que vive no céu, na nova Jerusalem celeste, que é a mãe de nós todos.

Stone tivera razão em dizer que sua mulher diria a Jenny mais do que ella precisava saber. A creança ficou ainda mais aturdida, com as explicações da sr.ª Stone, e como se sentisse muito fraca para sustentar uma conversação longa, com que, naturalmente, nada aproveitaria, dispunha-se a retirar-se quando alguem bateu á porta.

V

Na cosinha da sr.ª Stone

A sr.ª Stone, que conservava a mão sobre o fecho da porta emquanto fallava com Jenny, levantou o trinco, e ficou surprehendida ao ver o seu hospede.

—Vem hoje muito cedo.

—E' verdade, sahi hoje mais cedo, de maneira que posso ir comsigo á egreja, se me permittir que a acompanhe,— replicou o mancebo.

—Da melhor vontade, e estou certa de que ha de gostar muito de ouvir o nosso ministro.

E como Alberto olhasse insistentemente para Jenny, a sr.ª Stone continuou:

—*Isto* é uma rapariga que costuma vir buscar a ceia para meu marido; é irmã da pequenita que morreu queimada, e em que lhe fallei. Pois sabe? é uma pagã completa! Nem mesmo conhece o Deus que a creou!

—Pobre creança!—murmurou o mancebo, manifestando a maxima piedade nos seus bondosos olhos negros.

As faces de Jenny tornaram-se carmezins, e a joven sentiu que não podia fitar aquelle olhar. Não comprehendia o que significava o vocabulo *pagã*, mas viu, pela expressão do mancebo, que devia ser alguma cousa horrivel, e sentiu-se completamente envergonhada.

—Veiu perguntar-me quem é o Senhor Jesus,—continuou a sr.ª Stone—e, até me custa dizel-o, não faz esta pergunta por amor da sua alma. Supponho que era amiga da irmã e deseja saber para onde ella foi.

—Oh!—disse o mancebo, com anciedade—traga-a para o meu quarto; porque hei de ter muita satisfação em fallar com ella um bocado.

—Mas bem vê,— atalhou a sr.ª Stone, friamente— que temos de ir para a egreja, e não ha tempo para conversas.

O mancebo pareceu ficar surprehendido e maguado com estas palavras. Consultou o relogio, e disse:

—Ainda podemos dedicar cinco minutos, ou dez, a

esta creança. Seria uma crueldade despedil-a com as mãos vasias, quando ella padece fome pela verdade. Entremos, por favor.

Nos modos do mancebo havia o que quer que fosse que dominava a sr.ª Stone, a ponto de ella nem poder exprimir a repugnancia, que lhe causava a ideia de Jenny entrar nos seus quartos. Vendo que o hospede pegava brandamente na pequenina mão de Jenny, e a conduzia para a sala, sentiu-se obrigada a seguil-os, posto que o seu coração protestasse, e arrependeu-se de não ter posto a rapariga fóra de casa antes do hospede ter entrado em scena.

Jenny ficou-lhe extremamente agradecida, quando elle a sentou na poltrona de que habitualmente se servia. Parecia lhe que a poltrona a sustinha e soccorria, na sua fraqueza e fadiga, como se tivesse braços humanos. O mancebo sentou-se diante d'ella, e disse-lhe tão familiar e affavelmente, como se a conhecesse desde o principio da sua vida:

—Perdeste, então, a tua irmãsinha, não é assim? Pois bem, ella foi ter com Jesus, e é agora muito feliz. E tu desejas saber quem é Jesus, não é verdade?

—E', sim, senhor,—respondeu Jenny, ganhando confiança e fitando n'elle o olhar.

—Bem, querida filha, Jesus é o bom Salvador, que ama as creancinhas. Quando esteve n'este mundo, as creancinhas costumavam reunir se em volta d'Elle, e Elle tomava-as nos braços, e abençoava-as. Jesus é o Filho de Deus, do Deus nosso Pae, que está no céu, que fez este bello mundo para nós habitarmos, e o sol para resplandecer de dia, a lua e as estrellas para brilharem de noite, as arvores, as flores, e tudo o mais.

Jenny escutava, com a maior attenção, e até sem respirar, esta revelação maravilhosa, que, pela primeira vez, soava aos seus ouvidos. Como Alberto fizesse uma pausa, a joven ergueu os olhos para elle, sem pronunciar uma palavra, como para encontrar ajuda para o grande peso de conhecimentos que descera sobre ella. Chamou-a á realidade a voz de Alberto, perguntando-lhe como se chamava.

—Jenny para o servir.

—Pois bem, Jenny,—continuou o mancebo—este grande Deus creou a ti, e a mim, e a toda a gente, e poz-nos n'este mundo para vivermos por um certo tempo, em que o amemos e sirvamos, e irmos depois viver com Elle, para sempre, no grande e bello céu, que está distante d'aqui, não sabemos aonde; mas havemos de saber, quando morrermos. A tua irmãsinha sabe-o, porque já lá está.

—Com que então, o sr. não sabe onde é o céu?—perguntou Jenny, com tristeza. Meu pae disse-me que lhe parecia que era lá em cima, onde estão as estrellas, mas que não tinha a certeza.

—Sim, talvez seja muito para lá das estrellas. Seja, porém, onde fôr, o nosso Pae celestial e o Senhor Jesus habitam n'elle, bem assim os gloriosos anjos e as bemaventuradas almas que partiram d'este mundo. Eis onde está a tua irmãsinha. E não ha alli prantos nem dôres; nem os que lá estão soffrem desgostos, nem se apartam uns dos outros. Oh, é um feliz logar, Jenny!

O rosto da creança illuminou-se com um reflexo do resplendor que brilhava nas faces do mestre.

—Quanto eu desejava estar lá tambem, com a minha Isabelinha!

—Creio-o, e egual desejo tem muita gente n'este mundo: mas devemos contentar-nos em estar onde Deus quer que estejamos. Bem sabes que não podemos entrar no céu taes quaes somos; temos de nos preparar para isso, e só o Senhor Jesus o pode fazer por nós.

—Mas, queira então dizer-me, como é que Elle ha de dar-nos aquillo de que carecemos para irmos para o céu, se Elle não está n'este mundo?—perguntou Jenny com anciedade.

– Que lhe dizia eu? viu-se lá, nunca, ignorancia mais horrivel? — interrompeu a sr.ª S. que escutava o dialogo com extrema impaciencia.—Parece-me que é perder tempo o pretender illuminar as trevas d'esta pequena. Está envolvida em trevas densissimas.

—Pobre Jenny! — disse Alberto, como se fallasse

comsigo mesmo.—Quão distante estás do reino de Deus, e, ao mesmo tempo, quão proxima estás d'elle!

A snr.ª S. estava attonita com as palavras do seu hospede, cujos sentimentos, a respeito de Jenny, tanto differiam dos d'ella; mas pensava que a differença provinha de elle ser muito *original* em materia de religião. Não podia deixar de reconhecer que o mancebo tinha adoptado melhor methodo, do que ella, para responder ás perguntas de Jenny; começava, até, a sentir-se um tanto envergonhada do desejo, que predominava no seu coração, de se ver livre da rapariga e não querer mais saber d'ella. De modo que, quando Alberto lhe disse que era bom tratarem de assentar na maneira de instruir aquella pobre creança, que nada sabia, absolutamente, a snr.ª S. respondeu, com ar bastante agradavel, que o melhor seria encarregar-se elle de o fazer, pois reconhecia que não tinha dotes sufficientes para tomar semelhante responsabilidade.

—E consentirá, a senhora, que Jenny venha aqui a sua casa?

—Pois... que venha,—replicou a snr.ª S. depois de um momento de hesitação—se o sr. não tem duvida em fallar com ella na cosinha. Realmente, não me parece justo ter de varrer o tapete por causa de uma rapariga da rua. Em todo o caso, sempre lhe quero dizer que não terá muito incommodo com ella; virá, por ahi, uma vez ou duas, pela novidade, mas depois continuará a retouçar por essas ruas, como todas as da sua laia, sem importar-se mais com a sua alma immortal, do que se importam os irracionaes, que a não teem. Lembre-se bem do que lhe digo: já estou prevendo o que ha de succeder.

—Agradeço-lhe muito o consentir que a pequena venha a sua casa,—disse Alberto, como se não tivesse ouvido a ultima parte da resposta da snr.ª S. E continuou, dirigindo-se á joven:—Ouves, Jenny? queres vir aqui, umas noites por outras, aprender a lêr, e instruir-te nas coisas que se referem ao Senhor Jesus?

—Oh! da melhor vontade!—respondeu Jenny, com vehemencia.—Agora, já não tenho com quem me entreter á noite,—accrescentou, com um tremor a agitar-lhe os labios.

—E deves tratar de arranjar um modo de vida assim que estiveres melhor,—disse a snr.ª S.—Agora não tens que fazer em casa; pois se começares a entregar-te á preguiça, por essas ruas, não te auguro bom fim. Deves vêr se arranjas uma collocação qualquer, e pedir a teu pae que te dê fato limpo. Elle ganha bom dinheiro, e pode muito bem dar-t'o.

Estas palavras patentearam a Jenny um novo horisonte, que ella nunca tinha pensado em contemplar. Sentia-se, por emquanto, extremamente fraca para pensar no conselho da snr.ª S. mas possuiu-se da ideia de que era preciso ter uma occupação, para o futuro.

—Por hoje não conversaremos mais,—disse Alberto,—mas, se quizeres vir ámanhã ás sete e meia da tarde, poderás perguntar-nos, a mim e á snr.ª Stone, tudo o que quizeres, e lerei, para tu ouvires, alguma coisa ácerca de Jesus, a quem tanto desejas conhecer. Pouco terás retido, ou mesmo comprehendido, do que te disse agora; pensa, porém n'isto, Jenny, que o Senhor Jesus sabe tudo o que te diz respeito, vela por ti, e ama-te, apesar de não o conheceres ainda. Adeus, Jenny,—continuou o mancebo, levantando-se e acariciando a cabeça da joven, que tambem se erguera para se retirar;—não te demores na rua, e vae direita para casa. Jenny murmurou algumas palavras de despedida, e seguiu, vagarosamente, o seu caminho. Sentia o quer que fosse de extraordinario quando, uma e outra vez, olhava para o céu escuro e estrellado. Não lhe parecia o espaço vasio, que sempre se lhe afigurara ser; a claridade dos lampeões impedia-a de vêr mais do que as estrellas scintillando, mas parecia-lhe que estas a contemplavam, lá de cima, com ternura. Tinha um sentimento vago de que era acompanhada, de que a vigiavam, posto que não sentisse ainda que *era amada*. Custava-lhe a comprehender que alguem podesse amal-a, como ella tinha amado a sua Isabelinha, por exemplo. Ai! se alguem a amasse, metade—que fosse—do que ella tinha amado a irmãsinha, que fervoroso amor não receberia em troca! Como ella lhe seria dedicada! Como estaria disposta a dar até a propria vida por quem lhe quizesse tanto!

Jenny sentia, realmente—ainda que não soubesse exprimir este sentimento —que o prazer de termos alguem que nos ame, é quasi maior que o de sermos amados. O seu espirito juvenil estava totalmente viuvo, desde que Isabelinha morrera. Era como se as vergonteas do seu coração, que, com tanto amor, se haviam enleiado em torno da pequenina, ora defunta, se tivessem arrancado com violencia, e jazessem, agora, pendentes, sem terem alguem ou alguma coisa a que se enlaçarem.

Esperava, com impaciencia, que chegasse a tarde do dia seguinte, para ter occasião de aprender mais alguma coisa ácerca do bom Amigo, que realmente a conhecia e a amava... no dizer do seu joven preceptor.

Não era menor a impaciencia de Alberto, por tornar a encontrar-se com a sua nova discipula. Tinha o mancebo todo o ardente zelo e todo o enthusiasmo de um recem-convertido. Na vehemencia do seu amor recente, para com o divino Mestre, elevava o mundo inteiro, nas azas do seu impetuoso desejo, até ao throno de Deus. Estava prompto, e impaciente, para fazer grandes coisas por Jesus; porque, tendo comprehendido e visto que em si se realisava uma parte do seu eterno amor, correspondia-lhe amando-o apaixonadamente. E, como sempre faz o verdadeiro amor, quer divino quer humano, precisando ter uma indicação para operar, perguntara: —O que queres tu que eu faça?—não porque estivesse cego com a gloria de Deus, mas porque estava tão compenetrado da luz e do amor, que via o Salvador compadecendo-se de todos os que ainda estavam nas trevas e na sombra da morte, e anciava por trabalhar com Aquelle que o amara e dera a vida por elle.

Alberto viera para Londres, esperando encontrar uma grande esphera para a sua utilidade. Queria fazer grandes coisas, como acontece a tantos convertidos; mas bem depressa aprendeu esta grande lição—que bom seria, tanto para o coração como para o mundo que o coração anhela por vêr coberto de bençãos, ser aprendida mais cedo—que devia desejar conservar-se no logar mais infimo, fazer o trabalho mais obscuro, contentar-se emquanto ao presente, e porventura, sómente permanecer e esperar.

E Alberto tinha aprendido a lição. Dobrara as azas impacientes, que o teriam levado, atravez da terra, até ás coisas mais subidas, e olhara em torno de si para ver o que tinha a fazer, convencido de que o melhor é o que está mais perto. Fez brilhar firmemente a sua pequena luz no proprio logar em que se encontrava, primeiro na sua casa, depois na casa em que estava empregado—cumprindo todos os deveres, não por ostentação, mas por sinceridade de coração, para agradar a Deus e não aos homens; de maneira que começou a ser considerado, pelos patrões, como um empregado em quem se podia implicitamente confiar em todas as circumstancias, que era fiel em tudo,—glorificando o seu divino Mestre não só em tomar a parte d'Elle, quando se offerecia opportunidade, mas tambem em mostrar a sua fé pelas suas obras.

A influencia de Alberto fez-se sentir, egualmente, em casa da snr.ª S. posto que, a principio, fosse um elemento de desordem. As noções religiosas que ella tinha, eram inteiramente differentes das do seu hospede, que ella julgava não passar de ser um espirito *aparentado*, apesar de professar ser *um dos irmãos*, como ella dizia. Com effeito, a snr.ª S. conhecia sufficientemente a letra da verdade, mas tinha pouco do seu espirito. A sua religião consistia mais no exacto cumprimento de alguns deveres religiosos, do que na obediencia aos dois grandes mandamentos: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força; amarás o teu proximo como a ti mesmo,»—esses dois sublimes preceitos que, se fossem por todos cumpridos, transformariam este mundo de afflicções e de loucura, quasi n'um céu.

A ideia suprema da snr.ª S. era, que devia assegurar a sua eleição e a sua vocação. Todas as coisas deviam ceder o logar a esta ideia, e os meios que adoptava, para a realisar, eram lêr diariamente alguns capitulos da Biblia, fazer as suas orações de manhã e á noite, assistir a todos os serviços aos domingos e dias de semana, na egreja a que costumava ir, e reprehender o marido, em todas as occasiões possiveis, pela sua negligencia em materia de religião. Se lhe faltava alguma d'estas coisas, a snr.ª S.

ficava *desconsolada*; porque n'ellas se cifrava toda a sua religião, e cria que se alguma d'ellas fosse desattendida, perigaria a sua alma. Tudo deveres, —deveres que nenhuma creatura de Deus deveria voluntariamente despresar; e a snr.ª S. não errava em cumpril-os, sómente errava no espirito com que os cumpria, e em consideral-os como sendo a somma e a substancia da religião. Da verdadeira communhão com Deus, do zelo em buscar promover a sua gloria, do entranhado amor por Elle e pelo seu povo, nada sabia. E por isso não era para admirar que o marido se desgostasse com a *religiosidade* da mulher, e não estivesse para lhe ouvir os longos discursos, que ella copiosamente adubava com passagens da Escriptura. Não era este o processo de Christo para conduzir peccadores ao redil, nem é processo que possa ter resultado. Alberto parecia-lhe tão original nas suas opiniões, comparadas com as d'ella, que a snr.ª S. chegou a duvidar se a egreja ou capella, que elle frequentava, seria *orthodoxa*; e assim resolveu convidal-o a acompanhal-a uma vez á egreja a que ella costumava ir, com o fim de ver que impressão produzia, no seu hospede, o serviço que alli se effectuava. O resultado não podia ser mais satisfatorio, porque o mancebo declarou que tinha gostado muito; comtudo a snr.ª S. não ficou muito satisfeita quando elle accrescentou:

—Apezar d'isso, preferiria ter ficado em casa e empregado o tempo em ensinar Jenny. Bem vê que ella precisa da instrucção, que eu posso dar-lhe, muito mais do que eu preciso do conforto espiritual que recebi na egreja.

—Mas, bem sabe que não devemos esquecer-nos de nos reunir, como fazem alguns: e que é nosso dever irmos á egreja.

—E' um dever e uma grande prerogativa, —replicou Alberto.—Comtudo, ha casos em que é ainda maior dever ficar em casa, do que ir; não lhe parece?

—Como pode isso ser?

—Pode haver, por exemplo, para uma esposa ou para uma mãe, importantes deveres domesticos a cumprir, em virtude dos quaes ellas deem melhor testemunho de servirem a Deus ficando em casa, do que indo adoral-o á egreja.

—Pois, cá a mim, nunca o marido, nem a casa, me impediram de assistir ao culto,—disse a snr.ª S. com emphase.

—Ainda não ha muito tempo,—observou Alberto,—ouvi eu, um bom e antigo prégador censurar o zelo que afasta de casa as mulheres dos operarios, nas noites de culto semanal, com prejuizo dos maridos e dos filhos; deixando talvez as creanças a brincar na rua, e tentando os maridos a sairem da solitaria casa e a irem para a taberna. «Esposas e mães,» exclamou o prégador, «aprendei a dizer: Adoremos a Deus cuidando nos nossos filhos, fazendo a ceia aos nossos maridos, e conservando a nossa casa alegre e asseiada!» Como vê, este prégador ainda fallou mais terminantemente do que eu, mas a sua lição aproveitou a muitas. Se nós sentimos que, em todos os actos da nossa vida quotidiana, estamos servindo a Deus, e fazendo a sua vontade, em cumprir todos os nossos deveres tanto e tão bem como podemos, e sabendo que o trabalho que se nos apresenta é o que Elle, na sua providencia, nos destinou; penso que, se um d'esses deveres nos apparecer na occasião em que iamos para o local do culto, e o seu cumprimento não puder ser retardado sem inconveniente, serviremos e agradaremos mais a Deus, ficando em casa para o desempenharmos, do que indo servil-o com orações e hymnos publicos, e com attendermos á leitura da sua palavra.

—Sim, talvez haja alguma verdade n'isso que diz, mas nunca encarei as coisas por esse lado,—disse a sr.ª S. com ar pensativo.

—Foi o pensar assim que me fez ter pena de não ter ficado em casa esta noite, a conversar com Jenny. Creio, porém, que amanhã terei occasião de o fazer,—disse Alberto.

E não tornaram a dar palavra, até chegarem a casa, a qual já ficava proxima.

VI

As lagrimas de Jenny

No dia seguinte, Jenny, que estava com grande cuidado em não ir tarde, apresentou-se em casa da snr.ª S. um pouco antes da hora aprasada. Empregara toda a sua diligencia para apparecer o mais decente possivel, n'esta occasião. Durante o dia cozera os rasgões do seu velho vestido de chita, lavara-o e enxugara-o, apezar d'este trabalho ser bastante violento para ella, attento o estado de fraqueza em que se achava. Tinha humedecido o cabello, a fim de o tornar mais macio e agradavel á vista, e trazia a cara e as mãos muito bem lavadas. Emfim, havia muito tempo que a pobre rapariga não se apresentava com tanto asseio.

—Vens muito cedo, Jenny,—foi a saudação com que a snr.ª S. a recebeu, ao abrir a porta, a que a joven batera timidamente.

—Perdão, minha senhora; julguei que já tinha passado meia hora, desde que ouvi dar as sete na torre da cathedral, e receiava vir muito tarde,—replicou Jenny, com um olhar de desculpa, e não se atrevendo a entrar.

—Podes entrar,—disse a snr.ª S., com ar de condescendencia.

Jenny entrou; a snr.ª S. fechou a porta, disse á rapariga que limpasse bem os pés no capacho, e conduziu-a depois para a cosinha.

Era a primeira vez que Jenny alli entrava, e por isso deteve-se no limiar da porta, como se receiasse transpol-o: as cadeiras e a meza pareciam ser só para vista, e não para uso; os utensilios de metal, dispostos nas prateleiras e sobre o fogão, brilhavam como se fossem de oiro e de prata polida; e as grades do fogão, o guarda-fogo e as tenazes, luziam de maneira inteiramente nova para Jenny. Junto do lume crepitante, a um canto da cosinha, havia um pedaço de alcatifa desbotada, mas em bom estado, sobre a qual estava a cadeira estofada, de balouço, em que a snr.ª S. costumava sentar-se a cozer ou a fazer

meia. Tudo isto, comprehendido pelos olhos observadores de Jenny, constituia para ella uma educação; estava tomando lições das artes da civilisação, e notando como ellas podem concorrer para o conforto e para a belleza de uma habitação. Que contraste entre aquella casa e a sua! A sr.ª S. foi direita para a sua confortavel cadeira, e, vendo que Jenny permanecia á porta, dirigiu-se-lhe n'estes termos:

—Podes entrar, pequena. Chega-te para o pé do lume, e aquece-te, por um instante, até vir o sr. Alberto, que está lá em cima. Não ha duvida de que é muita bondade, da sua parte, offerecer-se para ensinar uma rapariga como tu, e espero que lhe prestarás attenção e que tratarás de aproveitar o que elle disser. Não haveria muitas pessoas que quizessem dar-se ao incommodo de conversar comtigo ácerca das boas coisas em que o sr. Alberto vae fallar-te; e tambem não haveria muito quem te deixasse entrar e sentar n'um logar como este, para aprenderes. Lembra-te bem d'isto, Jenny!

—Sim, minha senhora,—replicou Jenny, tornando a percorrer a casa com o olhar.—Está tudo aqui tão limpo e asseiado! Se, ao menos, tivessemos tido uma casa como esta, para Isabelinha! Quer saber, minha senhora? a chuva entrava muitas vezes e molhava a miseravel cama em que a nossa menina dormia! Coitadinha! antes não a tivessemos tido; nem sei o que sinto quando penso n'ella!

Suffocada pelos soluços, Jenny não poude continuar, e levou aos olhos a sua saia de chita.

—Vamos, não sejas tola, nem estejas a lembrar-te de coisas que já lá vão,—exclamou a snr.ª S. com um tanto de mau humor.—Foste, para a tua irmã, o melhor que sabias ser, creio eu, e não tens necessidade de estares a consumir-te por causa d'ella. E não estejas a enxovalhar a saia com as lagrimas, minha tonta! bem vejo que a lavaste,—accrescentou ella com ar mais affavel.—Espero que proseguirás n'esse caminho e que tratarás de andar sempre limpa, para achares occasião de tomares um destino. Pois não é muito mais bonito andar limpa e asseiada, como hoje estás, do que toda desalinhada, como tens andado até aqui?

Jenny limpou as faces, e abaixou a saia, ao mesmo tempo que murmurava, com os labios tremulos, uma palavra de assentimento, com ar distrahido, como quem tem o seu pensamento muito distante; mas logo voltou á realidade, ouvindo os passos de Alberto, que descia a escada.

O mancebo entrou na cosinha, dirigindo a Jenny um sorriso tão bondoso, que ella pretendeu corresponder-lhe com outro sorriso, atravez das suas lagrimas.

—Vieste á hora propria, segundo vejo,—disse Alberto.—Assim é que eu gosto; é sempre melhor chegar um pouco mais cedo, do que um pouco tarde. Mas, que tens tu, Jenny?—accrescentou elle, reparando que os olhos da joven estavam humidos de lagrimas.

Jenny curvou a cabeça sem dar resposta, mas a sr.ª Stone encarregou-se de responder por ella.

—Que quer? não póde deixar de estar pensando e fallando na irmãsinha que morreu. Se tivesse dois dedos de juizo, já se teria deixado d'isso; nem que esteja toda a vida a chorar, fará com que a irmã cá volte. Demais, as coisas são como são, e quanto mais depressa ella o comprehender, melhor.

—Note, porém, que a dôr é natural, e não ha nada que a allivie,—disse Alberto.—O Senhor Jesus chorou junto da sepultura de Lazaro; e nós não somos mais fortes do que o divino Mestre, perante os nossos desgostos. Vem, Jenny,—accrescentou elle, chegando uma cadeira, para ella se sentar,— não é agora occasião para te affligires por causa de tua irmã. Ha tempo para chorar, e tempo para trabalhar; e nós vamos agora trabalhar, por meia hora, no A, B, C, para fallarmos depois no bom Amigo, com quem agora está a tua irmãsinha.

Jenny sentou-se timidamente na cadeira, tremendo a olhos vistos. A novidade de dar a primeira lição na maravilhosa arte da leitura, era quasi dolorosa para o estado de fraqueza em que se encontrava, e a sua voz tremia ao repetir as letras que o mestre lhe ensinava. Mas, as maneiras de Alberto eram tão affaveis e animadoras, que a discipula bem depressa ganhou confiança e tranquillidade, e tomou tal interesse pela lição que, ao terminar a meia

hora, conhecia quasi todas as letras, mesmo salteadas. Era evidente que Alberto tinha uma discipula que havia de fazer honra aos esforços que elle empregava para a ensinar.

Seguiu-se a tão desejada conversação. Gradualmente, e na linguagem mais simples de que podia servir-se, expoz-lhe Alberto a maravilhosa revelação de Deus e do seu Christo, tal qual a aprendera n'um amoroso e reverente estudo da palavra de Deus. Poucas eram as interrupções que Jenny fazia, para perguntar alguma coisa, pois sentia-se transportada de admiração e de prazer pelo que ouvia; como que uma nova vida lhe abrasava as faces, e lhe illuminava o olhar. Estas boas noticias de novas coisas, e de um paiz tão distante, eram para ella como a agua fresca para quem tem sede. Depois de ter ouvido a historia da vida do Salvador n'este mundo, e da sua cruel morte, da sua resurreição e da sua ascensão á gloria; depois de ter ouvido que «este mesmo Jesus» era agora o seu Amigo sempre vigilante, que havia de tornal a e conserval-a pura de coração, que havia de amal-a e de velar por ella, que havia de guial-a e abençoal-a durante toda a sua vida, e leval-a por fim, para a sua gloriosa e celeste morada,— Jenny prorompeu n'um silencioso pranto. Tivera de luctar com as lagrimas emquanto ouvira a historia da paixão e morte do Salvador, mas vencera-as, com resolução, para que ellas não prejudicassem a sua attenção ao mestre; agora, porém, que elle se callara, Jenny tornou a debulhar-se em pranto, occultando o rosto entre as mãos.

Alberto não quiz contrarial-a, mas a vista das lagrimas de Jenny obrigou-o a levantar-se. Afastou para longe de si a cartilha de que se tinham servido na lição, tossiu por uma ou duas vezes, meio suffocado, e poz-se a passeiar de um lado para o outro da cosinha. Depois veiu sentar-se, de novo, junto da joven, perguntando-lhe, com carinho, porque chorava?

—Desculpe-me, -respondeu Jenny, com a voz entrecortada,—mas não pude conter-me. E' tão maravilhoso o que me contou, e estou tão satisfeita por saber que a Isabelinha está com Jesus! Depois d'isto, não tornarei mais

a chorar por ella, pois sei que é tão ditosa. E se tambem fosse verdade eu ir ter com ella algum dia...

—Podes crêl-o, Jenny. Aquelle bello céu ha de ser a tua morada, quando morreres, se confiares no bom Salvador, de quem te fallei, e o amares e servires toda a tua vida. E lembro-te—Jenny, de que deves mostrar o teu amor, para com Elle, fazendo a sua vontade, e obedecendo-lhe sempre. Os seus mandamentos não são dolorosos; são, a um tempo, bellos e agradaveis para aquelles que o amam; e teem por fim fazer-nos felizes e ditosos, a nós e a todos aquelles com quem tratamos. Eis alguns d'esses preceitos: —amar a Deus, de todo o coração; amar todas as pessoas que conhecemos, como nos amamos a nós mesmos; bemdizer aquelles que nos maldizem, fazer bem aos que nos odeiam e maltratam,— porque bem vês quão bondoso é para comnosco o nosso pae celestial. Elle faz com que o seu sol brilhe tanto sobre os bons como sobre os maus, e derrama as suas bençãos de saude, de alimentos e outras coisas apreciaveis, mesmo sobre os ingratos e os maus. Assim, quando odiamos os peccados de toda a especie, até os que denominamos *pequenos* peccados, odiemol-os com todas as véras do coração, porque o peccado é odioso a Deus, e, ao mesmo tempo, amemos todos os peccadores com aquelle amor puro e compassivo, que anhela por fazel-os melhores do que são; sim, devemos amar até os nossos maiores inimigos, se os tivermos.

As lagrimas já haviam desapparecido das faces de Jenny, e a donzella escutava as palavras de Alberto com uma expressão particular e embaraçada. Quando o mancebo terminou, Jenny voltou-se, fitou o olhar no lume crepitante, e ficou absorta em seus pensamentos.

—Que tens, Jenny,—perguntou Alberto, depois de um ou dois minutos de silencio.

—Perdão, estou a pensar que é terrivelmente difficil! —respondeu ella com ar de seriedade.

—O que julgas tão difficil?

—Amar toda a gente. Oh! o sr. não pode crer quanto eu detesto a mãe de Isabelinha! Perdoe-me, mas não está mais na minha mão!

E as lagrimas de Jenny de novo correram em torrentes.

—E' então muito aspera para ti?—perguntou Alberto.

—Nunca me trata bem; mas com isso não me importo. O que o sr. talvez não saiba é que foi só por culpa d'ella que a Isabelinha se queimou. De então para cá é que lhe fiquei com maior odio! Não posso vêl-a nem fallar-lhe.

—Tenho ouvido dizer que é perdida de bebeda,—apoiou a sr.ª Stone, que ainda não proferira palavra desde que Alberto começara a dar lição á sua discipula.

—Pois deves ter muita pena d'ella,--disse Alberto, —deves lamental-a de todo o teu coração, e fazer diligencia por ser muito boa para ella. Não avalias quanto ella é desgraçada. Todas as pessoas que se entregam ao peccado são muito infelizes, posto que ás vezes pareçam alegres e ditosas. Não ha paz para os perversos, diz Deus. Agora, é preciso que consideres que Deus permittiu que a mãe de Isabelinha fosse collocada no logar de tua mãe, e que deves obedecer-lhe em tudo quanto fôr justo, fazer diligencia por agradar-lhe, e fazer-lhe vêr, pelas tuas acções, que procuras fazer a vontade do Senhor Jesus; e talvez que algum dia ella venha a seguil-o tambem, a aprender a amal-o e a obedecer-lhe, e a abandonar o terrivel vicio da embriaguez. Deves ser affavel e bondosa na maneira por que lhe fallas, mesmo quando ella fôr aspera e violenta para comtigo; e lembra-te que não passas de ser uma creança, emquanto que ella é uma mulher, e que deves ouvir tudo quanto ella te quizer dizer, sem lhe responder com insolencia. Se achares que isto é difficil de fazer, deves pensar que, por este modo, estás buscando agradar ao Senhor Jesus, que te vê e te ama! e dirige-lhe uma pequena oração, pedindo-lhe para te ajudar a ser docil e humilde de coração, como Elle foi. Promettes fazer o que te aconselho?

—Prometto fazer a diligencia. Serei boa para ella, como o sou sempre que posso; mas, não creio que realmente possa chegar a amal-a,—disse Jenny, com a maior sinceridade.

—Bem, minha filha; podes amal-a o bastante para começar, e não sabes até onde chegará esse amor, para o futuro: podes fazer tudo quanto julgares que lhe será agradavel; e não lhe digas a menor coisa que a enfade. Por hoje, nada mais te direi, sei que has de meditar no que te tenho dito, até cá voltares outra vez, e então daremos outra lição e conversaremos um pouco. Espera... hoje é quinta feira; haverá inconveniente que ella volte no sabbado á noite, sr.ª Stone?

—Como o senhor entender.

—Muito bem. N'esse caso, Jenny, se não tiveres que fazer, podes vir no sabbado, ás sete e meia. Pede licença a teu pae, e dize-lhe em que nos entretivemos esta noite. Sê sempre muito boa para com teu pae. Creio que se tua mãe fosse viva, te aconselharia a consolal-o e ajudal-o em tudo o que pudesses.

Jenny levantou-se para sair. N'este momento, Alberto exclamou, como se a ideia lhe occorresse subitamente:

—Olha, Jenny, porque não has tu de principiar a ir, no domingo, á escola dominical?

—Que lembrança, sr. Alberto!—observou a sr.ª Stone,—não vê que ella não tem para vestir senão aquelles farrapos, que estão a cair aos bocados?

—Mas creio que o pae não terá duvida em lhe comprar um fato decente para ir á escola,—disse Alberto.

—Meu pae podia comprar-m'o, mas não está no habito de me comprar coisa alguma,—replicou Jenny.

E contou o que nós já sabemos relativamente ao destino que tivera o vestido novo que o pae lhe trouxera.

—Bem; pensaremos no que se poderá fazer a esse respeito,—disse Alberto.—Em todo o caso, pede licença a teu pae para ires á escola dominical.

E como a joven se dispozesse a sair, o mancebo continuou:

—Tens vontade de comer, Jenny?

—Muito obrigada,—respondeu ella, voltando a cara, para occultar o rubor que lhe subira ás faces.—não tenho vontade; não posso comer muito tarde.

—Supponho que não ha de ter sido grande coisa o

que comeste,—disse a sr.ª Stone.—Senta-te mais um bocado. Tenho alli um resto de pudim de tapioca, e vou aquecel-o no forno; não gasta cinco minutos. Está muito bem feito e tem muitos ovos. Ha de saber-te a pouco.

Jenny ficou, de muito boa vontade, pela ideia de ir comer alguma coisa que lhe soubesse bem.

Effectivamente, em sua casa, a variedade das comidas não era grande: chá e pão com queijo ou com manteiga, e nada mais; e, ainda assim, era preciso que ella se desse ao incommodo de ir buscal-o, senão, tinha de ir comer fóra. Ordinariamente preferia comer fóra a ter o trabalho de levar a comida para casa, o que concorria para que o seu restabelecimento fosse tão moroso.

Jenny sentiu-se nervosa e envergonhada por ter de comer em casa da sr.ª Stone; tão extraordinario e maravilhoso lhe parecia o acontecimento. As mãos tremiam-lhe quando recebeu o prato e a colher das mãos da dona da casa. Vendo isto, Alberto pegou no prato e na colher e collocou-os sobre a meza, e chegou uma cadeira para Jenny se sentar; depois sentou-se com as costas voltadas para ella, afim de que a joven comesse á sua vontade. Ella assim fez, realmente, achando saboroso o acepipe; e, depois de ter acabado, levantou-se e disse timidamente:

—Muito obrigada, minha senhora.

—Então, que tal estava?—perguntou a sr.ª Stone, olhando por cima dos oculos com um sorriso de satisfação.

—Estava muio bom,—respondeu Jenny.—E agradeço-lhe muito.

—Ia apostar que nunca tinhas provado um pudim como este, em toda a tua vida.

—E' verdade, minha senhora, a maior parte das vezes só tenho um bocado de pão, e nada mais. Adeus, minha senhora, muito boa noite. Boa noite, sr. Alberto.

O mancebo despediu-se d'ella, acompanhou-a até á porta, e disse-lhe, á saida:

—Vae depressa para casa; a noite está gelada, e póde fazer-te mal o frio, depois de teres estado n'uma casa tão agasalhada.

—Irei depressa,—respondeu Jenny, sorrindo comsigo mesma, ao ouvir palavras tão amaveis.

E afastou-se rapidamente, sentindo-se mais feliz do que jámais o tivera sido em toda a sua vida.

VII

A religião da snr.ª Stone

—Vamos a tratar de arranjar as coisas, de modo que a pequena entre para a escola dominical,—disse Alberto, para a snr.ª Stone, ao voltar á cosinha.—Dar-lhe-hia uma vida nova ter um fato asseiado e reunir-se a um grupo de creanças felizes, para aprender os hymnos que ellas cantam e tomar parte no culto que frequentam,—alguma coisa, emfim, que lhe entretivesse a imaginação durante a semana!

—Parece-me que a pobre rapariga poucas ideias de alegria terá tido na sua vida.

—Tambem me parece. Realmente, as pessoas com quem vivo não são d'aquellas que teem mais satisfação no mundo;—replicou a snr.ª Stone, que estava agora muito satisfeita comsigo mesma, e até desvanecida pela magnanimidade de que dera prova, offerecendo o resto do pudim a Jenny.

Durante a pratica que Alberto fizera á sua discipula, a snr.ª Stone estivera sobre brasas, por uma ou duas vezes. O mancebo tinha collocado a religião n'um pé muito diverso d'aquelle em que ella a considerava, pois a fizera consistir mais n'uma vida exemplar e pura, n'uma constancia em seguir os passos do divino Mestre, do que no esforço continuado e persistente de escapar á morte; e tinha insistido muito mais ou menos no desejo de salvarmos as nossas almas, que era para ella a cousa principal. O

mancebo parecia preoccupar-se mais com ser salvo do peccado, do que das consequencias do peccado; e depois, insistira em ser o amor o principal elemento da religião:—amor para com Deus e para com o proximo. A snr.ª Stone começava actualmente a ver modificado o seu caracter, que era dos que pouco se deixam influenciar pelo amor divino, ou humano, mas disse comsigo mesma:

—Ora, o meu hospede não passa de ser um rapaz, e, provavelmente, não é orthodoxo. Creio que tenho lido a Biblia o sufficiente para saber o que é religião.

—O que havemos, então, de fazer, em favor de Jenny?—perguntou Alberto, depois de alguns momentos de silencio.—Estava eu pensando, snr.ª Stone, que, se o pae lhe comprasse algum fato, poderia a senhora guardar-lh'o aqui, e ella vir cá vestil-o todos os domingos.

—Ora essa! de maneira nenhuma, sr. Alberto! A mãe era capaz de apparecer por ahi algum dia, se viesse a sabel-o, e fazer algum alarido para levar o fato da filha. Era o que faltava! vêr-me eu envolvida com gente d'aquella laia, e, demais a mais, gente que se embriaga! E, que havia eu de dizer-lhe? o fato pertencia-lhe, e não a mim; podia, portanto, vir pedir-m'o.

—Vejamos outro processo,—disse Alberto:—não terá a senhora algum fato usado, que possa apropriar ao corpo da pequena, e emprestar-lh'o aos domingos? Sendo assim, já a mãe não tinha nada com isso, nem podia vir reclamal-o.

Bem sabe, minha senhora, que «se fizerdes isto a um d'estes mais pequeninos, a mim é que o fizestes.»

A dona da casa ficou pensativa, por alguns instantes.

—Não sei, mas não é facil, para mim, resolver-me a trabalhar para gente d'aquella classe,—exclamou, por fim.—Foi coisa em que nunca cheguei a pensar.

—Mas devemos ter cuidado,—disse Alberto,—em não desprezar nenhum d'estes pequeninos, snr.ª Stone. Essa pobre creança ainda pode vir a ser uma joia refulgente na coroa do Redemptor. Como ella parecia satisfeita, quando estava ouvindo as bemditas novas! Sabe?—accrescentou o mancebo, com o rosto radiante de santo enthusiasmo,—

sentia-me inspirado quando via a anciedade com que ella escutava e aprendia as coisas relativas a Jesus; sentia-me inspirado de um desejo ardente, que, creio, nunca esmorecerá, de ir, até aos confins mais tenebrosos da terra, levar as boas novas aos que não teem d'ellas noção alguma.

—Supponho que ha tantos pagãos na nossa patria, que não é preciso ir procural-os a paizes estrangeiros; ha por ahi muita gente da especie de Jenny; ainda que, francamente o digo, nunca pensei que houvesse, entre nós, similhante estado de paganismo,—replicou a sr.ª Stone.

—Oh, sim, a pobre Jenny é apenas uma das muitas que ha no mesmo caso,—disse Alberto.—O que, porém, é verdade, é que no nosso paiz ha muitos christãos para olharem por esses pagãos; e como a egreja de Deus vela, cada vez mais, pelo cumprimento do seu dever, não faltará quem vá, pelas estradas e pelos campos, obrigar esses pequeninos a entrar. Que abençoado trabalho, o de arrancar das trevas e da miseria, *um só* que seja, e dirigir-lhe os passos pela vereda da paz! Quem sabe o que poderá vir a ser a pobre Jenny? Estou certo de que ha n'ella o que quer que seja, como em muitas outras creanças abandonadas, que precisam ter quem as procure e as levante;—o que quer que seja, que fará d'ella, no futuro, uma luz brilhante e intensa.

—Sim, pareceu-me esperta, e creio que tem vontade de progredir,—disse a sr.ª Stone.—Depois mostrou uns certos ares de gratidão; e, para uma rapariga d'aquella classe, agradou-me a maneira por que se portou quando lhe dei o bocado do pudim.

—Estou certo de que Jenny soube apreciar a sua bondade, sr.ª Stone,—replicou Alberto.—Fiquei tão satisfeito quando a senhora lh'o offereceu! porque ha tanta caridade em cuidar dos corpos dos pobres, como das almas. «Tendes alguma coisa de comer?» foi a primeira pergunta que Jesus dirigiu aos seus discipulos, quando se chegou a elles, junto do mar de Tiberiades, depois da resurreição. Quanto o nosso coração aprecia o vêr este terno interesse de Jesus, pelas nossas necessidades terrenas! Este mesmo Jesus é o nosso Senhor e o nosso Deus, que sempre se com-

padece das nossas miserias. «Dae de comer a quem tem fome, vesti os nús,» diz Elle a nós, que somos abençoados com meios para o fazer. E tudo o que se faz ao mais pequeno dos seus filhinhos, a Elle é feito.

—Pois eu tratarei do fato, que ella ha de vestir ao domingo,—disse a sr.ª Stone, depois de curto silencio.

—Fico-lhe muito obrigado por isso, minha senhora. Será um acto de bondade, que trará comsigo uma benção. Ha de impressionar muito a creança, sendo feito com espirito verdadeiramente christão... mais talvez, do que a minha doutrina.

—Queira perdoar, sr. Alberto,—interrompeu a sr.ª Stone, grosseiramente,—mas parece-me que o senhor não declarou, hontem, á pequena, todo o aviso de Deus: nem sequer uma palavra lhe disse a respeito do inferno.

—Os cordeiros do rebanho de Christo não precisam de ser alimentados com fogo e enxofre, creio eu,—replicou Alberto, amavelmente,—seria uma crueldade fazel-o. Demais a pobre Jenny vinha padecendo a fome do Pão da Vida, e eu não devia offerecer-lhe uma pedra. As creancinhas parecem pedir, nos seus olhares silenciosos e supplicantes, que lhes ministrem o alimento que lhes fôr conveniente. Não precisam do açoite dos terrores do Senhor, as innocentes alminhas!... innocentes, pelo menos, de toda a *intenção* de offender o seu Deus e Pae. Seguramente, quando o Senhor Jesus disse: «Apascenta os meus cordeiros,» quiz dizer que os levassem a verdes pastagens e á beira de aguas tranquillas, e não junto á bocca de algum abysmo, que os aterrorisasse.

—O senhor vê as coisas por um lado muito singular, —disse a sr.ª Stone, dando uma risada ironica.

—Minha senhora,—replicou Alberto, manifestando na sua phisionomia visiveis signaes de soffrimento moral, —a minha alma afflige-se ao pensar que alguns prégadores da Palavra de Deus tanto agitam as chammas do inferno diante dos olhos dos pequeninos, que chegam a tornal-os cegos para a Luz da Vida. Pobres dos ternos corações! Como elles imaginarão ser *verdadeiro* o fogo e o ranger dos dentes, que, para nós, são meras figuras de rheto-

rica! Como o terror dominará as suas tenras almas, qual horrivel pesadello, a ponto de não poderem escutar a harmoniosa voz do Salvador, que diz: «Deixae os meninos, e não embaraceis que elles venham a mim, porque d'estes taes é o reino dos céus»! Fallo-lhe com triste experiencia, sr.ª Stone. Quando eu era creança, deram-me um livro em que havia um poema, medonho para creanças, ácerca dos demonios que estão no inferno em fogo, cadeias e tormentos sem fim, e ácerca da possibilidade de eu vir a ter a sorte d'elles, quando morresse. A minha alma desfallece de compaixão para com esses desgraçadinhos que são assim ensinados! O sol é escuro para elles, como o era para mim; a noite, terrivel; a vida, privada de luz; e debalde as pobres creanças desejam nunca haverem nascido. Pois Christo ensinaria assim as creanças? Não; ter-lhes-hia dito apenas: «Vinde a mim,» e encher-lhes-hia os corações de alegria e de confiança; tornal-as-hia tão conscientes do seu vigilante amor, que as suas vidas resplandeceriam, convertendo-se, para ellas, as proprias trevas em luz, e apresentando-se-lhes o futuro cheio de felizes antecipações. Em toda a minha meninice, esta ideia do inferno foi a ideia dominante do meu espirito: e quasi chegou a eclipsar totalmente n'elle o amor do Salvador. As minhas lagrimas de horror impediram-me de vêr o seu bemdito rosto, o qual não me fazia bem algum, antes me fazia um mal terrivel! A' medida que fui crescendo, tratei de afastar completamente do meu espirito a religião... tratei de gozar a belleza e o explendor que Deus pozera, para mim, no mundo, e esqueci o terrivel futuro. Passados, porém, um ou dois annos, a mensagem do seu amor chegou até mim, mediante uma pessoa que o conhecia pelo seu proprio coração, e aprendi a amar Aquelle, a quem, até então, só tinha temido.

Alberto passeiava, de um para o outro lado da casa, emquanto proferia estas palavras.

—Ha creanças pessimas,—observou a sr.ª Stone,—e, para essas, creio que não ha remedio senão amedrontal-as com o fogo do inferno.

—Uma creança pessima é sempre o resultado de enor-

me negligencia da parte d'aquelles que a teem a seu cargo, ou da má educação; em qualquer dos casos, do que a infeliz creança precisa, muito mais do que de ser amedrontada, é de sentir que ha quem a ame, quem se interesse por ella, quem deseje vêl-a abandonar o mal e aprender a fazer o bem. Os terrores do Senhor são para os réprobos, duros de coração, que, conhecendo o bem, voluntariamente professam e seguem o mal; não são para as creancinhas, nem para os peccadores contrictos, cujo ardente desejo é serem discipulos do Senhor Jesus. Lembre-se, minha senhora, como Elle recebia uns e outros, e que só abençoava as creanças, dizendo ao peccador que o procurava: «Os teus peccados te são perdoados, vae em paz.» Nem sequer ao discipulo, que vergonhosamente o negou, com juramento e imprecações, Elle ameaçou com a condemnação; mas voltou-se, olhou para Pedro, e enterneceu-lhe o coração com uma dôr contricta. Oh! se nós podessemos compenetrar-nos muito mais do seu espirito de benção, antes de nos mettermos a ensinar, prefeririamos vencer os homens pelo amor de Christo, a vencel-os pelos seus terrores.

—Mas supponho que nada ha mais justo do que sentir os terrores do Senhor,—disse a sr.ª Stone.

—No perfeito amor não ha temor,—disse Alberto.—E quanto mais amor e menos temor tivermos em nossos corações, tanto melhor será para nós e para aquelles a quem influenciarmos. Voltando, porém, a Jenny: creia que não lhe ha de faltar tempo para aprender bastante ácerca dos castigos futuros. Por emquanto, ensinar-lhe-hei, como faço aos meus discipulos da escola dominical, o que tem mais relação com ella do que isso; e se ella me interrogar a esse respeito, responder-lhe-hei, tão sómente como tenho respondido aos meus discipulos:—que Deus ha de punir os peccadores que não se arrependerem, como na sua Palavra se declara; mas que não ha condemnação contra os que se arrependem e caminham no seu amor, os quaes nasceram outra vez—isto é, foram feitos novas creaturas em Jesus—morreram para o peccado e vivem para a santidade, tendo assim passado da morte para a vida. De modo

que digo aos meus discipulos:—«eis o que nos diz respeito; roguemos a Deus que crie em nós corações limpos, e renove em justiça os nossos espiritos, e não precisamos fallar nos seus castigos. Então o serviremos com satisfação toda a nossa vida, como filhos obedientes, sem termos outro receio que não seja o de o affligir, a Elle que é tão bom, e que tanto nos ama. E pelo que diz respeito áquelles que vivem e morrem sem esperança no Senhor, devemos deixal-os entregues a Elle mesmo sem nos atrevermos a sentencial-os. Pois deixará de ser *justo* o Juiz de toda a terra?»

A sr.ª Stone não respondeu a estas palavras, continuando a fazer meia, em silencio, com os beiços fortemente cerrados. A nuvem que obscurecia o rosto de Alberto foi-se dissipando gradualmente; e o mancebo, chegando uma cadeira para junto do fogão, estendeu as mãos para o lume, a fim de as aquecer. Depois, com ar alegre, rompeu o silencio, dirigindo a conversação para um assumpto muito differente.

VIII

Jenny e seu pae

Emquanto estas coisas se passavam, chegava Jenny a sua casa, meditando profundamente nas palavras de Alberto. Nunca a sua habitação lhe tinha parecido tão miseravel como agora, em comparação com a da sr.ª Stone. Sua mãe não estava em casa, onde evidentemente não voltara ainda desde que Jenny saira, visto que o lume estava quasi apagado, e que todas as coisas estavam nos mesmos logares em que a joven as deixara. Sentindo-se bem disposta pelo bello alimento que a sr.ª Stone lhe dera, Jenny tratou de limpar e arranjar a casa do melhor modo possivel, e ateiou o lume, sorrindo com sigo mesma, de vez em quando, com a ideia de que *aquelles Olhos* maravilhosos e amoraveis a estavam contemplando, e de que ella estava dili-

gonciando agradar A'quelle de quem tanto aprendera n'aquella noite, e com tanto ardor. Depois de ter feito quanto estava ao seu alcance para dar á triste habitação um aspecto agradavel, foi sentar-se junto do lume, e, encostando a cabeça á parede, fez passar pelo seu espirito, uma e muitas vezes, a lição que recebera. Como era natural, a joven adormeceu e dormiu por bastante tempo. Despertou-a, por fim, a entrada do pae.

—Jenny,—disse elle, em tom de reprehensão,—porque não estás tu deitada? Bem sabes que não é a maneira de te restabeleceres, o estares ahi sentada a dormir.

Jenny levantou-se, esfregou os olhos, e espreguiçou-se, elevando os braços a cima da cabeça. Depois espertou o lume, para dar á casa uma apparencia mais alegre, e dispoz-se a tratar da refeição que o pae costumava tomar quando recolhia.

—Deixe-me assar-lhe uma d'estas fatias de toicinho, — disse ella, abrindo um embrulho que o pae trazia.

—Eu trato d'isso, pequena; vae tu deitar-te. Onde está a mãe?

—Ainda não veiu,—respondeu Jenny, collocando uma certã sobre as brazas, e offerecendo a seu pae os restos de um garfo muito enferrujado. E continuou, depois de curto silencio:—Olhe, pae, eu não estou nada cançada, já dormi um somno, e desejava esperar pela mãe. Deixe-me assar o toicinho, sim? vocemecê vae queimar as mãos com esse bocado de garfo.

—Queres então queimar as tuas?

—Não lhe dê cuidado; enrolarei o cabo na minha saia, e pegar-lhe hei sem me queimar.

—Estás esta noite muito serviçal e obsequiadora; que foi que te aconteceu?

Jenny tornou-se muito córada, e respondeu por evasiva:

—Eu lhe contarei onde estive, pae, e o que aprendi. Eram coisas tão bellas, e tão bonitas...

Entretanto assara-se o toicinho, e Jenny, sentando-se á mesa, a vêr o pae comer, foi-lhe contando onde estivera e o que ouvira n'aquella noite.

--Ora ahi está uma historia bem curiosa,—disse elle, quando a filha interrompeu a sua enthusiastica narrativa; —e está-me parecendo que acredito em tudo isso!

Havia n'estas palavras um certo tom de sarcasmo, que fez com que a joven olhasse, com anciedade, para seu pae. Este, surprehendendo o olhar da filha, apressou-se em accrescentar:

—Sim, deves acreditar em tudo isso, Jenny. Deve ser tudo verdade, posto que eu pouco saiba d'essas coisas. Valha-me Deus! acreditava em tudo isso quando era pequeno!

—Sabia então, quando era pequeno, todas estas coisas, ácerca de Jesus?

—Pouco mais ou menos; mas já me esqueceu tudo. Tem passado tanto tempo!...

—Pois, meu pae,—exclamou Jenny, serenamente,—estou persuadida que nunca as esquecerei.

—E's mais velha do que eu era quando minha mão m'as ensinou. Gostarei que não as esqueças, e bom será para ti se a tua vida se parecer com a que teve tua pobre mãe, depois que se fez religiosa. Nunca ouvi que se queixasse da religião, mas o que vi, foi que a sua vida tornou-se uma coisa muito differente do que até então tinha sido. Não sei muito d'estas questões, mas o que sei é que tudo está nas acções da gente, e que valem mais as acções do que todas as palavras d'este mundo. Mas, dize-me cá, esse rapaz disse-te, então, que viesses para casa e que nos tratasses muito bem, a mim e a tua madrasta?

—Disse, sim, meu pae,—respondeu Jenny, fazendo-se muito vermelha.—Aconselhou-me a fazer tudo quanto estivesse ao meu alcance para tornar a nossa casa aprazivel. Mas que quer, meu pae, receio que não haja aqui coisa alguma que eu possa utilisar para tal fim... Ora veja! não temos mais do que este côto de vassoura; nem ha, ao menos, uma escova para esfregar o sobrado, nem um panno para o enxugar...

—Pois não ha, por ahi, alguns...—começou a dizer o pae de Jenny, interrompendo-se logo.

—Alguns quê?—perguntou a joven, olhando-o fixamente.

—Ora, alguns trapos de Isabelinha, que poderias aproveitar para enxugares o sobrado. Se houvesse alguns, visto que já não servem para ella...

Os labios de Jenny estremeceram e tornaram-se brancos; uma expressão de dôr se lhe desenhou no rosto.

— Só havia um vestidinho e dois bibes, que ella não trazia n'aquelle dia; mas, esses, pae, esses não os estragaria eu por coisa alguma do mundo! mais depressa rasgaria este meu vestido, que é o unico que possuo.

—Eras muito amiga da tua irmãsinha,—disse o pae de Jenny, voltando-se para o fogão para evitar os olhares da filha. E accrescentou, momentos depois.—mas deixa estar, que em tu estando melhorsinha, se te achares com forças para esfregar, eu te comprarei uma escova e um panno, e arranjarás a nossa casinha como desejas.

—Magnifico!—exclamou Jenny, cujos olhos se illuminaram de alegria.—O que eu desejava era que vocemecê visse a casa da sr.ª Stone. E' realmente uma casa esplendida e muito bem arranjada; não tem buracos como a nossa, por onde entre a chuva. Depois, a sr.ª Stone tem muitos moveis, todos muito limpos e asseiados. Porque não havemos nós de ter coisas bonitas, e vivermos n'uma casa melhor?

—A culpa é da maldita bebida, minha filha. Se amanhã tivessemos uma casa bem arranjada, como estaria ella para a semana que vem? Nem é bom pensar n'isso. Tenho feito todo o possivel para vivermos decentemente, mas já não penso mais em tal. Outro tanto não acontecia no tempo de tua mãe; viviamos então com bastante conforto, mas agora não ha remedio.

—Bem; se havemos de continuar assim, meu pae, eu tratarei de vêr se posso melhorar o nosso estado,—disse Jenny com ar determinado, e parecendo já uma pessoa idosa.—Olhe, o sr. Alberto disse-me que devo fazer diligencia por agradar a Deus, todos os dias, porque Deus ama-me e é bom para comigo; e não ha melhor meio de realisar este proposito, a meu vêr, do que tornar agrada-

vel a casa de meu pae e de minha madrasta. Agora a sr.ª Stone é que disse que eu devia tratar de arranjar algum trabalho fóra de casa, quando estivesse melhor, afim de ir ganhando alguma coisa.

—Não ha necessidade d'isso, Jenny, nem eu consentiria que fosses para fóra de casa. Lembra-te bem que quero encontrar-te aqui todas as noites quando vier para casa, emquanto eu fôr vivo. Agora se poderes arranjar algum logar para onde vás, por algumas horas do dia, pódes ir; pois creio que não haverá aqui em que te entretenhas durante um dia inteiro, e muito menos agora, que não temos... que não temos creanças: nem quero que andes a vaguear por essas ruas, como tantas raparigas da visinhança. Mas a fallar a verdade, quem ha de querer-te em casa no estado em que andas, e sem teres fato decente para vestir? Até me admira que a sr.ª Stone consinta em admittir-te á noite, na sua esplendida habitação. Tenho ouvido dizer que tem um genio esquisito!

—Quem me convidou foi o snr. Alberto; e parece-me que a snr.ª Stone não ficou muito satisfeita com isso. Mas, como tive o cuidado de ir o mais asseiada que pude, supponho que não lhe enxovalhei nada.

—Ainda assim, não apostaria!—disse o pae, com um sorriso.—Em todo o caso, estou contente por teres achado um mestre, e por estares aprendendo a lêr. Dize-me cá,—accrescentou elle, como se lhe occorresse subitamente uma ideia,—gostarias tu de ir á escola todos os dias?

—Oh! se eu podesse!—replicou a joven, cujas faces se tornaram carmezins, com a alegre surpreza d'aquellas palavras.

—Pois has de ir! e has de ter um bocado de educação que te será de grande utilidade quando fôres mais velha, ao mesmo tempo que te evitará muita tentação durante o dia. Pódes ir, e quero que vás; e hei de dar-te um vestido novo para levares á escola, se fôres boa rapariga... mas só se fôres boa rapariga, olha bem. Até hoje, a verdade seja dita, ainda não me déste desgosto algum.

A estas palavras de louvor, tão amavelmente proferidas, as faces de Jenny tornaram a fazer-se vermelhas.

Não se recordava de seu pae ter sido tão affavel para com ella, em tempo algum. Todavia, replicou em tom modesto:

—Oh, meu pae! Estive esta noite a pensar em mim desde que cheguei a casa, e conclui que nada tenho de boa. O sr. Alberto fallou-me da perversidade dos nossos corações, e dos muitos peccados que temos commettido contra o Senhor; e, creia, meu pae, quando me puz a pensar nas maldades que tenho feito, e que tenho dito, comprehendi quanto ellas devem ter parecido monstruosas ao Senhor Jesus.

Quanto não desejava nunca as ter praticado! Sinto tanto havel-as feito! mas eu não sabia que ellas affligiam o Senhor; vocemecê bem vê que eu nada sabia a respeito de Jesus. Agora, prometto que nunca tornarei a fazel-as, visto que sei que Elle tudo vê e tudo ouve, e que aborrece tudo o que é mau.

—Então, que peccados tão horrendos são esses que tu tens commettido?

—Ora; tenho dito milhares de palavras feias, meu pae; tenho brigado, por ahi, com os rapazes e com as raparigas da visinhança, batendo-lhes por elles gracejarem comigo, por causa da Isabelinha; e tenho-me zangado algumas vezes com a minha madrasta, a ponto de me dar vontade de lhe atirar com as tenazes á cabeça, e dar cabo d'ella! Agora vejo como tenho sido má! Disse-me o sr. Alberto que devemos imitar o Senhor Jesus, que muito nos ama; e lembre-se vocemecê, meu pae, de que elle foi sempre bom e affavel, sempre benevolo para todos, tanto para os bons como para os maus. Lastimo profundamente não ter sabido, mais cedo, que o estava affligindo com o meu procedimento!

Como os olhos se lhe arrasassem de lagrimas, Jenny voltou o rosto para as esconder. O pae poz-se a olhar para o lume do fogão, com ar pensativo, mas não respondeu ás palavras da joven. Passados alguns minutos, exclamou de subito:

—Bem, Jenny, são horas de eu ir para a cama, e tu vae deitar-te, tambem. Não vale a pena esperares pela mãe.

—Oh ! mas eu desejava esperar por ella, meu pae. Agora, como já dormi um somno, não estou nada cançada; vá vocemecê deitar-se, e deixe me ficar, a mim. Talvez a mãe queira comer um bocado de toicinho, e eu gostaria de lh'o assar.

O pae não fez mais objecções, e foi deitar-se, deixando Jenny fazer a sua vontade. Mais tarde, entrou em casa a madrasta de Jenny, não sendo necessarios os serviços da enteada. A desgraçada creatura murmurou algumas phrases sem sentido, cambaleando pela casa; foi deitar-se no chão, junto da chaminé, e logo adormeceu profundamente.

Em vez de a contemplar com o odio e desgosto habituaes, Jenny recordou-se das palavras do seu bondoso preceptor, e meditou na miseria de sua madrasta. Nada podia fazer em seu favor, mais do que dispôr as coisas de modo que o fogo se lhe não communicasse ao fato: isso fez, e, sentando-se a contemplar aquelle corpo immovel e inconsciente, teve pensamentos que lhe arrancaram lagrimas tão copiosas como a chuva.

Depois de lhe haver passado aquella explosão de desgosto, Jenny apagou a luz, e foi deitar-se, silenciosamente.

IX

O que ha de mais maravilhoso no mundo

Muito impaciente estava Jenny por encontrar-se outra vez com o seu preceptor, não só por causa da promettida instrucção, mas tambem para ter occasião de lhe contar as alegres noticias de que estava para ir para a escola e para ter um vestido novo. Bem sabia ella que estas noticias haviam de ser, para Alberto, uma agradavel surpreza; e assim succedeu—pois o rosto do mancebo illumi-

nou-se de satisfação ao receber as novas que ella lhe communicava.

—Já vejo que tens um excellente pae,—disse elle—e é isso uma fortuna que nem todas as creanças teem. Estou contentissimo por saber que já podes ir á escola; é muito melhor para ti aprender juntamente com outras meninas do que aqui sósinha comigo, e has-de adiantar-te muito mais depressa.

A estas palavras, a alegria desappareceu do rosto de Jenny; comprehendera que o facto de ir para a escola poria termo aos agradaveis serões que passava com o seu preceptor. Não disse uma palavra, sequer, mas Alberto percebeu o seu desgosto, e accrescentou:

—Mas podes continuar a vir aqui ter comigo, emquanto não começares a frequentar a escola Supponho que ainda ha de levar algum tempo o arranjo de todas as tuas coisas.

—Estive hoje a ver se encontrava por ahi algum fato usado que podesse ser aproveitado para ti,—disse a sr.ª Stone;—mas visto que teu pae está disposto a comprar-te fato novo, parece-me que não será preciso.

—Elle só me prometteu um vestido, minha senhora,—observou Jenny, com intenção.

—Um vestido para os dias de semana, não é verdade?—replicou a sr.ª Stone.—Pois deixa estar, Jenny, que eu arranjarei um fato decente para os domingos, mas ha de ficar guardado em minha casa, entendes? Emprestar-t'o-hei, e escusas, portanto, de ir contar a tua mãe que o tens cá. Mais do que isso: ja resolvi ensinar-te a fazer muitas coisas para teu uso, se fôres boa rapariga, de modo que possas andar sempre limpa e asseiada; e tu estás bem precisada de uma reforma completa, desde a cabeça até aos pés.

—Não tenho muitos fatos, mas tudo quanto tenho é feito pela minha mão,—disse Jenny, muito envergonhada.—Eu disse á senhora, deve estar lembrada, que de nada serviria meu pae comprar-me fato. Agora, se a senhora me guarda as coisas, será isso muito bom; agora mesmo trazia eu aqui uma trouxinha, para lhe pedir, minha se-

nhora, o obsequio de m'a guardar até que eu seja maior e vá para algum logar ou tenha onde guardal-a, porque tenho muito medo de perdel-a, e a minha madrasta descobriu hoje o unico esconderijo que ha em casa, e onde eu podia tel-a; de maneira que é impossivel conserval-a lá por mais tempo.

—O que é, então, que trazes ahi?

—Desculpe, minha senhora, é isto,—disse Jenny, tirando de debaixo do braço uma pequena trouxa, que até então conservara occulta com o seu chale esfarrapado.—São uns trapinhos que serviam á pobre Isabelinha; e olhe a senhora que meu pae sabe que pretendo guardal-os.

A sr.ª Stone teve um momento de hesitação á vista do sujissimo pedaço de papel que continha o thesouro de Jenny.

—Gabo a tua pachorra, pequena; para que servirá guardar fato da tua irmãsinha? Melhor farias se reservasses esses trapos para remendar as tuas coisas, no caso de estarem bons, ou então, no caso de não prestarem, se os queimasses. E' uma especie de idolatria estar guardando objectos que pertenceram a pessoas fallecidas, como se esses objectos fossem sagrados. Que pensa a este respeito, sr. Alberto?

Jenny, cujos olhos se haviam aberto desmesuradamente e haviam entristecido a estas palavras, tornara a guardar, instinctivamente, a pequena trouxa debaixo do chale. Olhou com anciedade para Alberto, á espera da sua resposta, que ia decidir a questão.

—Comprehendo perfeitamente,—disse elle—quanto tu estimas as coisas que pertenceram á tua irmãsinha, e quanto te custaria desfazeres-te d'esses fatinhos que ella usou. A verdade, porém, é que de nada te serve guardal-os, e que seria muito mais proveitoso dal-os a alguma creança que não tenha que vestir e ande a tiritar com frio. Quer parecer-me que has de ter visto muitas n'estas circumstancias, e que até conhecerás alguma.

—Conheço, sim senhor,—replicou Jenny com voz sumida,—conheço até centos d'ellas, que andam meias nuas por não terem com que se cobrir.

—Pois bom; que satisfação não seria a tua, acudindo a uma d'essas creanças com esse teu thesouro? Prestarias um verdadeiro serviço ao Senhor Jesus: porque elle disse que tudo quanto fizermos a outrem, por amor d'Elle, o considerará Elle como sendo feito a si proprio. Não é verdade que darias de boa vontade o fato de Isabelinha ao Senhor Jesus?

Era manifesta a lucta que se debatia no tenro coração de Jenny. A joven estava immovel e com o olhar fixo, como que absorta nos seus pensamentos. Esquecera-se d'aquelles olhos que a vigiavam, porque o rosto trahiu-lhe o que se passava em seu coração; mas a intensa tristeza foi-se dissipando gradualmente, e um sorriso brilhou, como um raio de sol, no seu rosto palido e oppresso.

— Sim, — disse ella, olhando directamente para o seu preceptor, — posso dar ao Senhor Jesus estes objectos. Não os conservarei, de modo algum, sabendo que elle os deseja para si.

—Muito me satisfaz ouvir-te fallar assim, Jenny, —disse Alberto.—E agora trata de leval-os a algum d'esses innocentinhos. Todas as creancinhas são d'Elle, Jenny: tanto essas tristes e desgraçadas creanças, que vês ahi pelas ruas, faltas de pão e de todo o conforto, como as que vês cheias de ventura, a brincar nos parques e jardins em companhia das amas ou das mães. Deves procurar alguma das mais desgraçadas que conheces; e creio que sentirás maior satisfação em lhe dares esses vestidos, do que sentirias em conserval-os como se fossem um thesouro. Agora, põe ahi a trouxa em cima d'uma cadeira, emquanto não acabamos a lição, e logo tornarás a leval-a para tua casa.

O que se havia passado esta noite já constituia para Jenny uma grande lição, e trouxera tamanha alegria ao seu coração, que a pobre rapariga estava radiante e anciando, ao ultimo ponto, pelo que ia seguir-se. A parte pratica da instrução d'aquella noite consistiu na exposição do enorme mal do peccado, da dobrez e depravação do coração humano, e da necessidade de «nascermos outra vez», e de nos tornarmos creaturas inteiramente novas em Jesus Christo.

Comquanto Jenny fosse ainda uma creança, a sua experiencia corroborava tudo quanto Alberto lhe dizia.

—Sim, senhor,—disse ella com ar pensativo, quando o mestre se callou por alguns momentos, afim de a animar a fazer-lhe alguma observação,—ja estive dizendo a meu pae que tenho sido muito má, mas que quero tornar-me cada vez melhor, emquanto viver. Lembrando-me das coisas ruins que tenho dito e feito, até chega a parecer-me mais que maravilhoso que Jesus possa amar-me.

Comprehendo que Elle ame o snr. Alberto e a snr.ª Stone, que só praticam acções justas e boas, e creio que sempre amasse a pobre Izabelinha, mas custa-me a crer que tambem me ame.

—Supponho que o que tu sentes, em relação a ti, é o que toda a gente sente, cada um pela parte que lhe diz respeito,—observou Alberto, sorrindo.—Tambem me parece mais que maravilhoso que Elle podesse amar-me, ao passo que não me admiro de que te amasse, a ti. Mas a verdadeira razão porque Elle nos ama é esta, creio eu, — não porque haja em nós coisa digna de amor, mas porque Elle é amantissimo e vê quanto necessitamos do seu amor. Somos como as ovelhas desgarradas que se extraviaram no deserto, e Elle vem atraz de nos, procurando-nos, e clamando incessantemente aos nossos corações: «Vinde a mim, voltae para mim!» E, quando vê que temos vontade de voltar, toma-nos então nos seus braços, comprazendo-se em nós, e conduz-nos, a salvo, sob a sua carinhosa guarda, para a morada celestial!

Jenny não fez observação alguma a estas palavras, mas a snr.ª Stone ouviu um fundo suspiro, ao começar nova volta na meia que estava fazendo, e exclamou:

—Oh! é maravilhoso!

Assim continuaram as lições por mais tres ou quatro mezes, chegando a serem quatro vezes por semana. Jenny fazia rapidos progressos na leitura e ia armazenando em seu coração as gloriosas verdades que Alberto lhe fornecia. Era boa semente lançada em bom terreno, e que já promettia vir a dar muito fructo. Que excellente chão

offerecem estes tenros coraçõesinhos ao trabalho do semeador espiritual!

A' medida que Jenny se ia sentindo com mais forças, operava se na sua pobre casa como que uma transformação. Os visinhos admiravam-se de já não a verem andar sempre na rua, como antigamente, em companhia das outras creanças do sitio. Entretinha o tempo a estudar as lições que tinha de dar ao seu mestre. O pae estava contentissimo por vêr a perseverante diligencia que ella empregava no arranjo domestico, e maravilhava-se da notavel mudança que se operara em sua filha.

— A rapariga tem, seguramente, a mesma religião que sua mãe professava, — disse elle uma vez á sr.ª Stone. — Anda alegre como um passarinho, e porta se admiravelmente para com sua madrasta!

Chegou, por fim, a occasião de Jenny entrar para a escola, que frequentava tanto aos domingos como aos dias de semana. Graças ao auxilio que a sr.ª Stone lhe prestava, Jenny estava tão apresentavel como qualquer das filhas de operarios que eram suas condiscipulas. Havia, porém, uma differença: Jenny, ao juntar-se com ellas pela primeira vez, sentia-se muito mais alegre e feliz que qualquer das outras; e a rasão d'isto era que todas aquellas creanças estavam habituadas, desde a infancia, a receber educação, caso aliás inteiramente novo para Jenny. Como o futuro se lhe antolhava brilhante e cheio de promessas!

No meio de satisfação tão completa, a pobre rapariga só tinha um pezar: — lembrar-se que as suas antigas companheiras continuavam na ignorancia e no abandono. E esta ideia tanto a impressionava, que chegou a nublar-lhe o sol da sua actual alegria. Encontrava-se nas veredas da satisfação e da paz, emquanto que ellas continuavam n'um deserto assolado de tristezas, desprotegidas, arriscadas a innumeros males e desgostos. Oh, se ella podesse tel-as conduzido atraz de si! Mas a pobreza, o vicio, a orphandade, a falta de hygiene, a immundicia e a miseria, envolviam-n'as em suas sombras, e impediam-n'as de gosar o sol da vida.

Jenny empregou todos os meios ao seu alcance para

conseguir, ao menos, que uma ou outra d'aquellas infelizes creanças fosse á escola dominical, que era gratuita. Levantaram-se, porém, difficuldades insuperaveis na maioria dos casos. As creanças só tinham andrajos e farrapos para vestirem, e da parte de seus paes, ou tutores naturaes, nenhuma vontade havia de lhes arranjar fato melhor; ou, se a havia, faltavam-lhes completamente os meios de realisal-a, em rasão da sua extrema pobreza. Muitas d'aquellas creanças tinham que sustentar diariamente uma lucta tremenda para conservarem a vida, e a educação, religiosa ou secular, importava-lhes tanto como a descoberta do motu-continuo. Jenny via-se na impossibilidade de conduzil-as á fonte da instrucção, onde ella bebia, mas espargia sobre ellas algumas gotas, que, devemos crêl-o, cahiam como o orvalho sobre flôres resequidas.

— Oh! se eu já fosse mulher, — suspirava ella muitas vezes, — empregaria todo o meu tempo e todo o meu dinheiro em ser util a estes bocadinhos de gente, como eu, e em dar-lhes um energico impulso!

X

Opera-se uma mudança na sr.ª Stone

Na noite em que Jenny foi receber a ultima lição de Alberto, antes de entrar para a escola, logo que a discipula saiu, a sr.ª Stone disse ao seu hospede, com uma humildade que não lhe era habitual:

— Parece-me, sr. Alberto, que tambem aprendi alguma coisa com estas lições. Não tenho a minha consciencia perfeitamente tranquilla ácerca do modo por que tenho tratado meu marido; ou, pelo menos, tenho pensado que talvez commettesse um erro. Nunca perdi uma occasião, sequer, de lhe fallar nos seus peccados e de o ameaçar com a ira vindoura; mas, por desgraça, nunca consegui

impressionar-lhe o coração; importava se tanto com o que eu dizia como com a chuva que caiu ha cem annos, e nem ao menos se zangava commigo. Só de vez em quando é que me dizia que a minha religião era muito massadora, e que o melhor era guardal-a para mim.

A sr.ª Stone remecheu-se na sua cadeira, e desenvolveu uma furiosa actividade na sua meia, durante um ou dois minutos. Depois, soltando um profundo suspiro, deixou cair as mãos no collo, e accrescentou:

— O que eu temo, sr. Alberto, é que a minha religião não esteja no meu coração, mas sómente na minha cabeça, ou na minha intelligencia, como dizem os prégadores. Sempre me hei de lembrar que a Biblia diz «que a lettra mata, mas que o espirito vivifica.» Como eu invejo a vida e o amor que começam a desabrochar no coração d'essa creança... chega a parecer-me que nada sei a tal respeito! Creia que não fallaria n'isto a mais ninguem; mas estou certa de que o senhor é um bom christão, e por isso lhe fallo com tanta franqueza.

Alberto não ficou muito lisongeado por vêr que uma pessoa mais velha fazia d'elle «padre confessor.» Possuia aquella modestia que nos torna difficil o reprehendermos uma pessoa mais idosa, e repugnava-lhe ouvir as proprias recriminações de quem era mais velho do que elle. Assim, limitou-se a dizer:

— Póde estar certa de que não divulgarei o que me disser confidencialmente.

— Aquellas palavras de Jenny, quando fallou do amor do Salvador para com ella, pareceram-me irem direitas ao meu coração e á minha consciencia. Julgava ella que o Salvador *deve amar-me* porque sempre faço o que é justo! Abençoada creança! Mas as suas palavras deram-me volta ao miolo, e disse commigo: «Pois não seria a coisa mais maravilhosa do mundo, o Redemptor amar-me a mim? O meu proprio marido, que é tão bom para mim, nem esse sei se amo... porque verdade, verdade, o meu coração não é dos mais propensos ao amor.» Depois lembrei-me do texto: «Aquelle que não ama seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?» 1 João 4-21. Vejo, realmente,

que não estou no bom caminho, mas espero que o Senhor me fará entrar n'elle. Afflige-me ver a maneira por que Jenny tem recebido o Evangelho, e a mudança que n'ella se tem operado; pois vejo que não o recebi como ella. Pois não disse o Senhor, que quem não receber o reino de Deus como uma creancinha, de nenhuma maneira ali entrará, e que nos devemos converter e tornar como se fossemos creancinhas? S. Mar. 10-15 S. Luc. 18-17.

— Disse, disse, — respondeu Alberto. — E não é bello vêr como a pobre creança recebe o Evangelho? com que simples confiança, com quão grande fé, com que vivida realisação do Pae e do Salvador! E depois, veja que tranquillidade de espirito se segue, e como a fé desabrocha em obras. Jenny faz quanto póde para agradar ao seu Salvador, e para provar o seu amor para com Elle — conservando asseiada a sua pobre casa, tratando de proporcionar a seu pae as primeiras commodidades, soffrendo com paciencia a sua infeliz madrasta, e fazendo sentir a sua influencia — apezar de não ser mais do que uma creança pobre e ignorante —na desgraçada visinhança que a cerca. E' uma pequena luz accesa pela mão do Senhor, mas que derrama a sua claridade onde Elle a collocou. Se cada um de nós, que conhecemos a sua vontade divina, fizessemos outro tanto, illuminando os logares em que nos encontramos, em vez de escondermos a luz debaixo do alqueire, — os logares mais tenebrosos reflectiriam á luz vivificante de Deus.

— Agora vejo que a religião é uma coisa verdadeira, uma verdadeira vida, e não o vacuo que sempre se me afigurou ser,—disse a sr.ª Stone, com effusão.—Tenho cumprido certos deveres, tenho lido a Biblia, e assistido aos serviços da egreja; mas não tenho encontrado *vida* na minha religião. Se ella tivesse exercido alguma influencia nas minhas acções quotidianas, teria eu tratado meu marido de bem differente maneira, e ter-me-hia interessado pelo corpo e pela alma da pobre Jenny, muito antes d'ella ter vindo pedir-me para lhe dizer alguma coisa ácerca do Senhor Jesus. E, Deus me perdoe! estremeço só em lembrarme do que eu lhe poderia ter dito a tal respeito! Porque,

se ella tivesse de confiar-se a mim para illuminar a sua alma, estou certa de que teria continuado a permanecer nas trevas do paganismo, até hoje.

A snr.ª Stone apoiou o cotovello no braço da sua poltrona, e deixou pender a cabeça sobre a mão, como se a pungisse uma grande dôr mental. Depois accrescentou:

—Tenho examinado o meu coração ha muitos dias a esta parte, e tem-me parecido que é o Senhor quem procede a este exame. Todavia não tenho desanimado, pois posso exclamar: «Deus, tem misericordia de mim, peccadora!» E sei que elle não desprezará o meu clamor.

—Não o desprezará, nem jámais despreza clamor similhante, quando é saido do coração de qualquer creatura,—replicou Alberto.

—E agora vou proceder de outro modo para com meu marido; porque até aqui tenho estado a querer tirar-lhe o argueiro do olho, sem vêr que tinha uma trave no meu. Deixal-o-hei agora tirar-me a trave, e talvez que elle venha a tirar o seu argueiro. Vou deixar, absolutamente, de fallar-lhe em religião, por algum tempo, e diligenciar que as minhas acções fallem ao seu coração. E depois, quando elle me perguntar qual é a rasão de toda esta mudança, não me envergonharei de dizer-lhe o que o Senhor fez por mim, e como me mostrou o que eu era e o que Elle é. Oh, creio e confio que o snr. Alberto, Jenny e eu estamos todos a bordo da mesma barca, e que juntos demandamos a terra de Canaan.

—Sejamos sollicitos em glorificar a Deus, e em abençoar o mundo, emquanto vamos de viagem,—disse Alberto,—para que por fim venhamos a experimentar a dita de lhe ouvirmos dizer:—«Bem fizestes, servos bons e fieis!» E' um privilegio, e uma alegria acima de todas as alegrias, ser admittido no numero dos companheiros de trabalho com Christo. Não importa que cheguemos á vinha á undecima hora, porque todos receberão o mesmo salario; mas podemos regosijar-nos por Elle nos haver permittido supportar o calor e o trabalho do dia por seu amor.

XI

A vida de um cocheiro

O estio e o outomno, que se seguiram, foram os tempos mais felizes que Jenny se recordava de ter passado. A vida era uma coisa inteiramente nova para ella; e se não fosse a triste sombra causada pelo mau procedimento de sua madrasta, o qual sempre pairava humilhantemente sobre aquella habitação, a pobre creança sentir-se-hia quasi perfeitamente feliz e contente.

O coração de Jenny estava cheio do resplendor da paz e do amor de Deus, e ella conhecia que tambem resplandecia para os outros. Que mais é preciso para completar a felicidade de um sêr humano? Muito pouco, se é que alguma coisa é preciso. As circumstancias exteriores não teem importancia para taes sêres. A pobreza não é pezar, se a necessidade não é absoluta; e os mais sombrios accessorios tornam-se dourados pela gloria e pela alegria interiores.

O mundo tornara-se um aprazivel logar, aos olhos de Jenny, comquanto ella pouco visse das suas bellezas abundantes e superiores. Uma faxa do firmamento, que se estendia sobre a estreita e escura rua em que morava, a verdura dos parques, e as flores expostas á venda nas montras das lojas, era tudo quanto ella via da natureza.

N'este verão, porém, os parques pareciam-lhe similhantes ao Eden, posto que a terra perdesse, ainda muito cedo, a sua côr de esmeralda, como costuma acontecer aos prados de Londres, e as arvores parecessem muito escuras quando se balouçavam, fazendo apenas ouvir uma toada phantastica, especie de fragmento de alguma esquecida melodia, comparada com a musica alegre das florestas que se erguiam lá ao longe nos campos, onde as largas folhas parecem realmente, como disse o poeta, «pequeninas mãos que applaudem», quando a brisa do estio as agita.

Jenny não tinha a menor ideia da profusa opulencia de belleza dos campos, para poder comprehender quão

pouco bella era, realmente, a natureza de Londres. E quando, durante o dia, passava de um para outro lado na rua em que a sua casa era situada, fallando amavel e alegremente ás suas melancholicas visinhas e ajudando-as de alguma maneira, se podia e tinha tempo para isso, parecia-lhe que o sitio era muito mais aprazivel do que antigamente, e lá tinha sempre o pedaço de céu para contemplar, e para lhe trazer á mente a bella morada d'além, a respeito da qual phantasiava as mais prodigiosas concepções.

Chegou porém um dia, dia memoravel na vida de Jenny, em que ella se encontrou fazendo parte de uma multidão de creanças felizes, que iam ao campo... ao Paraiso! porque assim se podia chamar ao logar, ou a que se destinavam aquellas creanças acclimadas a uma atmosphera de fumo e ao ar infecto de umas ruas e de uns pateos; onde tudo o que é puro, doce e aprazivel, só pode ser visto em sonhos.

Jenny, assim como todas as outras creanças, nenhuma das quaes fizera ainda uma excursão similhante, mal podia acreditar no testemunho dos proprios sentidos. A fragrancia das verdejantes veredas sinuosas, pelas quaes iam caminhando; o cantar dos passarinhos; a suave musica das ondulantes arvores—e que arvores!—que se elevavam para o céu azul como as torres e os campanarios da cidade, qual numeroso exercito de gigantes; os verdes e accidentados campos de brilhante verdura; as extensas searas de trigo e cevada, que se agitavam e ondulavam caprichosamente; os fetos, os musgos e myriades de flôres da fresca e umbrosa floresta, por onde as creanças vagueavam, como se fosse um paiz de fadas, apanhando thesouros mais bellos, aos seus olhos, do que pedras preciosas, bebendo a agua crystalina dos regatos, e tão saciadas pelas bellezas naturaes, a ponto de chegarem a julgar impossivel precisarem de alguma outra coisa, além do que as cercava até que foi annunciada uma refeição, e todas se sentaram, por grupos, sobre a relva e foram servidas pelos servos d'aquelle bom Mestre que duas vezes deu de comer ás multidões do mesmo modo, com a relva por meza, o céu por tecto e o

vento por musica; — tudo isto se combinou para fazer d'aquelle dia um dia como Jenny nunca pensara que alvorecesse para ella, e que nunca se riscaria da sua memoria.

Muitas vezes conversou com seu pae ácerca dos mil encantos d'aquelle dia, durante o pouco tempo que estavam juntos depois d'elle recolher a casa e antes da hora de dormir. N'essas occasiões a conversação versava sobre toda a especie de assumptos, e Jenny repetia-lhe o melhor que podia a maior parte do que aprendia na escola, assim como trechos dos sermões que ouvia ao domingo. Pedira muitas vezes a seu pae para ir com ella á egreja aos domingos, mas elle escusava-se, invariavelmente, dizendo que não tinha fato decente para lá ir, nem genio de o comprar para ir fazer figura entre gente rica. Mas Jenny tanto insistiu, que elle promettou-lhe, finalmente, que havia de pensar n'isso antes que chegasse o inverno, pois tencionava passar a trabalhar só seis dias por semana, para ter um dia de descanço em cada sete, durante a estação do frio; sentia enfraquecer-se-lhe a saude, e já não podia trabalhar como d'antes.

Comtudo, quando, aos domingos, succedia encontrar-se á espera de freguezes, á porta de alguma egreja ou capella, como muitas vezes acontecia, apurava o ouvido á voz do prégador, a fim de apanhar o final do sermão, ou o ultimo hymno, ou a benção apenas, — como creança esfomeada que estivesse a apanhar as migalhas caidas de uma mesa bem fornecida.

Um domingo á noite, no mez de outubro, tendo elle entrado até ao guarda-vento de uma egreja, ouviu a congregação cantar o hymno intitulado «Rocha dos seculos.» Era uma noite de tempestade; o vento soprava em asperas rajadas; negras massas de nuvens, caminhando do sudoeste, atravessavam o ceu pardacento, atravez do qual a lua tomava o aspecto de uma bola de lã, quando não era totalmente obscurecida pelas velozes nuvens, as quaes, de vez em quando, se desfaziam em grandes aguaceiros. As luzes do gaz scintillavam a custo nas lamacentas ruas, e até as pessoas bem agasalhadas e bem vestidas, que apressadamente recolhiam a suas casas, pareciam miseraveis.

Que penna poderia descrever, com verdade, a miseria dos mal vestidos, e dos que não tinham casa, n'uma noite d'aquellas?

Ricardo sentiu-se miseravel ao encontrar-se encostado ao portico da egreja. Estava encharcado, quasi até á pelle, e conhecia que ia constipar-se. Faltava-lhe o animo e a energia; sentia a cabeça pesada, e quando ouviu o hymno denominado «Sonho do crente» pareceu-lhe que as vozes vinham de muito longe, como se as ouvisse n'um sonho. Depois caiu n'um lethargo do que só despertou aos passos da congregação, que sahia da egreja; dirigiu-se então vagarosamente para o trem, sem dar pela chuva que o molhava, e, como não encontrasse freguez, poz-se a caminho. Logo que poude recolheu a casa, onde encontrou Jenny sentada, esperando por elle, como de costume, com a ceia prompta e uma cadeira á espera d'elle diante de um fogo vivo e bem ateado.

—A mãe está fóra de casa, supponho,—disse elle, despindo o casaco molhado.

—Não, meu pae, já se deitou,—disse Jenny.—Veiu para casa muito molhada, haverá uma hora, mas enxugou o fato e foi para a cama. E vossemecê, pae, como vem encharcado! Não seria melhor ir tambem deitar-se já, e levar-lhe eu a ceia á cama? Vossemecê sentava-se na cama e poderia comer.

—Não, filha, não me sinto bom, porque apanhei uma formidavel constipação, e preciso aquecer antes de ir para a cama. Se me deitasse já, ficaria toda a noite a tiritar.

—Pois bem, aqui tem o seu café, quasi a ferver. Tome uma chavena d'elle, e venha sentar-se aqui ao pé do lume; mas, antes d'isso, deve mudar de calças, que estão todas molhadas, e descalçar as botas.

—Não, não; deixa estar as botas e as calças; ellas seccarão por si. Tenho enxugado, no corpo, o fato molhado, duzias e duzias de vezes.

Evidentemente, o bom cocheiro estava doente, porque tiritava como se estivesse com uma sezão, ao mesmo tempo que abrasava em febre. Jenny rodeiava-o de todos os cuidados possiveis, fazendo quanto estava ao seu alcan-

ce para lhe proporcionar as maiores commodidades. Depois de ter ceiado alguma coisa, o cocheiro foi sentar-se junto do lume, que Jenny tinha ateiado, e recostou-se pesadamente na sua poltrona. Jenny, suppondo que o pae tinha somno, sentou-se junto d'elle com o seu livro de hymnos, a decorar em silencio o que havia de cantar-se na proxima lição da escola dominical.

Subitamente, o pae interrompeu-a, perguntando-lhe:

—Ouviste hoje algumas coisas boas, Jenny?

— Sim, meu pae,—respondeu a creança, promptamente.

Erguendo o olhar, viu que os olhos do pae estavam abertos e brilhantes, e, concluindo que elle estava melhor, passou a narrar-lhe o que fizera n'aquelle dia, explicando-lhe, mais minuciosamente que de costume, o sermão que tinha ouvido, o qual consistira n'uma exposição da parabola do filho prodigo.

O pae ouviu-a com a maior attenção, e, quando Jenny terminou, disse-lhe:

— Soube tudo isso quando era rapaz, mas, infelizmente, tudo se me varreu da memoria! Recordo-me porém das coisas quando as oiço. Ainda esta noite isso me aconteceu, quando ouvi o povo cantar a «Rocha dos seculos.» Lembro-me perfeitamente de ter cantado este hymno com minha mãe, na egreja, quando eu era pequeno. Até me parece estar vendo o logar em que costumavamos sentarnos ali, aos domingos. Era uma egreja muito grande e muito velha, que em nada se parecia com essas que por ahi vejo.

—Não era, então, em Londres, meu pae?—interrompeu Jenny.

—Em Londres? não! N'esses tempos nem eu pensava ainda em ver Londres. Era uma egreja grande e velha, como disse, exposta ás inclemencias do tempo, e situada no meio de um vasto cemiterio, cheio de tumulos, onde nós — as creanças—jogavamos ás escondidas, e por onde passava o povo que ia tratar dos seus negocios de um para o outro lado da cidade. A egreja tinha um alto campanario com uma boa collecção de sinos, os quaes tocavam amiudadas vezes, para uma coisa e outra, e repicavam linda-

mente aos domingos, quando se entrava para o culto. Da parte de dentro, havia bancadas de costas altas, estofadas de verde, com pregos de latão em volta, coisa muito para se vêr. Os rapazes do meu tamanho nunca estavam nas bancadas emquanto o parocho prégava no pulpito, porque não podiam vel-o, se estivessem um pouco distantes. Minha mãe e eu costumavamos sentar-nos mesmo por detraz do pulpito, ao pé de uma grande porta, n'uma saliencia que havia na parede, logar que se não pagava, de modo que iamos sempre muito cedo para não o acharmos tomado, e d'ali assistiamos á entrada da gente rica e bem vestida, que tomava logar nas bancadas. Lembro-me perfeitamente de que, no inverno, como fazia muito frio, minha mãe costumava levar-me muito abafado, com uma manta enrolada ao pescoço, commodidade que eu muito apreciava. Parece-me que ainda foi hontem. Tambem me recordo de que, por mais frio que fizesse, eu deixava de o sentir logo que começava o serviço. O orgão principiava logo a tocar, lá em cima, n'um côro que ficava quasi ao pé do tecto, e por baixo do qual havia outro côro para onde iam as grandes senhoras e os homens mais distinctos: ainda me lembro quanto eu dava graças por não estar lá com elles, pois tinha por certo que, mais dia menos dia, o orgão viria a furar o tecto do côro de baixo, e a cair-lhes sobre as cabeças. O orgão era uma machina formidavel, e borrava, ás vezes, que estrugia tudo, e fazia bater as vidraças contra as tiras de chumbo, que sustinham os pedaços de vidros de côres, que matisavam as enormes janellas.

— Era uma egreja esquisita, meu pae, — observou Jenny, que ouvia aquella descripção com profundo interesse.

A pobre creança sentia-se satisfeita por vêr o pae tão conversador; calculava que a ceia lhe tinha feito bem, e que estava agora melhor por se haver aquecido. Elle tinha os olhos brilhantes e fallava depressa, de um modo excitado e febril, como fazem as creanças quando estão para cair doentes.

—Era muito exquisita, era; está-me lembrando agora o que eu costumava sentir quando lá ia aos domingos, com minha mãe, á hora do sol. Lá dentro fazia muito escuro,

sentia-se apenas um cheiro pesado e especial, e o rumorejar das pessoas que entravam, e se alguem fallava era só em caso de necessidade e muito em segredo. Logo que o orgão terminava a symphonia, rompia um hymno, e os cantores que estavam lá em cima, no côro, entoavam um cantico que começava por estas palavras: «Erguer-me-hei, irei a meu Pae.» Era realmente encantador este hymno, que sempre se cantava no principio do culto.

— E' o mesmo que eu estava a estudar ha bocado, meu pae.

— Sim, era uma coisa parecida. Depois seguia-se o serviço ordinario, e a egreja ia escurecendo cada vez mais, n'aquellas frias tardes de inverno, até que o parocho dizia «Nós te rogamos, oh Senhor, que illumines as nossas trevas», e assim acabavam as orações. Sempre julguei que estas palavras eram uma oração para se accenderem as luzes, porque a ellas seguia-se um hymno, e, emquanto este se cantava, vinha um empregado com um rolo de cera verde na mão, e accendia as luzes em volta da egreja, e mais duas, á direita e á esquerda do parocho. N'aquelle tempo ainda não havia gaz na velha egreja, e a illuminação era feita com velas de cera, que só davam a luz sufficiente para vêrmos as caras uns aos outros quando estavamos de pé. Depois, o parocho prégava o sermão, coisa que nunca se entendia commigo; umas vezes escondia-me nas dobras do chale de minha mãe, e adormecia; outras vezes, punha-me a brincar com pedrinhas, bocados de cordel, ou qualquer outra coisa que levava na algibeira, até se ouvir um subito sussurro, que sempre esperava ancioso: era o povo que se levantava para a oração final, — queria isto dizer que o sermão estava acabado. Cantava-se então outro hymno, em que eu tomava parte, porque minha mãe me tinha ensinado a lettra, tendo eu assim occasião de gritar um pouco. Pareceu-me que já o aprendi na escola; começava assim:

«Gloria a ti, Senhor dos céus,
Pelas bençãos que nos dás.»
Gloria dê ao Senhor do céu
Pelas bençãos que nos deu

— Sei-o do principio ao fim, — disse Jenny, sorrindo.

— Bem; mas o que não sabes é que eu todo me arripiava quando se chegava a estas palavras:

> Oh, ensina-me a morrer,
> Para a lousa eu não temer
> Mais do que a cama em que durmo.»

Tremia como varas verdes ao lembrar-me das sepulturas negras e humidas, que havia lá fóra, no adro, e não podia comprehender que houvesse quem gostasse tanto de estar dentro d'ellas como dentro da cama em que dormia todas as noites. Mas o que eu sei, Jenny, é que tua mãe foi alegre e contente para a sepultura. Só lhe dava cuidado deixar-nos, a ti, a mim e á nossa menina. A pequenina pouco tardou em seguil-a e eu desejava ir ter com ella, e desejo, se podesse ir para lá sem morrer.

— Mas bem sabe, meu pae, que é só o corpo o que morre, — disse Jenny. — Se as nossas almas vão direitas para Jesus, não deve importar-nos que os nossos corpos sejam enterrados em escuras sepulturas.

— Terias rasão, Jenny, se ellas fossem para Jesus; mas nem todas vão, e ahi é que bate o ponto. Sim, a tua mãe foi, e tu tambem irás, porque segues a religião d'ella, pelo que claramente vejo. Mas olha tu para mim e para tua madrasta, e dize, com franqueza, se não navegamos em camarote differente.

O rosto de Jenny tornou-se radiante, ao responder:

— Então para onde julga que eu hei de ir? que differença ha entre mim e vossemecê?

— Ora! ha a differença de que tu és uma boa rapariga, e que estás preparada para ires para lá.

— Não ha tal, meu pae, não ha tal! O caso é este: Jesus ama-me, morreu por mim, e eu creio-o, amo-o e faço por lhe agradar. Elle tambem o ama, a si, meu pae, morreu por si, mas vossemecê quasi que não o crê, não o ama, nem trata de agradar-lhe, eis a differença. Aprendi tudo isto, e sinto que isto é verdade, no intimo do meu coração; não irei para o céu por ter diligenciado agradar

a Jesus, mas sim porque Elle morreu por mim; mas como sei que Elle morreu por mim, *não posso deixar* de fazer por lhe agradar, porque realmente o amo. E' por vêr isto que vossemeçê diz que sou boa rapariga, mas não ha bondade em mim que possa levar-me ao céu para junto dos santos anjos; pelo contrario, ha ainda em mim muita maldade, e todos os dias peço ao Senhor que me ajude a combatel-a, o que Elle faz. O Senhor recorda-me constantemente que sou amada por Jesus, e só o pensar n'isto guarda-me de me entregar ás coisas que são más, de dizer más palavras, ou de nutrir ruins sentimentos contra minha madrasta, ou contra seja quem fôr. E' sómente o amor que faz tudo isto, do principio até ao fim. Ai, meu pae, como eu desejava que vossemecê amasse Jesus! Seria muito feliz.

O rosto de Jenny estava abrazado com o fervor dos seus sentimentos. Seu pae parecia abalado pelas palavras que ella proferia; apoiara os cotovelos nos braços da poltrona, juntara as mãos, e curvara-se para diante, contemplando o lume, com o olhar illuminado por desusado brilho. Passados alguns minutos, recostou-se vagarosamente, e disse:

— A verdade é que já por algumas vezes tenho pensado um bom bocado em religião, mas que nunca a tinha encarado sob o ponto de vista em que tu a apresentas. Acho que é para ti uma coisa tão simples e tão direita como o A B C. Mas, n'esse caso, não passo eu de ser um velho e miseravel peccador, e não chego a comprehender que Jesus me ame.

— Ora ahi está! — exclamou Jenny, com uma ligeira gargalhada, excitada pela alegria, — ora ahi está; exactamente o que eu pensava, e me impedia de crêr; parecia-me demasiado bem para ser verdadeiro. Mas quando vossemecê tiver vencido o que n'isso ha de *maravilhoso*, então sentirá entrar em seu coração o amor, repentinamente, e nunca mais tornará a julgar-se miseravel. *Jesus ama-me e eu amo Jesus*, é isto o que ha de sentir, e viverá tão feliz como eu.

— Sim... sim... sim! — replicou o pae, intercalíando

pausas entre estas affirmativas. — Havia de ser maravilhoso que assim acontecesse! E' n'isso pois que consiste a tua religião? Por um lado, parece pouco, e por outro lado parece muito. Deus sabe quanto eu desejava têl-a! Mas não sei coisa alguma para lhe dizer, nem mesmo que Elle me chamasse n'este momento. Recordo-me do que minha mãe costumava dizer a respeito da «Rocha dos seculos,» ou do Salvador. «Rocha dos seculos, que por mim te fendeste, deixa que em ti me refugie:» e sinto, quando repito estas palavras, o que sentiria se estivesse orando.

— Pois isso é orar, meu pae, não é outra coisa; e creia que o Senhor se compraz em ouvir-lhe essas palavras. Elle gosta de vêr que precisamos d'elle — dizia-me o snr. Alberto — porque fica satisfeitissimo por vir ter comnosco, por nos perdoar os nossos peccados e por trazer a paz aos nossos corações.

—Pois, querida Jenny, se eu estava orando, ignorava que o fazia. Ha muito tempo que não oro, excepto uma ou outra vez, em que, vendo tudo negro como breu, por dentro e por fóra, sentia alguma coisa que dizia dentro em mim: «Oh Deus, sê misericordioso!»

—E sempre o é,—replicou Jenny sorrindo,—porque nos ama a todos nós.

—Ama-nos, ama-nos... tudo para ti é amor, creança. Não achas que são horas de ires para a cama? Olha que já é muito tarde, e podes recair se não tiveres cuidado na tua saude. Abençoada creança, olha que eu não poderia perder-te!

A estas palavras, Jenny levantou-se repentinamente. Lagrimas de alegria lhe saltaram dos olhos a esta manifestação do apreço e do amor que seu pae lhe dedicava. Arrumou, em silencio, a loiça e os restos da ceia, e disse depois com ar meigo:

—Posso servil-o em mais alguma coisa, meu pae, antes de ir deitar-me?

— Sim, minha filha, vem cá.

Jenny chegou-se ao pé do pae, o qual, tomando-lhe as mãos entre as suas, abrazadas pela febre, lhe fallou n'estes termos:

—Roga por mim ao bom Senhor, para que eu possa encontrar-me com tua mãe quando Elle me chamar. Reconheço que não tenho direito algum a ir habitar com Elle, porque tenho sido um miseravel peccador, mas continuarei a orar, dizendo: «Rocha dos seculos, que por mim te fendeste, deixa que em ti me refugie.» Jenny, acho-te hoje parecida com tua mãe! E agora vae deitar-te, mas dá-me um beijo antes d'isso.

Um vivo rubor subiu ás faces de Jenny, que beijou o pae quasi com tanto pejo como faria uma donzella que, pela primeira vez, beijasse o namorado. Estava tão pouco habituada a estas caricias! Mal sabia ella quão poucas occasiões teria de tornar a beijar seu pae! Apenas tinham decorrido quinze dias quando o beijou pela ultima vez, mas então os labios d'elle estavam gelados e mudos... ia elle partir para a estreita e escura morada que n'aquelle breve periodo de duas semanas aprendera a «temer tão pouco como a propria cama».

XII

Uma madrasta cruel

O local, em que o pae de Jenny costumava estacionar com o seu trem, continuava a ser animado e concorrido como sempre. Lá estava ainda a praça dos trens, mas já ninguem se lembrava d'aquelle cocheiro taciturno e um tanto impertinente que ali occupara um logar durante tantos annos. Os camaradas apenas fallaram n'elle uma ou duas vezes, para lamentarem *que se tivesse ido embora tão cedo*, e trataram de ter mais cuidado com as proprias saudes durante a estação invernosa que se seguiu, abotoando os casacos até acima, vestindo os seus capotes e batendo com os pés no chão com toda a energia.

Depressa esqueceram o antigo companheiro, e o mun-

do continuou a mover-se sem elle, como até ali se movia com elle. Nas cidades populosas e commerciaes, como é Londres, quando uma pessoa desapparece, ha logo vinte para a substituirem; e quem pode lá estar a lembrar-se do que desappareceu, se está doente ou está morto, ou a fazer conjecturas ácerca do logar para onde terá ido? Ainda assim, devemos ter a esperança de que cada pessoa, que assim desapparece do mundo, deixa, como deixou o pae de Jenny, um ente, pelo menos, que a prantêa e lhe sente a falta. Havia um coração pequenino e terno, que se angustiou durante muitos e longos dias, por não vêr o rosto pouco sympathico e requeimado, pelo tempo, de Ricardo, havia uns pésinhos que iam muitas vezes nas tardes bôas, até á estação dos trens, e ali andavam um pouco de cá para lá, porque os pés de Ricardo tambem pisavam habitualmente aquelle sitio, e o estar ali avivava, á pobre orphã, a memoria querida do pae. No meio da sua soledade e do seu desgosto, tinha Jenny a grande satisfação de pensar na maneira alegre e pacifica por que haviam terminado os dias de seu pae. Nenhuma duvida lhe restava de que elle fôra reunir-se a sua mãe na presença do Redemptor, em quem puzera toda a sua confiança na hora solemne em que o coração e a carne fallecem. Deus era a força do coração de Ricardo, o qual firmemente cria que, mediante o seu amor e misericordia infinita, com Elle viveria para sempre. Assim, Jenny tivera esta dôce consolação ao seu desgosto; podia prantear seu pae, não como fazem aquelles que não teem esperança, mas na alegre espectativa de tornar a reunir-se, com os que amara e perdera, em condições de suprema ventura.

Os hymnos que aprendia na escola dominical, e que se referiam ao céu, eram agora, para ella, mais harmoniosos do que d'antes; e todas as noites, antes de se deitar, que era a hora em que mais sentia a falta de seu pae, cantava fervorosamente, para aliviar a sua magoa, algum dos mais conhecidos, taes como: «Ha um feliz logar», Vivo aqui como estrangeiro», «Fallamos de um mundo feliz», e outros similhantes.

Sua madrasta pareceu sentir, durante alguns dias, a

morte do marido; sahia para a sua occupação diaria, e passava as noites em casa, sem se embriagar, em vez de ir, como costumava, gastar na taverna tudo quanto havia ganhado. Jenny chegou a alimentar a esperança de que a madrasta se propunha iniciar uma vida nova, e de que viveriam ambas em paz, ajudando-se mutuamente.

Pouco tempo durou, porém, esta esperança. Passados oito dias, tornara Jenny a achar-se sósinha em casa durante a noite, e, por volta das dez horas, apparecia em casa a madrasta, no seu antigo estado, desgostando a creança com uma linguagem grosseira e violenta, e dizendo-lhe, com mau modo, que se puzesse na rua e fosse tratar da sua vida; que o pae tinha morrido e ella não estava para a aturar, etc.

Um dia, de manhã, a madrasta disse a Jenny, com desusada amabilidade, que não ia trabalhar n'aquelle dia, e que precisava que ella lhe fosse levar um recado a uma das suas amigas, que morava n'um bairro muito afastado. Jenny não tinha ido á escola aos dias de semana desde que seu pae morrera, e receiava não poder voltar a frequental-a. Os dias pareciam-lhe muito compridos agora, porque os passava, como antigamente, de um para outro lado da casa, sem ter em que empregar nem metade do seu tempo. Annuiu, portanto, da melhor vontade, ao desejo da madrasta e foi fazer o recado, comquanto este fosse longe, e os sapatos não estivessem em muito boas condições para um longo passeio, n'um dia, frio e humido, de novembro. Seu pae havia-lhe promettido, antes de adoecer, comprar-lhe uns sapatos novos; agora, porém, que esperança podia ella conservar de vir a obtel-os?

A madrasta entregou a Jenny uma carta fechada, muito amarrotada, em cujo sobrescripto se lia o endereço de uma senhora, de nome vulgar, residente na rua de tal, numero tantos,—e disse á enteada que fosse levar aquella carta e esperasse pela resposta. Jenny nunca tinha ido ao bairro em que era situada aquella rua, mas a madrasta indicou-lhe o caminho que devia seguir, accrescentando:

—E' um tanto longe, bem vês, mas o passeio ha de fazer-te bem, e podes ir descançando pelo caminho.

Jenny partiu, sem ao menos suspeitar de que a madrasta se servia d'aquelle pretexto para a conservar fóra de casa durante algumas horas. Dirigiu-se ao bairro afastado, em que fallámos, mas não conseguiu dar com a rua indicada no sobrescripto. Não era, porém, rapariga que recuasse diante de qualquer obstaculo que se levantasse aos seus propositos, sem diligenciar vencel-o; percorreu o bairro em todas as direcções, perguntando a toda a gente pela rua de tal, e pela senhora fulana. Por fim, mostrou a carta a um policia, pedindo-lhe que lhe ensinasse o caminho.

—Conheço este bairro tão bem como conheço o nariz que tenho na cara, e posso assegurar-lhe que não ha aqui rua alguma com esse nome.—Foi a resposta decisiva do agente da ordem publica.

A muito custo, Jenny resolveu dar por finda a inquirição, e voltou caminho de casa, muito cançada e com os pés doridos.

A cruel madrasta deixara-a sair de casa sem lhe dar de almoçar, nem coisa alguma para comer no caminho; mas Jenny, lembrando-se, com alegria, que tinha na algibeira uma pequena moeda de cobre, resto de um dinheiro que a snr.ª Stone lhe tinha dado, entrou n'uma padaria e comprou um pão pequeno, que logo comeu com appetite; porque a fome começava a fazer-se sentir.

Já ia anoitecendo quando a pobre creança regressou a casa, fatigadissima. Quando chegou á porta, mal podia dar um passo, de modo que, logo que entrou, procurou uma cadeira para se sentar; mas a casa estava completamente nua, como se não fosse habitada! A creança ficou tomada de espanto durante alguns segundos, e deixou-se cair sobre as taboas do sobrado. Na chaminé havia ainda uns restos de lume amortecido, e nada mais. Jenny sentiu-se perturbada; receiou desmaiar, como lhe acontecera n'aquelle terrivel dia em que, ao voltar a casa, encontrara queimados os vestidos da irmãsinha. Parecia-lhe ser victima de um sonho horrivel, não ter forças para accordar. De repente, porém, sentiu passos no andar superior, de al-

guem que descia a escada, e a voz da madrasta, perguntando:

—E's tu, Jenny?

—Sou eu,—respondeu ella sem se mover.

Appareceu então a madrasta, de chapeu na cabeça e chale nos hombros, com uma trouxa bastante grande nas mãos.

—Encontraste a tal senhora, a quem escrevi?—perguntou ella com brandura.

—Não encontrei,—respondeu Jenny.—Ninguem soube dar-me noticia d'ella, e disse-me um policia que não ha similhante rua. Estou cançadissima. Mas, para onde foram os nossos trastes? mudou-os todos lá para cima?

—Não os mudei lá para cima, nem tu tens o direito de fazer taes perguntas. Os trastes eram meus, que m'os deixou teu pae; e foi só o que me deixou, pobre e miseravel viuva que eu fiquei! Como agora nada me prendia aqui, puz a andar tudo quanto havia em casa, e vou para a minha terra, viver com os meus parentes, ficando assim acabadas as relações que existiam entre tu e eu. Bem sabes que não sou tua mãe.

O rosto de Jenny tornou-se completamente pallido, e os beiços seccaram-se-lhe, á medida que foi comprehendendo o que estas palavras significavam.

—Mas, não ha de deixar-me aqui sósinha,—disse ella, por fim, com voz quasi extincta.—Não tenho no mundo outra pessoa além de vossemecê, nem outra casa além d'esta. Que hei de fazer, se me abandona?

—O que has de fazer? Ora essa! faze o mesmo que fazem duzias e centos de raparigas, que esgaravatam para ganharem a vida; estás já muito crescida e com bastante idade, para viveres ás sopas alheias

—Ganhar para viver, queria eu,—disse Jenny soluçando, posto que não estivesse a chorar.—Mas não seria preferivel mudar vossemecê de vida, deixar-se de beber, e tratarmos ambas de viver descançadas, ganhando o que podessemos, e ajudando-nos uma á outra? Era isto o que o pae tanto desejava, e não que vossemecê me abandonasse e se fosse embora.

—Nada d'isso! Tens-te feito tão religiosa que estás sempre a julgar que és melhor do que eu, e seria impossivel vivermos juntas. Se confias no Senhor tanto como dizes, apéga-te agora com Elle, e Elle que te proteja. E como eu tenho de seguir no comboio da noite, olha que não ha tempo a perder, pois ainda tenho de ir entregar a chave ao senhorio. Aqui tens estes trocos, que são mais do que sufficientes para pagares uma cama esta noite; ámanhã levanta-te cedo e trata de arranjar trabalho. Podes levar comtigo um bocado de pão com toicinho que está ali no armario. E trata de te pôres a andar, que já se vae fazendo tarde.

Jenny levantou-se, succumbida, a ponto de não poder dizer palavra.

—Não é preciso fazeres má cara,—disse a madrasta, tirando o pão e o toicinho da pratelleira.—Não se me dava de apostar que te arranjarás perfeitamente; tens-te desenvolvido muito, ha tempo a esta parte, na lida da casa, e creio que facilmente encontrarás uma boa collocação.

—Vou sair, mas deixe-me ficar sentada um pouco no degrau da porta. Não poderia dar um passo, sem ter descançado mais um bocado, nem por tudo quanto ha no mundo; parece que nem sinto os pés. Mas olhe: porque se não resolve a ficar?

—Então, que tal está a rapariga!—replicou a madrasta, com uma curta gargalhada.—O meu plano está feito, e já escrevi a minha irmã, dizendo-lhe que me esperasse.

—E porque não m'o disse pela manhã?—perguntou Jenny, em tom de censura.—Se m'o tivesse dito, teria eu tratado de arranjar hoje para onde fosse, em logar de ter andado todo o dia a caminhar sem resultado algum.

—E' que eu sabia que havias de fazer barulho se visses sair os trastes, e por isso te mandei passeiar,—replicou a madrasta, olhando de revez para a enteada.

Esta, comprehendendo que tinha sido victima de logro cruel, sentiu o sangue ferver-lhe nas veias. Durante alguns momentos esteve imminente uma explosão de indignação, mas a pobre creança não encontrava palavras para se exprimir, e conservou-se silenciosa, emquanto a tempestade

lhe rugia no coração. De subito, ouviu uma voz debil, que pronunciava umas palavras que ella aprendera na escola dominical, e que pareciam expressamente destinadas a acalmar aquella tempestade. Dizia a voz:

—«Não vos vingueis a vós mesmos, mas dae logar á ira; porque está escripto: A mim me pertence a vingança: eu retribuirei, diz o Senhor.» Rom. 12. 19.

Uma torrente de lagrimas veiu alliviar a pobre Jenny, que saiu de casa sem proferir palavra, sentando-se logo no degrau da porta. Evidentemente as lagrimas de Jenny incommodaram, até certo ponto, a madrasta que tambem saiu em silencio, fechou a porta á chave, e disse:

—Senta-te e descança ahi um bocado; bem se vê que estás cançada. E agora, desejo-te muita felicidade; adeus.

—Então, não tornarei a vêl-a?—soluçou Jenny.

—Cá n'este mundo, parece-me que não. Mas espero que sejas feliz.

—Mãe,—disse Jenny, agarrando-lhe no chale, —veja se consegue deixar-se de beber.... faça isto, e sirva o Senhor, que a fará ditosa; e lá no céu nos encontraremos, para nunca mais nos separarmos. Assim diz um hymno que eu aprendi.

—Tenho-t'o ouvido cantar muitas vezes. Não me esquecerei d'elle, podes crêr. E agora, adeus.

Apertou a mão da enteada, sobraçou a trouxa, e partiu apressadamente. Jenny ficou sentada no degrau, com o rosto occulto entre as mãos. Quão preciosos eram os textos biblicos que ella tinha aprendido na escola! Perpassaram-lhe, na mente, uns apoz outros, animando-lhe o coração desfallecido. «Porque meu pae e minha mãe me deixaram; mas o Senhor me tomou na sua protecção.» «Nem te deixarei nem te desampararei.» «E estae certos de que eu estou comvosco todos os dias, até á consummação do seculo,» etc. Psal. 26. 10 Mat. 28. 20.

Jenny conservou-se immovel, e, chorando, durante algum tempo, orando por entre as lagrimas; depois ergueu-se e dirigiu-se vagarosamente a casa da snr.ª Stone.

XIII

Um missionario

Era grande a difficuldade com que Jenny caminhava; tinha os pés tão magoados e doridos, que cada passo lhe parecia o ultimo que podia dar. O caminho afigurava-se-lhe interminavel; mas, por fim, chegou á porta da snr.ª Stone, á qual bateu timidamente.

A snr.ª Stone estava inteiramente mudada: não se lembrou, como já acontecera, de deixar a creança á porta, em quanto dizia a que ia; mandou-a logo entrar, e convidou-a a descançar.

—Que tens tu, pequena, que tão afflicta pareces?—disse a snr.ª Stone, ao contemplar Jenny á luz do gaz.—Que te aconteceu, minha filha? Senta-te, descança um momento, e dize-me o que é que te afflige. Nunca te vi chorar assim, tens por força algum desgosto grande.

Por entre soluços, foi Jenny contando o que lhe tinha succedido, e a snr.ª Stone ouviu-a com tanto dó como indignação.

—Sim,—disse ella com vehemencia, logo que Jenny terminou,—ha gente que, pela ausencia de affectos naturaes, se assimilha aos brutos. Mas não te importe, Jenny; ficarás em minha casa até vêrmos o que se ha de fazer de ti. Então? nada de soluços nem de lagrimas, filha; olha que me zango comtigo.

—Oh, minha querida senhora! permitte então que eu fique em sua casa?—exclamou Jenny, cujo rosto pallido e lacrimoso se tornou subitamente radiante de gratidão.—Mas, n'esse caso, ha de consentir que eu faça todo o trabalho da casa; a senhora não imagina quanto eu estou desembaraçada na lida domestica, e, demais, não poderia retribuir-lhe de outro modo.

—Pois sim, ajudar-me-has no que poderes, mas não como retribuição. Sei que serás uma excellente rapariga, e que não me darás incommodo algum; e que não me arrependerei de te ter em minha companhia, quando o snr. Alberto se fôr embora.

—Então elle vae-se, embora, minha senhora?—perguntou Jenny, admirada, e com dolorosa surpreza.

—Sim, minha filha; vae para um collegio, ou coisa similhante, a fim de preparar-se para ir para fóra do paiz como missionario; bastante pena tenho eu que elle nos deixe. Mas a gente está costumada a dizer «Seja feita a vontade do Senhor» a muitas coisas d'esta vida que nem sempre estão de accordo com as nossas vontades.

—Mas ha de voltar, não é assim? Havemos de vêl-o algumas vezes?—disse Jenny com a voz alterada.

A pobre rapariga sentia, no seu coração juvenil, aquelle triste e doloroso vácuo que todos nós sentimos, quando um ente querido se aparta de nós para uma longa ausencia, deixando-nos apenas uma fraca esperança de tornarmos a encontrar-nos outra vez na vida

—Os verdadeiros missionarios, como este é, não costumam regressar tantas vezes como julgas, minha filha; lançam mão ao arado e agarram-se a elle; e eu sei que o snr. Alberto é d'esta boa tempera. Comtudo, devemos ter esperança de tornar a vêl-o, quando elle partir, o que não será por emquanto. Tem algumas coisas em que instruir-se, antes de partir para as terras em que vivem essas creaturas que dão guinchos como macacos, e se comem umas ás outras.

Jenny emudecera de horror, mas uma pancada, que soou subitamente á porta da rua, veiu distrahil-a dos seus pensamentos. Era o snr. Alberto, que entrou alegre e prasenteiro, saudando Jenny com uma palmada no hombro, á qual a joven correspondeu com um sorriso, esquecendo por um instante o seu recente desgosto.

A snr.ª Stone passou, em seguida, a explicar-lhe a razão por que Jenny estava ali. Alberto ouviu-a com interesse, e aproveitou uma pausa, que ella fez, para dizer:

—Occorre-me uma ideia... uma ideia que me parece luminosa, minha senhora. Afigura-se-me que a sua irmã, que a senhora espera do Canadá, poderá encarregar-se de levar Jenny em sua companhia, quando regressar áquella colonia, e arranjar-lhe lá uma collocação vantajosa. Jenny

não está ligada por fortes laços a este paiz, e creio que faria muito bem em sair de aqui, para alguma outra terra onde se lhe proporcionasse algum meio de ganhar a vida. Dize-me, Jenny, não gostavas de ir para um paiz, situado além do mar, e estabelecer-te ali definitivamente entre aquelle povo benevolo e agradavel?

—E' para lá que o senhor tenciona ir?

—Não, minha filha; tenciono ir para um paiz muito differente d'este em que estou fallando. Vou viver entre gente miseravel, que desconhece toda a commodidade, toda a alegria, toda a paz, isto é, que desconhece tudo quanto é divino e digno de amar-se: para uma terra cheia de trevas e de crueldade, onde chegam a enterrar creancinhas vivas, juntamente com as mães, quando estas fallecem.

Os labios de Jenny tornaram-se lividos, e seus olhos abriram-se desmedidamente, tal foi o horror que estas palavras lhe causaram.

—E' a pura verdade,—continuou Alberto.—Valeria a pena gastar-se uma vida só para fazer acabar similhantes praticas; valeria a pena levar o Evangelho áquella gente, só para a ensinar a viver. Mas obter-se-ha mais do que isto: o Evangelho levar-lhes-ha uma esperança para além do tumulo; fallar-lhes-ha do Pae desconhecido, que tanto os ama, do Espirito Santo, que pode transformal-os na imagem do Filho querido de Deus. Recordas-te, Jenny, como as Boas Novas te fizeram contente e feliz, com que anciedade as ouvias, e como te tornaram ditosa desde então? pois bem, é uma mensagem similhante a que deve ser levada áquellas pobres almas de além mar, para que ellas recebam grandes bençãos, e tenham uma alegre certeza a respeito da vida futura.

—Oh! se eu fosse homem, ou se fosse uma grande senhora que soubesse muito, tambem havia de ir para essas terras,—disse Jenny, com o olhar incendido.—Havia de ir para lá, ainda que não houvesse mais a fazer do que persuadil-os a acabar com o horrivel costume de enterrarem vivas as pobres creanças. Mas nada posso fazer! Nem mesmo posso cantar ou fallar para a minha pobre mãe ou-

vir! parece-me que não tenho utilidade para pessoa alguma, e que em parte alguma sou precisa!

—Tem paciencia, Jenny, tem paciencia!—disse o preceptor, sorrindo.—Deixa estar que ainda ha de chegar tempo em que tenhas algum trabalho a fazer. E sempre te direi que, comquanto não vás para longes terras ensinar os pagãos, concorreste bastante para a minha ida.

—Eu, snr. Alberto!—exclamou Jenny, admirada.

—Sim, tu, quando aqui vieste pela primeira vez, quasi como se fosses pagã, padecendo fome e sêde de ouvir novas do teu Deus e Salvador, a quem desconhecias quasi completamente; e quando o conhecimento de Deus te tornou feliz, o meu coração anhelou, subitamente, por levar a mesma doce historia áquelles que estão nas trevas e na desgraça por lhes faltar a bemdita Verdade. Agora vae-se aplanando o caminho diante de mim, e, dentro de poucos annos, se Deus me conservar a vida, estarei a trabalhar effectivamente, pelo seu Evangelho, entre os pagãos. O meu coração salta de alegria quando penso que ainda poderei ver realisadas as minhas esperanças ácerca d'aquelles infelizes.

—Mas ha muito quem trabalhe sem ver grandes resultados,—observou a snr.ª Stone.

—E' certo; ha pessoas que só conseguem desbravar o terreno e lançar a semente, mas outras se succedem que ceifam a seara. E o trabalho de uns é tão abençoado como o dos outros, apezar de não ser tão alegre. Nós, para quem as bençãos do Christianismo são tão communs como o ar e a luz, mal podemos comprehender quão terrivel é a condição d'aquelles que não as gosam, isto é, quão terrivel é a sua condição pelo que respeita á vida presente. Aqui, os homens estão cercados por boas leis, que são o resultado da nossa civilisação christã, e a influencia da palavra de Deus é sentida, directa ou indirectamente, por todo o povo; a benevolencia, a compaixão, a abnegação e a paz, supplantam, por toda a parte, a crueldade, o odio, a injustiça e a discordia; e se alguma d'estas más paixões é praticada por alguem, não o é, pelo menos, á luz do dia, mas a occultas e a medo, como coisas condemnadas pela opinião religiosa

do paiz. Que differença entre o que acontece na nossa patria, e o que acontece nos paizes que não conhecem o Evangelho! Quão gloriosa missão a dos que levam a esses paizes a luz e o amor!

—E' bem verdade,—interrompeu a snr.ª Stone, aproveitando o ensejo para accrescentar, de um modo muito mundano:—Mas olhe, snr. Alberto, que são horas de tomar o seu chá.

Alberto não se oppoz a que viesse o chá; e, acabada a ligeira refeição, tornou a fallar ácerca do futuro de Jenny, caso ella viesse a acompanhar a irmã da snr.ª Stone, a qual era dispenseira a bordo de um navio que fazia carreira entre Londres e um porto da America.

Prometteu arranjar o dinheiro para a passagem de Jenny, no caso de ser preciso pagal-a. Mas a snr.ª Stone lembrou que talvez se encontrasse alguma familia que desejasse contractar uma rapariga, como Jenny, para a levar como aia de creanças, ou para qualquer outro mister.

Visto que nada podia resolver-se de prompto, foi addiada esta questão, declarando-se muito satisfeita a snr.ª Stone por ter Jenny na sua companhia por mais algum tempo.

Quando o marido da snr.ª Stone recolheu a casa, ficou muito admirado de encontrar Jenny sentada a coser ao pé do fogão, como se pertencesse á familia. Gostou muito da surpreza, porque era um bellissimo homem, dotado de um coração paternal, e porque tinha grande mágoa,—muito maior do que se pensava—de não ter filho algum.

—Então que é isto, snr.ª Jenny!—exclamou elle com o seu habitual modo folgasão—parece que vossemecê vem viver comnosco.

—Nem mais, nem menos,—disse a snr.ª Stone. E passou a contar ao marido a historia do abandono de Jenny.

—Muito bem, minha senhora,—disse o marido, quando ella concluiu por lhe annunciar a disposição em que estava de recolher a creança, até se vêr que destino conviria darlhe—fique sabendo que, no meu entender, é esta a coisa mais religiosa que vossemecê tem feito em toda a sua vida. E' das taes coisas que eu sei apreciar, e passo agora a crêr

que está vossemecê mais proxima dos anjos do que muita outra gente.

—Leva de tolices!—disse a esposa, com severidade.—Nem que não fosse dever de christãos fazer bem aos necessitados!

—Não seja rabujenta, madama,—replicou elle, com o costumado bom-humor—eu neguei lá similhante coisa! O que se sabe é que ha muito quem se diga christão, e que não cumpre esse dever.

A snr.ª Stone comprehendeu o brando remoque; mas, lembrando-se de quantos remoques, *pouco brandos*, ella tinha administrado ao marido, n'outras occasiões, houve por bem callar-se.

XIV

Fogo! fogo!

Maria, que assim se chamava a irmã da snr.ª Stone, chegou finalmente da America, e foi logo visitar, como costumava, a pequena familia de que Jenny estava agora fazendo parte. Fallou-se do futuro da joven, e Maria declarou que não teria difficuldade em leval-a comsigo, e arranjar-lhe uma collocação conveniente.

—Mas isso,—disse a snr.ª Stone—não ha de ser ainda n'esta viagem, nem para a seguinte: quero que Jenny passe o inverno commigo, e que só parta, por esse mundo fóra, quando o tempo estiver de molde a alegrar-lhe o espirito. Além do que, ella está um tanto fraca, e talvez lhe fizesse mal metter-se ao mar, frio e tempestuoso, agora no pino do inverno.

Assim se resolveu. Mas quando chegou o meiado do florido maio. chegou tambem a occasião de Jenny dizer adeus aos seus bons amigos e á sua cidade natal. Todas as suas coisas estavam optimamente arranjadas, «*cá á minha moda*», dizia a snr.ª Stone. Entre os passageiros havia

uma senhora que seguia para a America com seu marido, um tal snr. Boyce, e tres creanças. Não tinham creada, e quando souberam das circumstancias em que Jenny se encontrava, gostosamente a tomaram ao serviço, para fazer companhia ás creanças durante a viagem.

Referiremos, em breves palavras, os motivos por que esta familia partia para o Canadá. O snr. Boyce tinha sido, por muitos annos, administrador de uma casa bancaria da provincia, sendo sempre tido e considerado como pessoa muito honrada. Porém, durante os dois ultimos annos, o seu modo de viver começara a deixar de justificar o bom conceito em que os seus amigos o tinham; descurava os interesses dos directores da companhia, ao mesmo tempo que ia adquirindo mais reputação, como homem elegante do que como homem de negocios. Correram mesmo, a seu respeito, certos boatos mais serios do que simples negligencia no cumprimento dos seus deveres; não se tornou publica, porém, a causa de taes boatos. O que se soube foi que o despediram do emprego, e que elle se encontrou, subitamente, transportado de uma posição importante á incerteza de ganhar o sufficiente para as suas necessidades e de sua familia.

Tanto elle como sua mulher eram demasiado fracos, para affrontarem este revez da fortuna no meio d'aquellas pessoas, que os tinham conhecido em circumstancias mais felizes; e assim, cheios de temor e de receios, resolveram ir para o Canadá, onde tinham parentes, a fim de começarem vida nova.

A ideia d'esta viagem aterrorisou a snr.ª Boyce, que sempre tivera particular repugnancia a embarcar. E quando se encontrou effectivamente a bordo de um navio, descendo o rio Tamisa, e vendo desapparecer ao longe a floresta dos mastros dos navios e as torres e os campanarios da cidade, sentiu-se desanimar completamente, e julgou-se gravemente doente. Affligia o marido com as suas lamentações pueris, por terem emprehendido similhante viagem. O que havia de fazer em chegando a noite? murmurava ella. O que havia de fazer, se se levantasse uma tempestade? e era naturalissimo que sobreviesse um temporal. Tinha,

emfim, o presentimento de que alguma coisa terrivel havia de succeder antes de chegarem ao termo da viagem.

Dentro em pouco estas inquietações imaginarias cederam o seu logar a um incommodo positivo e real—o enjôo,—cujos horrores são conhecidos pela maior parte das pessoas que teem embarcado, e quem nunca embarcou não pode imaginal-os.

Como é natural, este incommodo passou ao fim de alguns dias; mas o nervoso da snr.ª Boyce continuou. Jenny servia-lhe de muito no tratamento das creanças, de quem a joven se tornou tão amiga; e as creanças tão amigas d'ella, que era impossivel separarem-se por um instante que fosse. A mais velha das creanças era uma menina de cinco annos, chamada Elvira, e a mais nova uma menina tambem, de quinze mezes, cujo nome era o mesmo da irmãsinha que Jenny perdera. Havia mais um menino de tres annos, chamado Carlos, e uma menina de collo, a quem tratavam simplesmente por *baby*.

Jenny passava uma vida alegre em companhia das creanças, e como não tinha receio de perigos, nem phantasias nervosas, a viagem parecia-lhe deliciosa. O balanço do navio sobre as ondas encapelladas pela brisa, o movimento constante das machinas, as guinadas do navio por entre as vagas espumantes, a novidade de se encontrar no meio de ageis e tisnados marinheiros e de passageiros alegres e folgasões—tudo isto constituia, para Jenny, uma vida tão nova e tão agradavelmente extranha, que tinha pena em pensar que ia terminar em breves dias.

Estavam feitas quasi tres quartas partes da viagem, sem que tivesse sobrevindo tempo rigoroso, de modo que a snr.ª Boyce ia cobrando animo e esperança sufficiente de que ainda chegariam a avistar a costa do Canadá.

Era uma noite esplendida; a lua e as estrellas brilhavam n'um céu descoberto; ligeira brisa agitava as ondas prateadas, atravez das quaes o navio, como se fosse vivo, ia traçando um sulco de neve, emquanto os tripulantes e passageiros dormiam, e sonhavam felicidades, emballados pela musica das poderosas vagas.

Passaram-se horas; a lua ia descendo para o horisonte

do occidente, quando, de subito, sentiu-se uma extranha commoção, e tudo se tornou confusão, tumulto, e terror, onde, pouco antes, reinava profunda paz. Erguera-se o brado mais terrivel que póde ouvir-se a bordo de um navio no mar alto:—Fogo! fogo!

Os passageiros saltaram para o convez, semi-nús, tomados de terror. Os gritos afflictivos das mulheres e das creanças aturdiam tudo. N'um momento, o capitão appareceu no seu posto. Bravo capitão!

Estava tranquillo e senhor de si como se nada houvesse, e o seu aspecto exerceu maravilhosa influencia na multidão trémula e quasi louca que o cercava.

—Salve-nos, capitão, salve-nos!—gritavam as mulheres, na agonia do seu terror.

—Vamos a isso!—exclamou elle.—Se Deus me ajudar, salvar-vos-hei a todos! mas é preciso que me obedeçam: é preciso que haja perfeita ordem! Ha logar nos escaleres para nós todos, e temos ainda tempo de deitar as embarcações ao mar. Mas devemos tratar, tambem, de salvar o navio. Não ha tempo a perder. Toda a gente a seus logares!

Os homens animaram-se com a coragem e presença de espirito do capitão, e obedeceram ás suas ordens como creanças. Todos os que poderam ser empregados no serviço das bombas receberam ordem de vêr se podiam dominar o incendio; mas como o perigo fosse imminente, ordenou-se a outros que tivessem as embarcações promptas a serem deitadas á agua á primeira voz, e que mettessem dentro de cada uma os mantimentos necessarios, para o caso terrivel de terem de andar no mar por muitos dias.

Foi uma hora de agonia. As mulheres e as creanças, aggrupadas na extremidade do navio, que mais distante ficava do logar onde lavrava o incendio soffriam mais que ninguem,—testemunhas impotentes da lucta desesperada que os homens tinham travado para dominar o furioso elemento.

A snr.ª Boyce estava admirada de não ter desmaiado, ou de não ter morrido de medo. O certo é que ninguem sabe quanto póde supportar, nem mesmo o mais fraco e o

mais timido, emquanto não chega a occasião. A snr.ª Boyce achou-se com coragem bastante para animar, com palavras de esperança, os seus aterrorisados filhinhos, posto que ella propria fosse victima do terror.

—Jenny, minha filha,—murmurou ella com os beiços lividos e tremulos,—o que havemos nós de fazer?

—Devemos crêr no que disse o capitão, minha senhora,—respondeu Jenny immediatamente.—Elle que disse que havia de salvar-nos, é porque o sabe.

Sim, podemos ser salvos do fogo. Mas lembra-te que vamos ser empilhados dentro dos escaleres, e que teremos de andar por esses mares talvez durante muitos dias...

—Devemos confiar no Senhor. Temos andado pelo mar até hoje, e Elle estará perto de nós quando o chamarmos, —disse Jenny, que estava sentada no convez, com o *bébé* ao collo, e emballando-o, para vêr se elle deixava de chorar.

—E' verdade; mas Deus deixa que o seu povo se perca muitas vezes n'este caminho,—insistiu a sr.ª Boyce.—E é natural que esses que se perdem chamem por Elle quando estão em perigo. Assim, tambem nós podemos chamal-o, e Elle não nos responder; isto é que é o terrivel.

—Pois, minha senhora, eu aprendi na Biblia: «Invocame no dia da tribulação; eu te livrarei, e tu honrar-me-has», e Deus não mente. Devemos acredital-o.

—Mas, não posso, Jenny, não posso!—murmurou a sr.ª Boyce, escondendo a cabeça entre as mãos, e balançando-se de um para o outro lado. E fitando Jenny subitamente, accrescentou, com anciedade:—E tu podes acredital-o, filha?

—Sim, minha senhora—respondeu Jenny;— tenho confiado n'Elle até hoje, e sempre d'Elle recebi auxilio.

—Mas suppõe que não te livra agora de morrer...

—Pois bem, minha senhora, seria o mesmo, ou talvez muito melhor para mim,—disse Jenny.—Eu não tenho receio de morrer, se Elle me chamar.

—Oh, filha, como podes tu dizer similhante cousa?—exclamou a sr.ª Boyce com voz afflicta.—Pois eu tenho medo de morrer, e não tenho fé alguma para crêr que o Senhor nos salvaria de morrer afogadas se chamassemos

por Elle! Pobres, pobres de nós! E, tornando a occultar o rosto entre as mãos, começou a soluçar.

—Então, minha senhora, não desanime assim,— disse Jenny para a socegar.—Olhe que ainda estamos muito longe de nos afogarmos, e não ha necessidade de nos affligirmos, como se fossemos já para o fundo. O Senhor nos livrará, por certo, de qualquer maneira, se por Elle chamarmos; se não nos salvar da morte, tirar-nos-ha o medo, e levar-nos-ha para a gloria.

— Oh, Jenny!—exclamou a snr.ª Boyce,—não sabes que talvez sejamos todos uns perversos, no juizo de Deus, e que por isso Elle nos expulse, e nada queira comnosco, quando o invocarmos na nossa tribulação... comnosco, que não nos importamos com Elle senão quando nos vimos em perigo.

— Não é esse o procedimento do Senhor,— disse Jenny.—Elle diz «O que vem a mim, não o lançarei fóra». Elle bem sabe que nós não temos mais ninguem por quem chamar quando nos achamos em tribulações similhantes a esta; e, quando a hora da morte se approxima, não ha outro Salvador para quem possamos olhar. O ladrão, que foi crucificado ao lado do Senhor, nunca se tinha importado com Elle até aos ultimos momentos da sua vida, mas nem por isso Jesus o repelliu. Se estamos para morrer afogados agora, devemos dizer-lhe o que meu pobre pae dizia quando estava moribundo:— «Rocha dos seculos, deixa que em ti me refugie». Elle nos deixará sentir a Rocha, quando formos para o fundo.

— Oh, minha Jenny, quanto eu desejava sentir como tu sentes! Quanto eu desejava ter bastante tranquillidade e confiança para encarar a morte!— disse a snr.ª Boyce, com fervor, juntando as mãos e erguendo o rosto, innundado de lagrimas, para as bellas e scintillantes estrellas, que brilhavam lá em cima, como se na sua serena belleza estivessem zombando das torturadas almas que as contemplavam em agonia.

Este desejo, manifestado pela ama de Jenny, não era mais do que o echo do que agitava os corações de

muitas das pessoas que as cercavam, e que prestavam attentos ouvidos ao dialogo que narramos.

— Pois, minha senhora, basta que olhe para Elle, e estou certa de que Elle a ajudará. A senhora bem sabe o que diz a Biblia. «Como Moysés, no deserto, levantou a serpente, assim importa que seja levantado o Filho do Homem, para todo o que crê n'Elle não pereça mas tenha a vida eterna.» Quando olhamos para Elle, Elle salva-nos, como vê, minha senhora.

— Mas isso não é tudo, com certeza, — disse a snr.ª Boyce com um tremor nervoso.—Não diz a Biblia que nos devemos converter, e nascer outra vez, antes de sermos salvos? e se temos de morrer immediatamente não ha tempo para nos convertermos; nem mesmo ha, segundo creio, um ministro a bordo que nos dirija. Acaso ha aqui, entre nós, quem saiba alguma coisa de religião?—perguntou a snr.ª Boyce subitamente, voltando-se para os circumstantes.

— Sim, graças a Deus! — respondeu com voz tremula um sujeito idoso que se achava proximo. — Conheço Aquelle em quem tenho crido, e a Elle posso entregar-me, n'esta hora solemne, em corpo, alma e espirito. A vossa joven creada, minha senhora, aprendeu, evidentemente, as doutrinas de Deus, pois acaba de pôr o evangelho ante vós. Nenhum ministro no mundo poderia dar-vos melhor ensino do que ella vos deu nas palavras que citou: «Como Moysés, no deserto, levantou a serpente, assim importa que seja levantado o Filho do Homem». Os israelitas olhavam para a serpente, como Deus lhes ordenava, e viveram; olhemos nós para o Salvador crucificado por nós peccadores, e viveremos! O olhar da fé produz conversão; ao contemplarmos o amor do nosso Salvador, desfazem-se as trevas e tudo é luz; de ora em diante somos novas creaturas em Jesus Christo, Se as nossas vidas forem poupadas, daremos os fructos da nossa fé; se não formos poupados, só nos terá sido legado por Deus o bemdito privilegio e o prazer de trabalharmos na sua vinha, glorificando o seu santo nome, e abençoando o mundo de alguma maneira. O ladrão que foi

crucificado junto do Salvador, e todos aquelles que entraram no reino á hora undecima, não tiveram este prazer, mas nem por isso deixaram de ser salvos. Ah! se todos nós anhelassemos tanto por que as nossas vidas se salvassem do peccado, como anhelamos que ellas sejam salvas das *consequencias* do mesmo peccado, quão differente coisa pareceria ao mundo a religião, e quanto mais abençoados nós seriamos! — accrescentou o sujeito idoso com profunda emoção

— Fazeis suppor que a salvação é coisa muito simples, — disse a snr.ª Boyce, com vivacidade, — e eu sempre a considerei demasiado difficil e complicada para cuidar muito n'ella. Desejava bastante poder crer no que dizeis!

—Não sou eu quem o diz,—replicou o sujeito idoso.— E' o Salvador quem o affirma. E, no seu amor, Elle aplanou tanto o caminho da salvação, e tornou-o tão facil, que nem mesmo as creanças podem errar. Que a ideia de que devieis ter vindo mais cedo vos não impeça de virdes agora. Não é tarde de mais, graças a Deus, para algum de nós se dirijir ao Salvador, nem Elle despresará as vossas orações, ou nos expulsará, agora que estamos em tribulação. Na sua mysteriosa providencia, talvez Elle nos proporcionasse este imminente perigo para que não desprezassemos por mais tempo o seu amoroso chamamento: olhae, para Elle, n'este momento, e sereis salvos. Quereis que oremos juntos?

— Sim, sim! — responderam muitas vozes soluçantes.

E, sem fazerem caso do espantoso ruido que se fazia em volta, nem do andar desordenado dos desvairados, as fracas creaturas ajoelharam, e uniram-se em oração, espectaculo que aquelle céu talvez nunca houvesse presenciado. Quão ardentes, quão sentidas, foram aquellas supplicas, emanadas de corações completamente vencidos pela angustia e pela profunda solemnidade da occasião! Porque, a despeito dos mais dedicados esforços do capitão e dos seus valorosos marinheiros, o incendio tinha-se apoderado do navio, a ponto de ser impossivel dominal-o; e, pouco depois, a lucta cessara, por inutil, e os esforços de todos

se concentravam em pôr a salvo os passageiros e a tripulação.

A presença de espirito e a coragem não abandonaram o capitão, que animava os corações de todos com palavras de esperança e de conselho ácerca da perigosa viagem que iam emprehender. «E dê-nos Deus bom tempo!» concluiu elle. «Se assim fôr, não será impossivel alcançar a costa; mas melhor será ainda, se encontrarmos algum navio no mar!»

Para a snr.ª Boyce, e para muitas outras pessoas, foi um novo horror o ter de embarcar nos escaleres. Ella, seu marido e filhos, e Jenny, eram do numero dos que deviam tomar logar na primeira lancha; e logo que esta ficou cheia, affastaram-se, a remos, do navio, enviando lacrimosos adeus aos companheiros que se agglomeraram junto á amurada para assistirem á partida.

Sem que as pessoas que estavam a bordo d'isso se apercebessem, tal era o estado de excitação em que se achavam, as estrellas tinham empallidecido gradualmente, a lua chegara ao seu occaso, e a roxa aurora estendera-se por sobre o mar, seguindo-se-lhe os prateados raios da abençoada luz do dia, e uns reflexos dourados que contrastavam com o clarão avermelhado emittido pelo navio preza das chammas; e exactamente quando a primeira barcada de infelizes passageiros se affastava do costado do navio, o sol apparecia no horisonte, dardejando gloriosos raios sobre a extensa vastidão das aguas, os quaes eram reflectidos pelas vagas agitadas pela brisa.

— Bom presagio! — disse um dos passageiros jovialmente, quando os olhares de todos, até então fitos no navio, se dirigiram inconscientemente para o sol nascente.— O sol brilha radiante á nossa partida.

Mas ninguem respondeu a estas palavras, os corações estavam muito afflictos e desanimados para manterem grandes esperanças. Alguns dos que ali iam, no escaler, deixavam a bordo do navio pessoas queridas, e reprimiam as lagrimas para poderem vêr se ellas conseguiam embarcar com segurança.

Posto que a primeira lancha estivesse já muito distante,

para que os que iam a seu bordo podessem vêr cumprida a promessa do capitão, elle cumpriu-a: a ultima pessoa a abandonar o navio foi elle proprio, quando as labaredas, que cresciam para elle, já lhe haviam chamuscado o rosto. Graças ao seu sangue-frio e ás grandes qualidades de commando de que era dotado, nenhum desastre occorrera; parecia que communicava, aos mais timidos dos que o cercavam, alguma da sua coragem e da sua presença de espirito.

E eis em pleno mar, dentro de frageis lanchas, toda a gente que havia a bordo! muitos, com as almas trespassadas da ideia de futuros horrores, mas nutrindo todos mais ou menos esperança.

XV

Uma véla! uma véla!

Todo o dia seguinte se passou em monotono movimento sobre um mar, que á snr.ª Boyce se afigurava bravo, mas que, na realidade, estava comparativamente tranquillo. Os olhos dos navegantes estavam cançados e doridos de esquadrinhar o horisonte, durante todas as horas do dia, esperando avistar um signal de livramento; mas o sol subiu ao zenith e desceu vagarosamente para o occidente, sem que uma véla apparecesse. Até então, os escaleres tinham-se conservado á vista uns dos outros; mas quando as sombras da noite os envolveram, os navegantes perderam toda a esperança do tornarem a avistar-se na manhã seguinte.

Distribuiram-se as rações, e todos comeram, apezar do penoso estado mental em que se achavam. As creanças deram muito incommodo, com os seus terrores, durante

todo o comprido dia, e, quando caiu a noite, passaram muito mal, por falta de camas e agasalhos.

— Como é terrivel pensar que havemos de passar assim uma noite inteira! —murmurou a snr.ª Boyce, achegando-se ao braço do marido, que estava sentado ao seu lado.

O marido estava pallido e tinha o olhar espantado; os seus olhos, brilhantes e muito abertos, pareciam desconhecer o somno, comquanto elle estivesse extenuado pelos trabalhos da noite anterior, e pela angustia d'aquelle dia.

—Encosta-te a mim, querida, e faze por dormir,—disse elle, passando um braço em torno da mulher e sustentando-lhe a cabeça contra o hombro. Com o outro braço enlaçou a filhinha, que tinha adormecido sobre os seus joelhos. A snr.ª Boyce tinha o pequeno ao collo. Junto d'elles estava Jenny, emballando o *bébé* nos seus cançados braços.

—Oh!—exclamou a snr.ª Boyce com um suspiro,—como passaremos nós esta noite!

—Devemos ter esperança e paciencia, minha querida, —replicou o marido.—Vê como passamos bem o dia, o tempo está sereno e calmo, e ha luar.

—Mas, se se levantar um temporal?—inquiriu a sr.ª Boyce, estremecendo.

—Devemos confiar no Altissimo,—respondeu o marido, que tinha apenas uma fraca noção do que significava tal confiança.—Demais, tudo parece indicar que o tempo continuará de bonança e devemos crêr que seremos soccorridos por todo o dia de amanhã.

—Oh! se Deus, na sua bondade e misericordia, o permitisse!—exclamou a sr.ª Boyce com extrema anciedade, erguendo o olhar para o céu, onde as estrellas iam começando a brilhar.

—Pedir-lh'o-hemos em repetidas orações, minha senhora,—disse Jenny em voz baixa.

A pobre rapariga estava mais afflicta, em consequencia das desgraças d'aquelle dia, do que poderia imaginar quem visse o seu rosto socegado e tranquillo: e orava continuamente para que Deus se apressasse em soccorrel-os.

Os que tinham dormido durante o dia, tomavam agora a seu cargo a manobra da lancha, e os outros preparavam-se para descançar o mais commodamente que fosse possivel.

Havia um silencio absoluto silencio no céu recamado de estrellas scintillantes, silencio em torno do barco, apenas interrompido pelos murmurios das vagas espumantes e pelas pancadas compassadas dos remos. A creancinha que Jenny tinha ao collo quebrou aquelle silencio com um grito penetrante. Jenny beijou-a, acalentou-a com algumas palavras que lhe segredou ao ouvido, e, por fim, erguendo a voz, entoou um dos hymnos que tinha aprendido na escola dominical. A letra dizia assim:

Dorme, dorme, meu menino,
O teu somno descançado;
Eis Jesus, não tenhas medo
Que por Elle estás guardado.
Noite e dia por ti véla;
Dorme, dorme, descançado.

Dorme, dorme, meu menino,
O teu somno descançado,
Pois sabes qne tens por guarda
O bom Jesus, a teu lado,
A quem deves amar sempre
Por te haver primeiro amado.

Menino, quando morreres,
Nada temas. Confiado,
Nos braços de Deus te lança,
Acudindo ao seu chamado.
Irás habitar com Elle
No logar abençoado.

Todos os que iam a bordo da lancha, com excepção unica das creanças que dormiam, ouviram, no meio do silencio geral, o doce cantico de Jenny, que as brisas da noite levavam para longe; e todos mais ou menos se com-

moveram ao ouvil-o. Valentes marinheiros levaram, disfarçadamente, as mãos aos olhos, deshabituados de chorar, para enxugarem uma lagrima; e profundos suspiros sairam d'aquelles corações atribulados, para os quaes o hymno de Jenny tinha sido a mensagem de um anjo.

A sr.ª Boyce hauria as palavras do cantico, uma a uma, ao mesmo tempo que chorava silenciosamente. Quanto ella desejava possuir a confiança sincera e a tranquillidade de espirito de Jenny! Tudo quanto ha no mundo parecia agora aos seus olhos do mais insignificante valor, comparado com aquella religião que sempre desprezara, com aquella fé que havia de fazel-a transpôr em paz as terriveis difficuldades do presente, e permittir-lhe que exclamasse:

«A minha carne e o meu coração desfalleceram, oh Deus, que és o Deus do meu coração e a minha pertença por toda a eternidade.»

Orava, agora, com anciedade, como jámais fizera; e, como se o Senhor lhe respondesse emquanto ella fallava, uma extraordinaria tranquillidade se apoderou d'ella, de modo que se preparou para descançar, encostando-se ao marido, e adormeceu tão profundamente como as creanças. De egual maneira, Jenny, sustentando nos braços a creancinha, em carinhoso abraço, e com as mãos fortemente enlaçadas, fôra deixando pender a cabeça, a pouco e pouco, sobre o joelho de seu amo, aos pés do qual estava sentada, até que por fim adormeceu.

Para a sr.ª Boyce, e para as outras pessoas nervosas que dormiam, pareceu de mui curta duração o tempo que decorreu até acordarem ao ruido de uma grande excitação que dominava os que estavam despertos. Abriram os olhos e viram que os cercavam os arreboes da aurora: ao mesmo tempo, os seus corações bateram de alegria, ao ouvir a abençoada exclamação:—«Uma vela! uma vela! E dirige-se para nós!»

—Minha senhora!—exclamou Jenny, erguendo a creancinha nos braços para olhar por cima da borda da lancha,—então, não se apressou o Senhor em soccorrer-nos? Permittiu que dormitassemos um pouco para nos fortalecermos,

antes de termos o incommodo de passar para outro navio.

—Mas ainda estamos longe d'isso,—observou a sr.ª Boyce com a voz embargada pela anciedade.—Talvez nos não avistem, e pode ser que não queiram receber-nos a bordo, se nos avistarem. Oremos ao Senhor, para que esteja n'aquelle navio o nosso livramento.

Entretanto, os homens preparavam-se para atirar um foguete, e quando as mãos grosseiras e callejadas de um d'elles pegaram no morrão, para o enviar para o espaço, todos estavam tão tremulos como as vozes das mulheres.

Ficaram esperando, com os olhos fixos no navio, cujas brancas velas lhes pareciam tão bellas como as azas de um anjo enviado para os livrar da agonia em que se encontravam.

Como o navio se aproximasse, deitaram o foguete, que traçou um rasto luminoso no céu semi-illuminado pela luz da aurora. Outro foguete, lançado de bordo do navio, deu signal de que a lancha tinha sido avistada. Com os corações pulsando de alegria, a gente da lancha seguiu anciosa as manobras do navio, que para elles se dirigia.

—Graças a Deus! Bemdito seja o Senhor! O Senhor seja louvado!—Taes eram as exclamações que sairam d'aquelles labios lividos e agitados pela excitação da alegria.

—Oh, minha Jenny!—exclamou a sr.ª Boyce, abraçando-a com as suas mãos tremulas,—estamos salvos! estamos salvos! Então não dizes nada? Deviamos estar, todos, a gritar de alegria!

—Agora mesmo estava eu a dizer comigo mesma—«Alma minha, bemdize ao Senhor; e não te esqueças jámais de algum dos seus beneficios»—respondeu Jenny olhando para o rosto de sua ama com um olhar fulgurante.—Nunca devemos esquecer este beneficio. Mas, ai, minha senhora, quem sabe se os outros barcos tambem estarão a salvamento!

—Ah! sim, os outros barcos!—exclamou a sr.ª Boyce.—Que Deus seja tão misericordioso para com elles, como foi para comnosco.

E todos, quantos ouviram estas palavras, disseram fervorosamente: «Amen.»

Finalmente, chegou á falla o navio, que pertencia á marinha mercante. O capitão saudou os naufragos com algumas palavras, que foram ouvidas com desanimo pela gente da lancha.

—Não são inglezes! parece que são francezes!

—Francezes?— perguntou a sr.ª Boyce, inclinando-se impetuosamente para a borda da lancha.

—Aproxima-te mais!—exclamou o marido, continuando logo:—Se não ha aqui mais ninguem que falle francez, minha mulher se encarrega de fallar com elles.

O navio aproximara-se mais, e o capitão, vendo uma senhora a agitar o lenço, como que a chamar a sua attenção, tirou o barrete e cumprimentou com verdadeira cortezia franceza, applicando o ouvido para não perder palavra alguma. A sr.ª Boyce narrou-lhe a desgraça que lhes succedera, com extrema volubilidade; pois, tendo sido educada em França, fallava o francez quasi com tanta facilidade como o seu proprio idioma.

O capitão disse-lhe que o seu navio ia carregado de mercadorias; mas que, ainda assim, punha á disposição dos naufragos as más accommodações de que dispunha.

—Deus o abençoe por tanta bondade!—exclamou a sr.ª Boyce em francez.—Receba-nos todos a seu bordo, e contentar-nos-hemos em ficar no convez.

Houve bastante difficuldade e algum perigo na passagem da lancha para o navio: mas, finalmente, tudo se conseguiu com paciencia e cuidado. Souberam então os naufragos que o navio se destinava a Bolonha. Bem se importavam elles com isso! Era tão intensa a alegria de que se achavam possuidos, por se verem a salvamento, que só n'isto pensavam, sem lhes importar saber o que aconteceria ámanhã, ou na semana seguinte.

XVI

A nova familia.

Afinal de contas, em logar de ir para o Canadá, Jenny encontrou-se, tres semanas depois, outra vez em Inglaterra.

—Ou eu venha a enriquecer ou venha a morrer de fome, coisa alguma me tentará outra vez a embarcar!—disse a sr.ª Boyce, quando, depois de mil vicissitudes, desembarcou em Dover.—E tu, Jenny, nunca mais sairás da nossa companhia.

Na occasião do desembarque dos passageiros que vinham da costa de França, Jenny mostrava estar fraca e muito fatigada; mal podia sustentar nos braços o pequenino, que estava assustadissimo com o barulho e com a extraordinaria agitação. Jenny recebera uma grande lição com as desgraças e tribulações da sua primeira e ultima viagem maritima. Outro tanto tinha acontecido a todos os outros. Comtudo, a sr.ª Boyce afiançava, cheia de esperança, que, em pouco tempo, tornariam a achar-se fortes e de boa saude, para mais uma vez poderem gosar algumas das commodidades da civilisação.

—E' preciso engulirmos todo o nosso orgulho,—dizia ella ao marido—e entrares, como escripturario, para uma casa commercial, ou fazeres qualquer outra coisa; viveremos n'uma casa de vinte libras, e teremos Jenny por nossa creada. Tudo, tudo nos convém, comtanto que estejamos na velha Inglaterra.

Isto dizia a sr.ª Boyce emquanto andavam em procura de uma hospedaria barata; tendo por unicos bens o fato que traziam vestido, e muito pouco dinheiro. Apezar d'isto, estavam contentes e agradecidos a Deus por haverem chegado ao desejado porto.

Jenny não tinha respondido a sua ama, quando esta lhe fallara em nunca mais se separarem. Mas logo que arranjaram hospedajem e que se sentiram mais descançadas, Jenny fallou n'estes termos á sr.ª Boyce:

—Desculpe-me, minha senhora; não respondi immediatamente á proposta que me fez, para continuar a viver em sua companhia, por causa da confusão em que nos achavamos; agora, porém, devo dizer-lhe que acceito de muito bom grado, e que o meu maior desejo é ser-lhe util.

—E's uma excellente rapariga,—replicou a sr.ª Boyce. —Tens tanto geito para tratar das creanças, e ellas são tão tuas amigas, que não poderia dispensar-te. Mas deves fazer diligencia por fallar mais correctamente, pois bem sabes que as creanças hão de começar a imitar as palavras que tu dizes com tantos erros. Toma sentido na maneira como eu fallo, e vê se pronuncias as palavras pelo modo por que eu as digo. Nos primeiros tempos não poderei dar-te grandes ordenados; mas, quando tivermos endireitado a nossa vida, não perderás coisa alguma em teres sido boa e fiel para comigo, durante estes tempos de provação.

— Oh ! minha senhora ! nem eu preciso de dinheiro ; se me der de comer, e algum fato decente para vestir, de nada mais precisarei.

E assim se concluiu o ajuste entre a ama e a creada.

A noticia do salvamento dos naufragos havia chegado a Inglaterra ainda antes d'elles, e os seus nomes tinham tido as honras da mais larga publicidade. A familia Boyce tinha sido dos ultimos a chegar a Inglaterra, porque se tinha demorado em Bolonha á espera de soccorros que havia sollicitado dos seus amigos de Paris.

Logo que fizeram constar, ás pessoas da sua amisade, que haviam regressado a Inglaterra, de varias partes lhes chegaram propostas que muito os surprehenderam e animaram ; era muito mais do que esperavam ; e mais uma vez se provou a falsidade do dictado, que affirma que os amigos nos esquecem nas occasiões mais criticas.

Assim, deram se pressa em chegar a Londres, onde o sr. Boyce, graças á intervenção de alguns amigos, logo arranjou um emprego de duzentas libras de ordenado annual, cujas funcções começou a exercer, cheio de humildade e gratidão. Sua mulher, que se transformara completamente durante a curta e tragica viagem, era agora

uma creatura inteiramente differente, determinada a governar a sua casa com toda a economia, comquanto soubesse com que difficuldades havia de luctar para viverem em Londres, costumados, como estavam, a certas commodidades, que chegavam mesmo a ser luxo.

E d'este modo, Jenny tornou a achar-se em Londres, e não muito distante da casa da sua velha amiga, a sr.ª Stone. Logo que se concluiram os principaes arranjos na casa que foram habitar, e que era modestamente mobilada, Jenny pediu a sua ama, com timidez, o favor de escrever á sr.ª Stone, para a informar do local em que se encontrava. Este pedido foi satisfeito immediatamente, e, no outro dia, appareceu a sr.ª Stone.

Quando viu Jenny, a sua habitual insensibilidade desappareceu, e a sr.ª Stone tomou a joven nos braços e chorou como se fosse sua mãe. Depois, enxugou os olhos, nervosamente, e tratou de readquirir o seu sangue-frio.

—Ai, Jenny,—exclamou ella,—como estou contente de te vêr sã e salva! Que terrivel viagem tiveste, minha filha! Li tudo isso nos jornaes, e ia endoidecendo a pensar em ti, na minha pobre irmã, e em todos os mais. Ai, minha Jenny, ainda não consegui saber de minha irmã. Dize-me tu, filha, onde foi que a viste pela ultima vez?

Jenny deu as informações que poude, as quaes pouco iam além do que a sr.ª Stone sabia.

—E que tal estava ella?—perguntou a sr.ª Stone, quando a joven acabou de lhe contar que as lanchas tinham deixado de se avistar umas ás outras durante a noite.

—Quando se despediu de mim, na occasião de eu saltar para a lancha, estava alegre e socegada, e disse-me assim:—«Jenny, não esmoreças, que ainda havemos de encontrar-nos», mas creio que queria dizer que haviamos de encontrar-nos no céu.

A sr.ª Stone occultou a cara no lenço, e chorou silenciosamente durante algum tempo. Depois conversaram muito ácerca das actuaes circumstancias de Jenny, e do seu futuro; ficando a sr.ª Stone muito satisfeita por vêr quanto ella era bem tratada e feliz no meio d'aquella familia que tanto a estimavam.

—Has de ir fazer-me uma visita,—disse a sr.ª Stone, levantando-se para sair.

—Irei qualquer dia, mas não sei ainda quando será. Parece-me que a senhora não pode dispensar-me por ora; ha muito que fazer, e ella não está habituada a tanto trabalho, além do que, sou precisa para tomar conta nos meninos. Mas irei logo que possa, e pensarei em si até que chegue esse dia. Peço-lhe que me recommende muito a seu marido, e ao sr. Alberto, quando o vir.

—Da melhor vontade. E agora, adeus. Sê respeitosa e fiel para com a tua ama, e Deus te abençoará. E se não vierem noticias da minha pobre irmã, com quem tanto brinquei quando eramos pequenas—aqui, um soluço embargou a voz da sr.ª Stone—sim, se não vierem noticias, roga ao bom Deus, Jenny, que me dê forças para dizer aquellas difficeis palavras: *seja feita a tua vontade!*

—Sim, minha senhora,—respondeu Jenny, com meiguice, borbulhando-lhe nos olhos lagrimas de compaixão.

E, beijando-se affectuosamente, despediram-se.

Passaram tempos, e nenhuma noticia chegava da irmã da sr.ª Stone. A lancha, que transportava o capitão e sua esposa, fôra encontrada por um navio de longo curso; mas, antes d'isso havia ella andado muitos dias á mercê das ondas, e a morte visitara-a, alliviando-a da sua preciosa carga. O destino das outras lanchas ficou sempre ignorado. Os corações d'aquelles que amavam os perdidos naufragos, não podiam ter outra esperança senão a de entregal-os nas mãos do Pae de infinita misericordia, que véla incessantemente ainda por aquelles que julgam que Elle os esqueceu. Os corações opprimidos, n'este mundo, em que as desgraças são tão frequentes, todos os dias se arrimam a esta esperança para de alguma sorte acharem lenitivo ás maguas que os affligem.

Os esforços que Jenny fez, durante os dois annos seguintes, para ajudar a sua ama, abalaram sériamente a sua saude. Era tamanha a sua boa-vontade, que todos os dias fazia mais do que podia, no cumprimento das suas obrigações. Ella e sua ama supportaram todo o trabalho da casa e das croanças, durante todo aquelle tempo som,

mais ajuda do que o serviço, uma vez por outra, de uma mulher que ia trabalhar aos dias. Houve ainda a accrescentar as ligeiras indisposições das creanças, e uma doença da sr.ª Boyce, que durou quinze dias.

Comquanto a sr.ª Boyce trabalhasse muito, e Jenny fosse a unica creada da casa, era facil vêr-se que as suas circumstancias iam melhorando gradualmente. Foram augmentando os bens da familia, tanto no tocante a mobilia como a ornamentação, até que a sua nova casa já fazia lembrar a antiga, em commodidade e belleza, posto que fosse tudo em menor escala.

Quando, entre outros thesouros de menor importancia, veiu um novo menino augmentar a familia, Jenny sentiu grande satisfação ao dizerem-lhe que, d'ali em diante, o seu trabalho seria, exclusivamente, tratar das creanças. Para o serviço da casa tomaram uma creada já mulher, a qual, por ser pessoa capaz e conscienciosa, trouxe grande descanço a Jenny e a sua ama. Quando o pequeno deixou de usar fato comprido, foi toda a familia passar tres semanas n'uma terra á beira-mar. Esta digressão foi proveitosa a todos, e especialmente a Jenny, que quasi se restabeleceu do esfalfamento chronico que padecia, melhorando consideravelmente dos terriveis effeitos do excesso de trabalho. Curto, como foi, o tempo que passaram junto do mar, foi para toda a familia uma benção; voltando todos para casa com os corações alliviados e os rostos mais córados do que tinham ao partir.

Decorreu outro anno, e o antigo achaque de Jenny manifestava-se de novo, gradualmente, de modo que não se passava uma tarde ou uma manhã que lhe não sentisse os effeitos. Durante estes tres annos, porém, a joven fizera uma consideravel mudança em relação á sua pessoa e ás suas maneiras. Sempre muito susceptivel de ser influenciada pelo meio em que vivia, aproveitara muito do trato polido e delicado de sua ama. Abandonara, de todo, o seu grosseiro modo de fallar, e adoptava até, inconscientemente, as modulações da voz da sr.ª Boyce. Era esbelta, e alta para a edade que tinha, mesmo muito alta; chegando a sr.ª Boyce a dizer, com bastante

inquietação, quando a falta de forças se manifestara na joven com maior intensidade, que Jenny crescia depressa de mais. Mas Jenny sorria ao vêr tantos cuidados da parte de sua ama, a quem assegurava, gracejando. ser impossivel crescer mais, a não ser que viesse a tornar-se uma gigante, d'estas que se encontram em exposição nas feiras!

Ganhava agora um bom ordenado, disse a sr.ª, para uma rapariga da sua edade, e fazia algumas economias. O fim que ella tinha em vista, guardando o dinheiro que lhe restava das suas despezas, obstava a que o desperdiçasse em bagatellas inuteis, se a isso fosse inclinada, que não era. Tinha o maior esmero e mais escrupuloso asseio nos seus vestidos, a ponto de quasi chegar a parecer excessivo.

Um dia Jenny contou á sr.ª qual a applicação que tencionava dar ás suas economias.

—Muito obrigada lhe ficaria, minha senhora, se me desse licença qualquer tarde d'esta semana, para eu ir a casa da sr.ª Stone. Quero entregar-lhe algum dinheiro para ella dispender por mim. Gostaria, eu propria, de lhe dar destino, mas creio que a senhora não consentiria, porque seria preciso que eu fosse a sitios onde a senhora não gosta que eu vá por causa dos meninos.

—Que tencionas, então, fazer do dinheiro que tens poupado?—perguntou a sr.ª com curiosidade.

—Ora, a senhora bem sabe a minha historia; mais de uma vez lh'a tenho contado. Sabe quanto eu era ignorante. e quanto gostei de aprender. Tenho pois pensado que, se eu fosse uma senhora que dispozesse de meios, havia de escolher duzias de raparigas pobres como eu, e dar-lhes o impulso que eu recebi. E ha duzias e centos d'essas raparigas; eu fui uma entre muitas; e olhe, minha senhora, que conheci muitas em peiores circumstancias do que eu. Ora eu todos os mezes tenho ido poupando algum dinheiro. e já possuo o sufficiente para metter na escola uma rapariga, ou duas. Quem póde lá dizer que beneficio será para ellas o arrancal-as da vida das ruas? As casas em que vivem não são bastante saudaveis para eu lá ir, e voltar depois para junto dos meninos; de modo que desejo pedir á sr.ª Stone que se encarregue ella de me arranjar

uma ou duas das taes raparigas. E sei que o fará de boa vontade.

—Pois sim, irás; mas não por estes dias, emquanto o menino não estiver melhor. Espero que o remedio que lhe dei ha de fazer-lhe bem E tu bem vês que n'uma occasião d'estas não posso dispensar-te.

—Obrigada, minha senhora, tem muita razão. Irei quando o menino estiver melhor, se a senhora der licença.

XVII

A's portas da morte

Jenny resolvera-se a addiar a sua misericordiosa digressão para quando o menino estivesse melhor; mas nunca chegou a occasião de ir visitar a sr.ª Stone. A doença do menino, que á mãe parecia ser muito ligeira, deu n'uma escarlatina. Logo que isto se reconheceu, as outras creanças foram mandadas para fóra de casa, a fim de prevenir o contagio; e a sr.ª Boyce e Jenny dedicaram ao doentinho toda a sua attenção.

A primeira ideia foi que Jenny acompanhasse as outras creanças; mas a creada mais velha mostrou-se tão aterrorisada com a doença, que a sr.ª Boyce resolveu mandal-a com as creanças e deixar Jenny em casa, para a ajudar na sua triste tarefa de enfermeira.

Esta resolução agradou muito mais a Jenny do que a primeira; era tão sincera a sua affeição, tanto pelo menino doente como por sua afflicta ama. que a joven não podia conformar-se com a ideia de deixal-os em similhante occasião.

Nas ameudadas visitas, que fez ao doente, o medico declarou-o em perigo. Todavia, era de esperar-se que viesse a restabelecer-se, caso fossem cumpridas pontualmente

as suas indicações. As duas enfermeiras nem n'um só ponto transgrediram as ordens do medico; e assim obtiveram o feliz resultado, que nem sempre é concedido aos enfermeiros mais peritos e solicitos: o doente venceu a crise, e começou a experimentar melhoras.

A alegria da mãe foi-lhe tão proveitosa como o teria sido um completo descanço, para se restabelecer da fadiga mental e physica que a accommeteu durante os terriveis cuidados da doença.

A alegria tambem fez bem a Jenny, mas momentaneamente apenas. Só por um esforço extremo e doloroso ella podia conservar-se á cabeceira do doente, dias e noites consecutivas; mas isto passava despercebido á sr.ª Boyce. A pobre mãe apreciava, todavia, o conforto dos agradaveis sorrisos do Jenny, as suas palavras affaveis, e as suas continuas attenções para com ella, e para com o doente; e quando este se foi sentindo melhorar rapidamente, fallou um dia, a seu marido, da gratidão que ambos deviam á dedicada rapariga.

—Jenny,—disse-lhe seu amo, na primeira occasião que se lhe deparou—foste muito boa para todos nós, durante o nosso soffrimento. Podes crêr quo não deixarei de fazer alguma coisa em teu favor, para recompensar a tua dedicação, logo que eu esteja em melhores circumstancias para o fazer, do que actualmente.

—O senhor bem sabe que não preciso mais do que o meu ordenado,—respondeu Jenny, quasi offendida pela promessa.—Os senhores teem sido sempre muito bondosos para comigo, e creio que não tenho merecimentos para isso.

—Estou certa de que não desejas presentes, Jenny—exclamou a sr.ª Boyce, que estava sentada n'um sofá, no mesmo quarto.—Mas nós temos grande empenho em melhorar a tua vida de alguma maneira, para o futuro.

—Por quem é, minha senhora! nunca hei de precisar melhoramentos n'esta vida!—respondeu Jenny, n'um subito paroxysmo de dôr.

Encostara-se pesadamente á mesa, com uma das mãos, e com a outra tapava o rosto com o avental, soluçando em alta voz.

—Que tens, Jenny?—disse a sr.ª Boyce, com grande inquietação, levantando-se do sofá.

—Senta-te, minha filha,—accrescentou, obrigando-a a sentar-se n'uma cadeira.—Estás muito cançada, como todos nós estamos; e já de ti não és forte. Precisas descançar agora, e d'aqui a duas ou tres semanas achar-te-has restabelecida.

—Receio dar-lhe mais incommodos do que os que a senhora já tem tido,—disse Jenny soluçando.—O melhor de tudo seria a senhora mandar-me já para um hospital. Não posso ter-me de pé, e não desejo ficar doente aqui na sua casa.

A sr.ª Boyce olhou fixamente para Jenny, e assustou-se com a sua apparencia. Absorta nas suas maguas e na sua alegria, e egualmente prostrada pela fadiga e pelos cuidados, nunca attentara no estado em que Jenny se encontrava. Agora, porém, accudia-lhe á memoria como a pobre rapariga tinha passado noites e noites á cabeceira do doente, descançando pouco ou nada durante o dia; e como tinha continuado a fazer o serviço da casa, sem se importar comsigo mesma, sacrificando-se voluntariamente áquelles que precisavam d'ella.

—Tu estás mal, Jenny.—disse a sr.ª Boyce, com bondade.—Parece que tens febre; tens os olhos brilhantes e as faces a escaldar.

—E' justamente o que eu creio,—balbuciou Jenny.—Sinto-me mal da cabeça e da garganta, e não posso comigo. Não poderia eu ir para um hospital, antes de ir a peior?

—Nada, nada,—disse a sr.ª Boyce, precipitadamente.—Se tiveres de adoecer por teres tratado do nosso querido menino, havemos de tratar-te até que te restabeleças. Vou immediatamente chamar o medico, e não tarda muito que estejas boa de todo; crê no que te digo.

—E' muita bondade da sua parte,—disse Jenny.—E como poderá a senhora tratar de mim? E' possivel que eu chegue ao estado em que o menino esteve, e que venha, mesmo, a delirar; e a senhora já anda tão cançada...

—Não quero que tornes a fallar n'isso, minha boa ra-

pariga,—replicou a sr.ª Boyce;—hei de poder tratar-te muito bem, e não deves fazer ceremonia comigo. E d'ahi, talvez nem chegues mesmo a ter febre. Um bom e prolongado descanço, e alguns remedios, curar-te-hão em poucos dias. O que, porém, é preciso, é que não faças trabalho algum durante um mez.

Jenny ficou alegre e muito grata por taes provas de benevolencia de seus amos. Agradeceu-lhes cordealmente, com voz tremula, e saiu do quarto cambaleando. Declarou-se-lhe um ligeiro ataque de escarlatina. Passada a crise, pareceu melhorar durante alguns dias; mas, depois d'isto, o medico manifestou certas duvidas a seu respeito.

—Receio que não resista,—disse elle á sr.ª Boyce.

Esta ficou surprehendida, e recusava-se a acreditar.

—Por certo não quer dizer com isso que a pobre rapariga está a morrer!—exclamou ella.

—Está n'um estado de muito abatimento; e receio que não possa resistir,—respondeu, gravemente, o doutor.

—Por quem é! não a deixe morrer!—disse a sr.ª Boyce, quasi com tanto interesse como se se tratasse de algum dos seus proprios filhos.—Todos os remedios, todos os cuidados, que o doutor indicar, tudo lhe será feito. Não quero que ella morra!

—Faremos o que fôr possivel, e, entretanto, vamos esperando pelo melhor:—foi a vaga resposta do medico.

Fizeram, effectivamente, o que foi possivel, e foram esperando pelo melhor; mas para que serviu isso? A sr.ª Boyce, cada vez mais assustada, começou a perder a esperança; e resolveu fallar á joven na possibilidade de ella não vir a melhorar. Jenny, porém, anticipou-se-lhe:

—Olhe, minha senhora—disse ella com voz desfallecida, uma vez que sua ama veiu sentar-se junto do seu leito, com a firme resolução de lhe fallar sobre este assumpto.—Olhe, minha senhora, afflige-me tanto a ideia de que nunca mais lhe serei util.

—Como assim, Jenny?

—A senhora bem vê que eu já não posso esperar melhoras,—disse Jenny, quasi em tom de quem se desculpa;

—sinto-o perfeitamente, mas espero que a senhora não se importará com isso.

A sr.ª Boyce mordeu os beiços, e fez um esforço para conter as lagrimas, prestes a saltarem-lhe dos olhos; o esforço foi, porém, baldado, de sorte que ella teve de occultar o rosto no lenço, durante um minuto.

—E tu, importas-te com isso, minha filha? Receio que não vás a melhor; mas, dize-me, importas-te com isso, Jenny?

—Não, minha senhora; por mim, não me importo: sinto-me alegre e feliz;—disse Jenny, abanando lentamente a cabeça, ao mesmo tempo que nos labios se lhe desabrochava um sorriso.—Só tenho pena de deixar a senhora, e de não tornar a vêr os seus queridos filhos.

—Não seria prudente mandar buscal-os; se o fosse, fal-o-hia da melhor vontade para te ser agradavel, — replicou a sr.ª Boyce, com a voz alterada pela emoção.

—Oh! não, não mande buscal-os! Não consentiria que o fizesse, nem por tudo quanto ha. Posso esperar: algum dia os verei no céu.

—Deus o permitta!—disse a sr. Boyce, com fervor.

—Ha-de permittir, minha senhora; nunca deixe de crêr n'isso. A senhora ama o Salvador, e está creando os seus filhos para Elle. E bem sabe qual é a sua promessa, com respeito ás creanças educadas como elles são.

Jenny callou-se, e ficou com os seus grandes olhos brilhantes ternamente fixos no rosto lacrimoso de sua ama. O esforço que fizera, pàra fallar, trahira-lhe as debilitadas forças, e, quando ia outra vez a fallar, foi interrompida por estas palavras da sr.ª Boyce:

—Não falles mais agora, Jenny Dize-me, sómente, se queres que mande chamar a sr.ª Stone?

—E' um grande favor que me faz; desejava muito tornar a vêl-a, e tambem ao sr. Alberto, se fosse possivel.

—Espero que verás ambos, minha filha. Vou já mandar recado á sr.ª Stone.

—A senhora lembra-se que eu estava para ir a casa

d'ella, por causa d'aquelle dinheiro, quando o menino caiu doente.

—Lembro-me, Jenny, e eu me encarrego de lhe communicar os teus desejos; escusas de te cançar a fallar sobre esse assumpto.

—Oh! minha senhora, agora é escusado,—disse Jenny, deixando transparecer na voz a pena que a affligia. —O dinheiro que eu economisei deve ser todo para pagar as visitas ao medico, e além d'isso... ha ainda o enterro; mas a parochia se encarregará do enterro, por conta do fundo dos pobres; não quero pensar n'isso, nem desejo que a senhora pense: o corpo é meu, e não importa quem o enterre.

—Calla-te, minha filha, calla-te!—supplicou a sr.ª Boyce, vendo que a doente fallava com difficuldade.—Não julgues que tens de pagar ao medico, nem que a parochia tenha alguma coisa a fazer comtigo. Hei de fazer, por ti, tudo quanto uma mãe faria por uma filha; assim, podes dispôr do teu dinheiro como entenderes.

—E' muito grande a sua bondade, minha senhora,—respondeu Jenny, com as lagrimas nos olhos.—Diga-me, minha senhora,—accrescentou a joven, depois de uma breve pausa—que tempo julga o medico que eu poderei ainda viver?

—Não m'o disse; mas o que é preciso é que estejas muito socegada, para não fazeres mal a ti mesma.

—Por quem é, minha senhora, deixe me fallar á minha vontade antes de morrer. Só preciso dizer uma ou duas coisas.

—Muito bem, dirás o que quizeres; mas descança primeiro. Sinto lá em baixo os passos de meu marido; vou ter com elle, e não tardo aqui. Descançarás alguns minutos.

—Olhe, minha senhora, desejava tornar a ver o meu amo, e dizer-lhe adeus,—disse Jenny, em tom supplicante.—Parece-lhe que elle quererá dar-se o incommodo de vir cá cima?

—Vem, com certeza; tral-o-hei comigo quando voltar,—replicou a sr.ª Boyce, saindo do quarto.

O sr. Boyce sabia, quando saiu de casa pela manhã, que sua mulher tencionava dizer a Jenny, n'aquelle dia, que não era possivel restabelecer-se; e muitas vezes, durante as horas do seu trabalho, pensou, com compaixão, tanto na portadora d'esta triste noticia, como n'aquella que ia recebel-a.

As primeiras palavras que dirigiu á esposa, quando esta desceu ao andar inferior, foram para perguntar em que disposição recebera Jenny aquella noticia.

—Poupou-me o desgosto de lh'a dar,—respondeu a sr.ª Boyce.—A pobre rapariga foi a primeira a declarar-me, timidamente, que se sentia proxima a morrer.

O sr. Boyce ouviu, compungido, a narração, que sua mulher lhe fez, da breve entrevista que tivera com a doente. E logo enviaram um bilhete á sr.ª Stone, por um proprio, pedindo-lhe que viesse, e trouxesse comsigo o sr. Alberto, caso fosse possivel.

XVIII

Adormecida no Senhor

Em seguida, a sr.ª Boyce disse a seu marido que Jenny desejava despedir-se d'elle.

O sr. Boyce ficou incommodado com o pedido, e replicou, levantando-se da cadeira e aproximando-se da janella:

—Mas, para que serve ir eu lá cima?

Não havia n'estas palavras a intenção de desattender o desejo de Jenny; o sr. Boyce, porém, receiava não ter força sufficiente para entrar n'uma scena tão triste.

—A pobre rapariga ficaria satisfeita, se lá fosses. E' o seu ultimo pedido, e devemos lembrar-nos que ella esteve prompta para satisfazer os nossos.

—Bem, bem... irei. Ou antes, vamos já, antes que ella esteja mais cançada.

Subiram ambos ao quarto da doente. Estava acordada, como sua ama a havia deixado, e tinha os olhos brilhantes e dilatados. Um sorriso de satisfação illuminou o rosto de Jenny, ao ver entrar o dono da casa.

—Muito obrigada lhe fico, por me haver dado a alegria de tornar a vêl-o mais uma vez,—disse a joven.—E' muita bondade da sua parte vir dizer-me adeus.

—Então não te sentes melhor?—disse o amo, diligenciando fallar com desembaraço; a voz, porém, prendia-selhe na garganta, mau grado seu.

—Nada, não senhor; mas espero que a senhora não ha de perder com isso. Depressa arranjará uma mulher mais forte e melhor do que eu; de maneira que não lhe farei falta,—respondeu Jenny, em voz baixa, e detendose a cada palavra.

A sr. Boyce não se atreveu a dizer quanto havia de sentir a sua falta, para não a affligir.

—E' coisa tão alegre ir a gente para casa... para o céu!—continuou Jenny;—mas teria gostado de ficar mais algum tempo para servir os meninos... e para mais alguma coisa; mas Deus sabe o que é melhor. Tive pensamentos contrarios á sua vontade; mas já os não tenho.

—Esse «mais alguma coisa», em que fallaste, referia-se ás creanças que querias mandar para a escola?—perguntou a sr.ª Boyce.

—Sim, minha senhora, mandal-as para a escola, e mais do que isso... olhar por ellas, pelos corpos e pelas almas, tratar de salval-as para este mundo e para o outro, como eu fui salva. Oh! afflige-me pensar n'ellas; e eu podia ter sido util a algumas, pelo menos.

—Eu farei esse trabalho em teu logar,—disse a sr.ª Boyce, em tom de quem queria socegal-a.—Não falles mais, por agora, minha filha.

De facto a joven ia-se excitando demasiadamente, para o estado de fraqueza em que se achava. Erguera a voz, e tinha as faces incendidas pela força do enthusiasmo de que se possuira.

—Oh! minha senhora, consinta que eu falle! Talvez não torne a ter outra occasião,—instou a moribunda.—Alegrou-me tanto a sua promessa! sei que a cumprirá, e muito melhor de que eu faria. Mas lembrar-se-ha, minha senhora, de como eu fui... tão rôta, tão suja, tão ignorante? peço-lhe que não considere as raparigas d'esta classe como indignas de serem soccorridas. Se almas bondosas não me houvessem ensinado, nunca eu poderia ter ajudado meu pae a seguir pelo caminho que conduz á gloria; e que seria de mim, hoje em dia, se me tivessem desprezado, e julgado indigna?

Jenny callou-se; e a sr.ª Boyce respondeu-lhe, com brandura:

—Hei de lembrar-me, Jenny. Aproveitarei todas as occasiões, que se me apresentarem, para cumprir os teus desejos; e sei que me será possivel tomar algumas d'essas raparigas sob meu cuidado, e olhar por ellas até que possam arranjar a sua vida.

Jenny conservou-se silenciosa por alguns minutos. Estava immovel, a fim de ganhar forças para dizer mais alguma coisa. Por fim, quebrou o silencio:

—Ellas hão de apurar-lhe a paciencia, minha senhora, e hão de dar-lhe muitos dissabores. Talvez algumas desprezem toda a sua bondade, e a contrariem, a ponto da senhora se enfadar. Sei bem o que ellas são, porque vivi no meio d'ellas, e fui uma d'ellas. Mas se o Senhor tivesse julgado conveniente conservar-me a vida, creio que eu havia de ter uma extraordinaria paciencia para com ellas... lembrando-me da que tiveram para comigo. Peço-lhe, pois, que lhes dedique todo o seu coração, e que não ponha nenhuma de parte, senão depois de uma boa lucta. Lembre-se de mim, minha senhora, e seja paciente para com as raparigas da minha classe.

—Está descançada,—replicou a sr.ª Boyce.—Ninguem sabe quão preciosas são essas pobres almas abandonadas, nem quão uteis poderão tornar-se. Tu foste uma benção para mim, querida filha; é o que posso affirmar, de todo o coração.

O sr. Boyce, de pé por detraz da cadeira de sua mulher, e com as mãos nas algibeiras, tossiu roucamente.

Jenny olhou para elle fixamente, e disse:

—E o senhor, quer ajudar-nos tambem? Desculpe o meu atrevimento; mas, que quer? a seara é tão grande e os segadores tão poucos...

—Desejava fazer-te uma promessa tão prompta como a que te fez tua ama; mas bem sabes que penso de outro modo ácerca d'estas coisas.

—Pois... tenho pena!—murmurou Jenny.

—Tambem eu;—replicou o sr. Boyce, como se fallasse comsigo mesmo, e fazendo-se muito córado.—Ha difficuldades, no caminho que sigo, que tu não conheces, minha filha, o que é para ti uma felicidade.

—Que difficuldades pode haver no caminho que nos leva a Jesus?

—Muitas, todos os nossos peccados, e innumeras duvidas, de varias especies.

Jenny replicou com estas palavras de um hymno que aprendera na escola:

«Nossos peccados pagou;
Pela morte que soffreu
Vida para nós comprou».

—A propria phrase «ir a Jesus» é, por si só, uma difficuldade,—continuou o sr. Boyce, pondo de parte as reservas, e fallando abertamente.—Tenho ouvido repetil-a n'um sem-numero de sermões. Mas que significa ella? O que é «ir a Jesus?»

Na sua precipitação de querer responder, Jenny arrastou a cabeça sobre o travesseiro, a fim de ficar mais proxima de seu amo.

—Ouça-me, senhor; eu era muito pequena quando fui a Jesus, e fui como creança. As pessoas adultas devem ir a Jesus do mesmo modo, mas creio que lhes é difficil. Quer que lhe diga o que entendo por «ir a Jesus?»

—Quero, sim.

—Parece-me que por essas palavras se deve entender

o esquecimento de tudo quanto ha, excepto, que «sou peccador» e «Jesus é meu Salvador.» Recorda-se d'aquella noite que passámos, no mar alto, dentro da lancha?

—Perfeitamente.

—Bem. Se tivesse sobrevindo um temporal, e nos tivessemos encontrado prestes a ir para o fundo, não teriamos outra coisa a que nos agarrassemos senão a esta verdade:—«Sou peccador. e Jesus é meu Salvador» Não existe outra verdade, para nós, quando estamos bem e de saude, nem quando estamos proximos de morrer. Devemos pôr de parte os nossos peccados, as duvidas, os receios, e tudo o mais, para só nos abraçarmos áquella verdade, a qual não falhará, porque o Senhor nos deu, por ella, a sua palavra.

—Custa-me a crer que isso dê em resultado uma mudança de vida,—disse o sr. Boyce, como se fallasse comsigo mesmo.

—Quando eu «fui a Jesus», não pensava, absolutamente, no resultado que d'ahi adviria,—disse Jenny, em voz cada vez mais fraca.—Primeiro veiu a alegria; depois o desejo intimo de servir o Senhor, de alguma maneira, e este permaneceu para sempre em mim. Oh! quanto eu desejaria viver mais algum tempo para o realisar; mas a senhora e o senhor hão de fazer tudo quanto poderem em favor d'aquellas que eu queria ajudar; é, portanto, indifferente que eu podesse fazer alguma coisa. Promette, pela sua parte, por amor do nosso querido Salvador?

—Espero cooperar n'essa obra, mas não me atrevo a prometter-t'o formalmente... Farei, comtudo, o que estiver ao meu alcance.

Os labios de Jenny entreabriram se, n'um novo esforço para fallar; mas não poude articular uma palavra, e tornou-se extremamente pallida.

—Desfalleces, Jenny,—disse a sr.ª Boyce, com ternura.—Bebe um gole de agua.

E, erguendo-lhe a cabeça, humedeceu-lhe os beiços ressequidos.

—Socega agora um pouco, e não falles. Já tens fallado demais,—accrescentou ella, com bondade.

O sr. Boyce acercou-se do leito, e, tocando levemente na cabeça de Jenny, que repousava sobre a almofada, disse:

—Tenho de retirar-me, e tu faze por dormir. Boa noite, Jenny.

A joven fixou n'elle os seus olhos grandes, e, depois de alguns momentos de silencio, disse, como que suspirando:

—Adeus, meu senhor: Deus o abençoe.

O sr. Boyce voltou-se, sensibilisado, e desceu para o andar inferior. O filho=o menino que tivera a escarlatina =estava todo entregue aos seus brinquedos e distracções infantis. Ao fital-o, o pae considerou que não sabia se lhe teria sido mais doloroso dizer o ultimo adeus áquelle filho, do que a sua triste despedida de Jenny.

A sr.ª Boyce tambem se retirou, por um momento, para ir deitar o menino; voltando em seguida para junto do leito da doente. Jenny extenuara-se tanto na sua entrevista com o amo, que não mostrava disposição para fallar. Estava perfeitamente socegada, fechando os olhos, de vez em quando, por alguns minutos, emquanto os labios se moviam n'uma silenciosa oração; mas estava no completo goso das suas faculdades.

Fallou uma vez na sr.ª Stone, manifestando o desejo de que ella chegasse depressa.

Finalmente, o seu desejo foi cumprido; a sr.ª Stone e o sr. Alberto chegaram juntos. Foi doloroso o choque que ambos soffreram quando viram que Jenny estava moribunda. Era a primeira noticia que tinham da sua doença; porque a sr.ª Boyce, suppondo que Jenny tinha um simples ataque de febre, entendera que em breve se restabeleceria, e que era desnecessario assustar a sr.ª Stone. Agora era preciso occultar toda a emoção, por amor da moribunda. Mas era difficil estar junto d'aquelle leito, vêr aquelle corpo enfraquecido, quasi a despedir-se da vida, e ser obrigado a callar um grito de dolorosa surpreza, que daria ao coração algum allivio.

—Jenny, minha querida filha!... oh! se eu soubesse o estado em que estás, teria vindo mais cedo!—exclamou a

sr.ª Stone, ajoelhando ao pé do leito, e beijando as faces de Jenny.

Comprehendeu, em seguida, quanto a joven era superior ao dó manifestado n'estas palavras: um sorriso de felicidade illuminou o rosto da doente, que respondeu com voz fraca:

—Não é tarde, minha querida amiga. Estou-lhes tão grata por tornar a vêl-os, ambos. Meu querido mestre!... —accrescentou, olhando para Alberto e estendendo a mão para elle.

A recordação das muitas horas agradaveis que tinha passado a ouvir a voz do mestre, passou-lhe rapida pela mente, quando o saudou.

Alberto pegou na mão de Jenny, e continuou a sustel-a entre as suas, conservando-se de pé, junto ao leito.

—Tambem nós nos alegramos por te vêr, Jenny,—disse elle, com voz tremula,—comquanto nos afflija encontrar-te n'este estado.

—Não se afflijam... eu tambem não estou afflicta, agora. Desejava viver, para uma coisa. Mas a senhora encarrega-se de a fazer em meu logar; e melhor do que eu faria, porque é uma senhora... e tem meios e intelligencia.

Transpareceu no olhar da sr.ª Stone uma certa curiosidade.

—Eu logo lhes explicarei de que se trata,—disse a sr.ª Boyce, em meia voz.

Jenny callara-se para descançar.

—Então, como te sentes?—perguntou a sr.ª Stone, repetindo essa pergunta banal, que o uso impõe a quem visita um doente.

Jenny respondeu com um sorriso. Momentos depois, tornou a fallar.

—Queridos amigos! fostes sempre tão bons, tão amaveis para comigo! Fostes todos, para mim, uma bonção tão grande!

—E tu uma benção para nós, querida filha,—interrompeu Alberto.—Fizeste *alguma coisa* pelo nosso supre-

mo Mestre, que tanto amas. Não viveste em vão, querida Jenny.

A joven ouviu estas palavras entre lagrimas e sorrisos. Uma expressão de ineffavel contentamento lhe brilhava no rosto, e estava como que inconsciente da presença dos que a cercavam.

Depois de longo silencio, que foi para elles terrivelmente solemne e extraordinario, Jenny fez um derradeiro esforço para se escapar ao acariciador abraço da morte, e disse:

—Estou muito cançada, para poder fallar mais... Adeus, até que nos encontremos... lá em cima. Agora... agora vem o somno que Elle dá aos que ama... sim... aos que ama... Oh! é prodigioso!...

Amorteceu-se-lhe, pouco a pouco, o colorido das faces, e densa e fria sombra o substituiu. Socegada, como a creancinha que adormece no regaço da mãe, adormeceu Jenny no seu doce e ultimo somno. A ovelhinha, outr'ora desprezada, desgarrada, lançada á margem, e que tinha sido conduzida ás verdes pastagens e á beira das aguas tranquillas, estava agora salva no redil do Bom Pastor.

Quem pode contar o numero das que andam desgarradas pelo inculto e arido deserto? Contam-se por legiões.

Cuide-se n'ellas. Conduzam-se ao redil.

FIM